

1917/2017: 100 anos da revolução russa

A ATUALIDADE DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Sumário

Introdução

- 1. O Partido Operário Socialdemocrata Russo e o bolchevismo.**
- 2. 1905: o debate sobre as lições da revolução**
- 3. 1914: A Guerra imperialista**
- 4. 1917: A revolução: entre fevereiro e outubro**
 - A revolução de Fevereiro**
 - Os Sovietes**
 - O regresso de Lênin e as teses de Abril**
 - As jornadas de abril**
 - Maior: Mencheviques e SR entram no governo**
 - Junho - Medindo forças**
 - Julho: a experiência com o governo provisório**
 - Agosto: O golpe de Kornilov**
 - Setembro: a virada**
 - A conferência democrática e o pré-parlamento**
 - As condições para a insurreição**
 - Outubro: A preparação para tomar o poder**
 - A insurreição**
 - A estratégia dos bolcheviques: a revolução mundial**
- 5. O Partido Bolchevique: ferramenta indispensável para a vitória da revolução de outubro**
- 6. A construção do Estado Operário**
 - A luta contra a opressão**
 - A paz de Brest**
 - A guerra civil**
 - Do “comunismo de guerra” a nova economia política**
 - A NEP**
 - A morte de Lênin**
- 7. A luta contra a burocracia**
 - A crise da NEP**
 - A oposição de esquerda e a derrota da revolução alemã**
 - A oposição unificada e a derrota de revolução chinesa**
 - A vitória da contrarrevolução burocrática**
- 8. Síntese e polémicas**

Bibliografia

Introdução

Este texto reproduz basicamente o material escrito em 2007 por José Alvarenga e João Ricardo Soares (na comemoração dos 90 anos da Revolução Russa) e busca sintetizar vários outros livros, documentos e discussões sobre a Revolução Russa, no sentido de ajudar os camaradas na realização das palestras e debates.

Ele não substitui o necessário estudo e leitura, somente ordena, condensa e sintetiza tanto a história da formação do Partido Bolchevique, como dos principais acontecimentos que vai de fevereiro a outubro e os principais fatos depois da tomada do poder até o processo de degeneração.

Fizemos uma serie de modificações, especialmente na parte que trata do Partido Bolchevique, ampliamos a parte sobre a Primeira Guerra Mundial e a traição da Segunda Internacional.

Os principais temas que propomos que se aborde na discussão:

- a. O papel do partido na luta pelo poder;
- b. Os soviete como órgãos de poder e de autodeterminação dos trabalhadores;
- c. O problema da Frente Popular;
- d. A estratégia fundamental dos bolcheviques: a revolução mundial;
- e. A atualidade da Revolução Russa a 100 anos da sua realização.

Secretaria Nacional de Formação, maio de 2017.

1. O Partido Operário Socialdemocrata Russo (POSDR) e o bolchevismo.

A Rússia e suas contradições

Antes de iniciarmos a discussão sobre a formação do partido bolchevique, analisaremos um pouco em quais condições sociais e políticas este partido foi construído.

No capítulo I da História da Revolução Russa, *As particularidades do desenvolvimento da Rússia*, Trotsky nos oferece um panorama para entender quais eram as principais contradições que assolava Rússia, e depois veremos mais a frente como as distintas correntes do movimento operário responderam a estas contradições no tocante ao caráter da revolução.

Dizia Trotsky: “O traço fundamental e mais constante da história da Rússia é o caráter atrasado de seu desenvolvimento, com o atraso econômico, o primitivismo das formas sociais e o baixo nível da cultura que é sua consequência obrigatória”.

Neste quadro podemos então compreender um aspecto fundamental da Rússia, como sintetiza Trotsky: enquanto que até o momento mesmo de eclodir a revolução, a agricultura se mantinha, com pequenas exceções quase no mesmo nível do século XVII, a indústria no que concerne a técnica e a sua estrutura capitalista esta ao nível dos países mais avançados”.

Apesar de seus traços medievais, Rússia era um país capitalista atrasado do ponto de vista econômico, estava inserida no mercado mundial dominado pelo imperialismo, através de grandes indústrias fundamentalmente oriundas de capitais estrangeiros; do ponto de vista econômico era uma semicôlônia do imperialismo, mas o império czarista, também oprimia a várias nacionalidades, assim como serviu de bucha de canhão aos interesses da contrarrevolução burguesa na Europa.

Assim, as relações semifeudais no campo, um proletariado numeroso e altamente concentrado, uma burguesia débil e dependente de um Estado autocrático e opressor, e um império decadente que submetia outras nacionalidades, formava os principais traços e classes da Rússia no período pré-revolução.

O Partido Bolchevique

Os russos praticavam uma economia atrasada para os padrões da Europa ocidental da época e entre 40 e 50% dos camponeses tiravam da terra menos do que necessitava para sobreviver. Os camponeses ricos, chamados kulaks, eram 12% do total dos camponeses, mas detinham cerca de 25% das terras.

A classe operária russa era reduzida em número: 10 milhões.¹ Ainda a indústria russa estava no mesmo nível das indústrias dos países desenvolvidos tanto no que respeita à técnica como no que toca à sua estrutura capitalista. Segundo Trotsky (A História da Revolução Russa), a proporção da classe operária que trabalhava em empresas “gigantes” - como mais 1.000 operários - na Rússia era de 41,4%, enquanto nos Estados Unidos da América era menor: 17,8%. Se considerássemos as regiões industriais, a proporção subiria para 44,4% em Petrogrado e 57,3% em Moscou.

A oligarquia financeira (fusão do capital industrial com o capital bancário) controlava a indústria e era estreitamente vinculada a grandes grupos imperialistas, principalmente franceses, ingleses, belgas e alemães. Trotsky estimava (A História da Revolução Russa) que 40% de todo o capital investido na Rússia pertenceria a estrangeiros. Esses capitalistas estrangeiros não tinham qualquer interesse em realizar mudanças políticas na Rússia, de onde auferiam tantos lucros. Ao contrário, a oligarquia financeira era aliada da aristocracia rural do País, vale dizer, da nobreza: Imperador Nicolau II, príncipes, condes, barões, duques etc, que controlava o poder político.

Para que a Rússia pudesse alcançar um desenvolvimento econômico maior e se modernizasse teria que adotar medidas profundas que permitissem o surgimento de um mercado interno forte, que, por sua vez, abrisse caminho para um maior desenvolvimento industrial. Na lógica capitalista, uma indústria forte e

¹ Outros autores, como Pierre Broué, no livro *O Partido Bolchevique*, utilizam outros números: “Las estadísticas que permiten evaluar el número de obreros son muy ambiguas, dado que una gran masa de hombres, tal vez de tres millones, oscila permanentemente entre el trabajo industrial y las labores campesinas. Se trata de una verdadera mano de obra flotante, que pasa años, o a veces solamente meses o semanas, trabajando en la ciudad, sin abandonar por ello el ámbito familiar y social campesino. Los obreros propiamente dichos son aproximadamente un millón y medio en 1900 y tres millones en 1912.”

competitiva frente às européias só poderia nascer de mudanças drásticas no campo, como a desapropriação das terras dos nobres e da supressão das pesadas cargas impostas por estes aos camponeses.

Isso não interessava aos imperialistas, que além de sócios dos nobres e da burguesia local, guardavam e queriam manter uma relação com a Rússia do tipo de metrópole rica para colônia sem indústria nacional.

Devido a esse seu caráter de burguesia completamente dependente do imperialismo e da aristocracia, era uma classe incapaz de realizar as tarefas democráticas e de independência nacional que as burguesias das nações desenvolvidas da Europa ocidental já tinham realizado há mais de 100 anos no caso francês e inglês e há algumas décadas no alemão. Não bastasse, a burguesia russa resistia a arrastar atrás de si o operariado e o campesinato numa revolução contra a nobreza porque essa luta fatalmente questionaria a própria propriedade burguesa.

Desse modo, a burguesia russa sempre permaneceu isolada das suas “irmãs” europeias e espremida e paralisada entre 2 gigantes: a nobreza russa e o imperialismo de um lado e a classe operária e os camponeses do outro.

Aqui fazemos uma analogia: No que diz respeito às tarefas de independência nacional (traduzidas para os nossos dias no não pagamento da dívida interna e externa, rompimento com o imperialismo e com os seus organismos políticos e econômicos, tais como a ONU e o FMI), a burguesia russa do início do século XX assemelhava-se à atual burguesia brasileira que também é dependente por completo do imperialismo e não dará qualquer passo no sentido de atingir sua independência, sobretudo frente ao imperialismo norte-americano, e teme que o proletariado, numa eventual luta revolucionária, lhe tome as propriedades.

O governo da Rússia era do tipo despótico oriental. A aristocracia dos Románov (família que detinha o poder estatal) historicamente exercia forte controle sobre a atividade econômica e justificava ideologicamente o seu poder político na vontade divina.

Apesar dos seus traços medievais, a Rússia era um país capitalista atrasado do ponto de vista econômico, e se inseria no mercado dominado pelo imperialismo como semicolônia.

As forças políticas

A burguesia liberal russa era muito frágil em termos políticos exatamente porque a economia, sobretudo a indústria nacional, era pouco desenvolvida. O partido dos liberais, o Partido Constitucional Democrata, chamado Cadete – menção às iniciais do nome da organização em russo – era dirigido pelo historiador Miliukov. Os cadetes reivindicavam o estabelecimento de limites ao absolutismo monárquico e a liberalização do regime russo por vias pacíficas. Não apoiavam as reivindicações dos operários nem as dos camponeses e acabaram se aliando aos nobres na Revolução operária de 1905 assim como nas de 1917.

As forças oriundas do movimento de massas estavam assim divididas:

1- No início do século o principal núcleo revolucionário em Rússia era constituído pelos *narodniki*, ou populistas. Consideravam os camponeses como a força motriz da revolução e o *mir*, a comuna rural, o embrião da futura sociedade, a base sobre a qual se desenvolveria o socialismo. Odiavam o capitalismo porque a industrialização destruía os fundamentos do *mir* e entendiam que a Rússia poderia saltar diretamente do feudalismo para o socialismo, sem passar pelo desenvolvimento capitalista.

2 – oriundo do movimento *narodniki*, Plekhánov, assim como outros fundadores da socialdemocracia russa, constatam na realidade um desenvolvimento do capitalismo na Rússia, iniciando uma ruptura com os pressupostos dos *narodniki* e aderem ao socialismo científico.

3 – Deste período, de consolidação de núcleo de marxistas, foram escritos muitos artigos e polêmicos contra a visão dos populistas. Mas queremos destacar dois trabalhos, o primeiro, *Quem são os amigos do povo e como lutam contra os socialdemocratas?*, de 1894, escrito por um jovem de 24 anos chamado Vladimir Ilitch Ulianov. Neste trabalho é fundamental destacar desde já como o jovem Lênin via a intrincada sociedade russa e as forças fundamentais em luta:

“nenhum marxista utilizou em qualquer lugar o argumento de que na Rússia deve haver capitalismo, porque há no ocidente, (...) Nenhum marxista viu jamais na teoria de Marx uma espécie de esquema filosófico-histórico obrigatório para todos, algo mais que a explicação de uma determinada formação econômico-social.”

E com o objetivo de compreender os traços fundamentais desta formação econômico-social uma segunda obra é destinada, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, iniciada em 1896 e concluída em 1899, quando este ainda se encontrava preso na Sibéria, é o golpe mortal na visão dos populistas.

4 – O Partido Socialista Revolucionário nasceu sob o impulso de militantes *narodnik* no início do século XX e foi o seu sucessor, uma vez que manteve a esperança na insurreição camponesa e seguiu alimentando o terrorismo político. A despeito disso, sob a pressão da Revolução de 1905, os socialistas-revolucionários (também chamados de Socialistas Revolucionários) reconheciam a vocação revolucionária da classe operária. Propunham, em seu programa, a construção de um socialismo baseado na pequena propriedade (uma versão de socialismo utópico). Advogavam a retomada das terras da nobreza e sua distribuição para o povo. Era um programa democrático-revolucionário. Angariaram a simpatia da intelectualidade e da pequena burguesia e construíram uma importante base social no campo. Como veremos mais adiante, quando tiverem o poder em suas mãos, desmentirão esse programa e contentar-se-ão com o programa mínimo da Socialdemocracia (democrático e reformista).

5 – A organização do operariado russo, como não podia ser diferente, acompanhava o desenvolvimento tardio da indústria no País. O primeiro grupo marxista russo (A Emancipação do Trabalho) surgiu em 1881 e foi fundado por Plekhánov. Esse revolucionário traduziu as principais obras de Marx e Engels para o russo. Sustentava que a classe operária, devido à sua concentração em regiões industriais e às suas condições de trabalho, principalmente à necessidade de cooperação que caracteriza o trabalho na fábrica, tinha favorecida a chance de atingir uma consciência de classe assim como uma organização maior do que as permitidas aos camponeses e à pequena burguesia. Por isso, mobilizada politicamente, a classe operária arrastaria atrás de si o campesinato. Afirmava que era necessário que a Rússia passasse por um período de capitalismo industrial e de desenvolvimento das forças produtivas (de aumento numérico da classe operária em particular), como uma etapa indispensável, antes de se chegar ao socialismo (é o que se chama etapismo). Plekhánov também atacou impiedosamente a concepção de ação individual terrorista dos *narodnik* e socialistas-revolucionários, afirmando que os revolucionários somente poderiam cumprir um papel decisivo quando essa ação fosse desenvolvida acompanhando o desenvolvimento das forças econômicas e sociais.

Apesar da importância das polêmicas travadas pelo grupo marxista, diferentemente dos principais países europeus, na Rússia não havia um partido nacional. Esses partidos nacionais socialdemocratas eram modelos e um objetivo a ser alcançado pelos revolucionários russos.

Em seguida, em 1898, reúne-se o 1º Congresso do Partido Operário Socialdemocrata Russo. Redigem os estatutos e um manifesto do POSDR e elegem 3 dentre eles para compor um Comitê Central. Infelizmente, os 9 delegados são presos quase imediatamente após o Congresso. Apesar disso e da nova organização não ter chegado a funcionar de fato, muitos grupos políticos na Rússia reivindicavam esse Partido.

Assim o I Congresso não conseguiu cumprir com sua tarefa de unificação dos distintos grupos e muito menos estabelecer um centro de conexão entre as diversas organizações locais, o jornal do partido (a Gazeta operária) editado em Kiev, não passou do primeiro número.

Diante da dificuldade de formar o Partido no interior da Rússia, um grupo de intelectuais exilados decide organizar no exterior, e, portanto, a salvo da repressão, uma organização política centralizada e editar um jornal que seria distribuído na Rússia por intermédio de uma rede clandestina. Reúnem-se para tanto Plekhánov, Vera Zasúlich, Axelrod, mais velhos, e Lênin, Márto e Potresov, mais jovens e recém-saídos de prisões da Sibéria. Em 24 de dezembro de 1901 aparece em Stuttgart (Alemanha) o primeiro exemplar do jornal *Iskra* (Centelha). Almejavam organizar a classe operária e ajudar os diferentes grupos na Rússia a se unirem e construir o sonhado partido nacional. O objetivo da publicação também era oferecer aos grupos clandestinos um programa e um plano de ação. Krúpskaya, companheira de Lênin, se responsabilizou pela difusão do *Iskra* dentro das fronteiras da Rússia.

Depois do I Congresso podemos afirmar que se inicia uma nova fase na organização dos socialdemocratas russos, até o congresso de 1903, este período se confunde com a figura de Lênin e as batalhas políticas no interior do movimento.

Em 1898, ainda em seu exílio siberiano ganha a luz um folheto (editado em Genebra) *As tarefas dos socialdemocratas russos*, neste texto Lênin esboça pela primeira vez as ideias centrais que depois

desenvolverá em *O que fazer?*, define entre as tarefas centrais da social democracia como a de propaganda “das doutrinas do socialismo científico, (...) e sobre a tarefa histórica da socialdemocracia internacional e da classe operária russa.” Ao mesmo tempo em que caberia aos socialistas “fundir toda a sua atividade com os problemas práticos, cotidianos da vida operária, ajudar os trabalhadores a orientar-se nestes problemas, dirigir a atenção do proletariado para os abusos mais importantes de que são objeto, auxiliá-lo a formular mais exata e praticamente suas reivindicações aos patrões, desenvolver nos operários a consciência de sua solidariedade, a consciência da comunidade de interesses e da comunidade de causa de todos os operários russos como classe operária única, que integra o exército mundial do proletariado.”

Para tanto, era fundamental a “organização de círculos entre os operários, o estabelecimento de relações regulares e conspirativas entre eles e o grupo central dos socialdemocratas, a edição e difusão da literatura operária, a organização e o envio de correspondência de todos os centros operários, a edição de volantes e panfletos de agitação e sua difusão e preparação de um contingente de agitadores experimentados.”

Todos viam o *Iskra* como um jornal de luta contra o czarismo, apenas isso, um jornal revolucionário. Lênin, entretanto, tinha outra ideia: para ele o jornal substituiria a antiga bomba *narodniki*, serviria como arma, veículo de agitação e organização, na mão de um corpo de militantes dedicados exclusivamente a causa do socialismo. (Moniz Bandeira, *Lênin Vida e Obra*, Paz e Terra, 1978).

Dando continuidade as ideias desenvolvidas em *As Tarefas da Socialdemocracia russa* publica no quarto número do *Iskra* (maio de 1901) um longo artigo *Por onde Começar?* Aqui as tarefas já tomam a forma necessária de construir um tipo de organização de combate, baseada na agitação política.

Antes de desenvolver mais a fundo suas ideias, empreende esforços no sentido de ganhar os economicistas, fracassada a tentativa inicia a polêmica aberta e no início de junho de 1901, parte para a ofensiva e publica *O que fazer?*.

Essa obra é fundamental. Nela Lênin combate os socialistas que chama de “economicistas” ou “economistas”. Aparentemente *O que fazer?* polemiza tão somente com a corrente conhecida por *economicistas*, pois estes afirmavam que o capitalismo ainda não se desenvolvera minimamente no País. Que à classe operária cabia levar adiante a luta pelas suas reivindicações econômicas e apoiar politicamente os liberais, portanto a construção de um partido operário não teria sentido algum. A publicação de *O que fazer?* não suscitou de cara diferenças entre os Iskristas, principais organizadores do II Congresso do partido, que se realizará em 1903, portanto dois anos após a publicação da obra de Lênin. Mas como veremos os pressupostos adotados nesta obra será a causa fundamental da cisão entre maioria e minoria no seio da Socialdemocracia russa.

Quando os economicistas sustentam sua posição de que a luta pelas bandeiras econômicas, ou seja, a luta estritamente sindical é a tarefa fundamental da social democracia, todos os Iskristas se unem em afirmar a necessidade da luta política. Mas a resposta de Lênin na luta contra o sindicalismo, leva um matiz próprio, na luta contra a autocracia czarista era necessário fazer alianças, mas a condição de que: “os socialistas tenham amplas possibilidades de revelar aos operários o antagonismo irreconciliável entre seus interesses e os da burguesia”.

Assim para Lênin era impossível que automaticamente, ou seja, através das lutas sindicais, que os operários chegassem à consciência socialista. Que a política dos “economicistas” produziria apenas a dependência política do operariado à burguesia.

Assim a necessidade do partido, tinha um significado estratégico para a revolução, era não somente a expressão da independência de classe, mas a forma em que o programa se concretiza pois no final a concepção sindicalista acabava “pregando a teoria da atenuação das contradições sociais, proclamando que é absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reduzindo o movimento operário e a luta de classes a um tradeunionismo estreito e à luta realista pelas reformas pequenas e graduais.”

Desta forma Lênin demarcava claramente as diferenças, não havia espaço para posições dúbias, pois a relação entre partido e estratégia da revolução, não poderia ficar nebulosa, sua concepção de partido se baseia, portanto nas tarefas que deve enfrentar o proletariado na revolução.

Daí a importância que tem a teoria: “Sem teoria revolucionária não pode haver (...) movimento revolucionário. Nunca se insistirá demais sobre essa ideia num tempo em que a prédica do oportunismo em voga vai unida ao entusiasmo pelas formas mais mesquinhas de atividades práticas.”

Por isso insistia que “só os míopes podem julgar inoportunas ou supérfluas as discussões de frações e a delimitação rigorosa dos matizes.”

Assim a importância da teoria, estava em delimitar não somente as tarefas futuras, mas em construir uma atividade do partido ou da vanguarda da classe operária de modo que *“tudo o que seja prosternar-se ante o movimento espontâneo, tudo o que seja rebaixar a importância do elemento consciente, a importância da socialdemocracia, equivale – independente da vontade de que o faz – a fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários.”*

E colocava como parte da ideologia burguesa a consciência sindical, pois *“visto que não se pode falar de uma ideologia independente das massas no curso de seu movimento – o problema então se apresenta somente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista.”*

Sem desprezar nenhuma ação das massas, as mínimas que sejam, desde a luta sindical até a luta mais geral, Lênin ressaltava a importância do partido como fator consciente na luta pelo socialismo. Assim, quanto mais poderoso é o impulso espontâneo das massas, de forma a que se transforme em ascenso generalizado *“tanto mais rapidamente aumentará a necessidade de uma elevada consciência, seja no trabalho teórico...seja no terreno político e de organização.”*

Assim o valor da teoria e do elemento consciente se torna indispensável para a compreensão do papel do partido no processo revolucionário.

Para tanto o partido deveria ter fronteiras claras e delimitadas, não podia se confundir com a classe, era uma parte dela, mas lutava pela agitação política e pela propaganda e organização por um objetivo, e somente os que atuavam de acordo poderiam ser membros do partido – a esses Lênin chama de revolucionários profissionais. E nas condições de repressão da Rússia, esta deveria ser uma organização clandestina, que unisse o trabalho legal com o trabalho ilegal.

A partir destas premissas, Lênin atuará no segundo congresso do partido que ocorrerá entre julho e agosto de 1903.

O 2º Congresso do Partido Operário Socialdemocrata Russo – POSDR - aconteceu entre julho e agosto de 1903 em Bruxelas e em Londres. Dos 50 delegados apenas 4 eram operários. Os delegados vinculados ao **Iskra** constituíam a maioria. Adotou-se um programa escrito por Plekhánov e Lênin. Nele encontramos pela primeira vez a fórmula “ditadura do proletariado” como sendo “a conquista do poder político pelo proletariado, condição indispensável da revolução social”. Essa formulação obteve o consenso dos presentes.

Entretanto os delegados e mesmo a equipe central do **Iskra** dividiram-se ao definir quem seria membro do POSDR, no parágrafo 1 do Projeto de Estatuto. Aí se deu a divisão entre bolcheviques (*maioria* em russo) e mencheviques (*minoría* em russo) em torno de quem deveria ser membro do Partido: Lênin defendia que o membro do partido devia ser militante ativo, pertencente a alguma célula do partido enquanto MártoV defendia uma estrutura mais light, onde bastava uma pessoa se declarar membro do partido para que fosse aceita. Venceu a proposta de MártoV. Porém, essa maioria foi momentânea. Quando os delegados da ala oportunista (do **Bund**, partido dos operários judeus) abandonaram o congresso, os partidários de Lênin se tornaram maioria. Essa “pequena diferença” revelava diferentes visões estratégicas sobre o caráter do partido e da revolução, ainda que neste momento nenhum dos protagonistas entenderam assim.

Nesta condição, Lênin tinha a maioria dos votos para eleger o CC (que tinha um papel prático, de condução do partido no interior da Rússia) e a redação do **Iskra** (que tinha o papel de direção ideológica do partido e funcionava no exterior). Para o comitê de redação do jornal o congresso elegeu Lênin, Plekhánov (neste momento estava junto com Lênin) e MártoV. Os mencheviques boicotaram os organismos dirigentes e não se subordinaram as decisões do Congresso. Plekhánov, depois de alguns meses, mudou de lado e se rendeu aos mencheviques, que dominaram todos os organismos e Lênin foi obrigado a se demitir da redação do **Iskra**, que iniciou uma virada oportunista no jornal.

De 1903 até 1912, vão se aprofundar as divergências entre as duas frações. Exceto um pequeno período em 1906, onde se deu um congresso de “reunificação”, as duas frações funcionaram como partidos independentes, com jornais próprios, finanças próprias e organismos próprios. Em 1912, se produziu a ruptura definitiva entre bolcheviques e mencheviques.

2. 1905: o debate sobre as lições da revolução.

Sobre a revolução de 1905, queremos somente tomar os temas fundamentais que marcaram o processo de 1917, tanto os Sovietes como o debate em relação ao caráter da revolução.

O movimento grevista que se inicia em 1905 se chocou com o regime monárquico. As principais reivindicações do conflito tinham caráter político e democrático: eleição de parlamentares para a Assembleia Constituinte e concessão de liberdades democráticas, além da jornada de 8 horas de trabalho. Sob esse ponto de vista, a de 1905 foi uma Revolução burguesa.

Por outro lado, a classe operária foi indiscutivelmente a sua vanguarda e os seus métodos de luta deram-lhe a tônica: soviete, greves, piquetes, manifestações de rua e passeatas. Desse prisma, a Revolução de 1905 foi operária.²

Em seu livro **1905**, Trotsky faz um exaustivo balanço do ensaio revolucionário e das causas fundamentais da derrota:

“Os patrões decidiram que a “gloriosa” (tal como a denominavam a eles) greve de outubro tinha que ser a última e organizaram a União Anti-Revolucionária do 17 de Outubro. Tinham suficientes razões para fazê-lo. Cada um deles teve fartas oportunidades de descobrir em sua própria fábrica que os benefícios políticos da revolução estão de mãos dadas com a consolidação da postura dos operários contra o capital. Certos políticos acreditam que o problema principal na luta pela jornada de oito horas foi que provocou a divisão final da oposição e transformou o capitalismo numa força contrarrevolucionária. Esses críticos gostariam de colocar a energia de classe do proletariado à disposição da história sem aceitar as consequências da luta de classes. Não é necessário assinalar que a decisão unilateral da jornada de oito horas estava destinada a produzir uma violenta reação por parte dos patrões. Mas é pueril acreditar que sem essa campanha específica a aproximação dos capitalistas ao governo bolsista capitalista de Witte não teria acontecido. A unificação do proletariado como uma força revolucionária independente que se colocou à testa das massas populares e representou uma constante ameaça para a “ordem pública” era um argumento suficiente em favor de uma coalizão entre o capitalismo e as autoridades.”

E depois conclui:

“O proletariado não foi derrotado na insurreição de dezembro e janeiro por seus próprios erros, mas por uma razão mais real: as baionetas do exército camponês.”

Essa contradição entre a natureza das bandeiras da luta e o seu agente principal desafiaria tanto os mencheviques como os bolcheviques a se posicionarem definitivamente em relação à revolução socialista.

As consequências políticas da revolução de 1905

Os bolcheviques adaptaram-se muito lentamente às novas condições de luta impostas pela Revolução de 1905. Eram bons conspiradores, mas não souberam se tornar agitadores e guias da multidão com a rapidez que a situação exigia.

Pela primeira vez surgiram soviete (conselhos em russo). Eles se disseminaram pelas fábricas e bairros das grandes cidades. Foi por meio desses organismos - dos sovietes - que os operários organizaram a sua luta. Pois bem, os bolcheviques, primeiro se surpreenderam com a sua aparição e força, depois demoraram a compreender que somente mediante a ampliação da sua influência nesses conselhos poderiam dirigir o movimento revolucionário de conjunto na Rússia.

Já os mencheviques se deixaram arrastar mais facilmente pela correnteza dos acontecimentos e se fundiram com ela. No entanto apenas 1 jovem socialdemocrata desempenhou um papel relevante nos sovietes: Trotsky foi Presidente do Soviete de Petrogrado, um dos centros mais importantes da Revolução.

Mas apesar da lentidão do partido, algumas questões se destacam. Como analisou Lênin em sua obra que fazia o balanço do segundo congresso, as diferenças aparentemente banais em torno ao artigo primeiro do estatuto, sobre os critérios de militante e a necessidade da centralização do partido, pronto ganham sua importância na atuação da revolução em 1905.

A seguir tomamos emprestado a descrição de E. H. Carr³:

² “A originalidade da revolução russa está em que foi democrático-burguesa pelo seu conteúdo social, mas proletária pelos seus meios de luta.” (...) “Os operários e os camponeses fardados foram a alma das insurreições; o movimento tornou-se popular. Pela primeira vez na história da Rússia, abraçava a maioria dos explorados. O que lhe faltou foi, por um lado, a firmeza, a resolução das massas, demasiado sujeitas ao mal da confiança, e, por outro, uma organização dos operários socialdemocratas revolucionários fardados: estes não estavam em condições de assumir a direção do movimento, de se pôr à cabeça do exército revolucionário e desencadear a ofensiva contra as autoridades governamentais.” Relatório Sobre a Revolução de 1905. V. I. Lenine, 22 de Janeiro de 1917

“O motivo que havia originado a ruptura no segundo congresso produziu a impressão de que, como ambas as frações haviam aprovado em comum acordo o programa do partido e discordado unicamente a propósito dos estatutos, o conflito afetava somente a organização e não a doutrina. Ainda que no começo isto fosse verdade, a brecha se ampliou e aprofundou rapidamente.

(...) Os mencheviques acusavam os bolcheviques de transgredir o esquema evolucionista marxista ao tratar de organizar, mediante procedimentos conspiratórios, uma revolução proletária sem existir as condições para sua realização, dado que o desenvolvimento russo atravessava neste momento uma etapa burguesa; Por outro lado os bolcheviques acusavam os mencheviques de considerar a revolução como um “um processo de desenvolvimento histórico” e não como algo que se deve ser organizado de maneira consciente e obedecendo a um plano deliberado.

(...) Os bolcheviques eram homens de ação decididos a organizar a revolução por procedimentos tanto legais como ilegais...”

A diferença de como encarar o papel do partido na revolução em curso ganha toda força no desenrolar dos acontecimentos de 1905.

Os fatos que desencadeiam a revolução leva a Lênin a um profundo estudo sobre as obras militares de Marx e Engels, sobre a Comuna de Paris, além disso estuda a fundo uma das mais famosas obras sobre o problema militar *Da Guerra*, do famoso general prussiano Clausewitz. Dedicou vários artigos aos problemas militares da Revolução, mas é um artigo publicado em fevereiro de 1905, intitulado *Devemos organizar a revolução?* onde discute como a insurreição deveria se organizar e preparada pelo partido, define a diferença cardinal como os bolcheviques e mencheviques definiam sua participação na revolução.

O partido discute não somente a necessidade de um sujeito político para a revolução, o partido, tem o proletariado como o sujeito social, mas também trabalha a necessidade do sujeito militar.

Assim todas as polêmicas de concepção do partido ganha agora um sentido profundo e prático durante a revolução. Ao mesmo tempo em que encara a revolução como um problema teórico e prático, os bolcheviques formulam um programa, isso os diferenciava claramente dos outros partidos e da burguesia liberal:

- a) Por uma Assembleia Constituinte eleito por todo o povo;
- b) Pelo armamento do povo;
- c) Pela liberdade política;
- d) Plena liberdade para as nacionalidades oprimidas;
- e) Jornada de trabalho de 8 horas;
- f) Pela organização de comitês revolucionários de camponeses.⁴

Assim dois foram os elementos fundamentais que caracterizaram a intervenção da fração bolchevique, a primeira o papel do partido no processo e a segunda a necessidade de mobilização da classe operária e esta como a força motriz da revolução, apesar do caráter burguês da mesma. A palavra de ordem da Assembleia Constituinte foi subordinada a quem devia convocá-la: os trabalhadores a partir de uma insurreição vitoriosa ou o czarismo em acordo com a burguesia traidora? Para Lênin, a única forma de ter uma Assembleia Constituinte era com uma insurreição vitoriosa que derrubasse o Czar e impusesse a liberdade política e a entrega de terras aos camponeses. Isto se expressou na tática dos bolcheviques de boicote a Duma de Bulguin, cujo objetivo era levar as massas para o caminho institucional das eleições parlamentares.

O problema dos soviets

O aparecimento de um tipo de organização operária distinta de qualquer outra conhecida até então, foi um dos aspectos mais importantes da revolução de 1905. Sobre ela, deixemos que um de seus presidentes a época, Trotsky, explica sua importância para a revolução e para o futuro da Revolução russa:

“A história do Soviete dos Deputados Operários de São Petersburgo é uma história de cinquenta dias. A Assembleia Constituinte do Soviete foi celebrada a 13 de outubro. A 3 de dezembro as tropas do governo encerraram uma reunião do Soviete.”

“À primeira reunião assistiram umas poucas dúzias de pessoas; na segunda metade de novembro o número de

³ CARR, E. H., História da Rússia Soviética. Vol A Revolução Bolchevique (1917-1923) Ed. Alianza Universidad, Madrid. Pág. 53.

⁴ Exercito Revolucionário e governo Revolucionário. Lênin, Publicado em *Proletari*, nº7 27 de junho 1905.

deputados se havia elevado a 562, incluindo seis mulheres. Essas pessoas representavam 147 fábricas e usinas, 34 oficinas e 16 sindicatos. O núcleo principal de deputados - 351 pessoas - pertencia aos trabalhadores metalúrgicos, que desempenharam um papel decisivo no Soviete. Havia 57 deputados da indústria têxtil, 32 das indústrias de artes gráficas e de papel, 12 dos atendentes do comércio e 7 dos escritórios e do comércio farmacêutico. O comitê executivo agia como ministério do Soviete. Formou-se a 17 de outubro e estava composto por 31 pessoas: 22 deputados e 9 representantes de partidos (6 das duas facções socialdemocratas e 3 dos socialistas revolucionários)."

"Qual era a natureza essencial dessa instituição que em um prazo tão curto assumiu lugar tão importante dentro da revolução e deixou a marca do apogeu de seu poder?"

"O Soviete organizou as massas trabalhadoras, dirigiu as greves e manifestações políticas, armou os trabalhadores e protegeu a população contra os pogroms. Também realizaram tarefas similares outras organizações revolucionárias antes que se criasse o Soviete, durante sua existência e depois. No entanto, essa tarefa não dotou essas organizações da influência que se concentrou nas mãos do Soviete. O segredo dessa influência repousa no fato de que o Soviete cresceu como o órgão natural do proletariado em sua luta imediata pelo poder, tal como o determinou o curso real dos acontecimentos. O nome de "governo dos trabalhadores", que por um lado deram ao Soviete os próprios operários e por outro a imprensa revolucionária, era expressão do fato de que o Soviete era verdadeiramente um governo dos trabalhadores em embrião. O Soviete representava poder na medida em que o poder estava assegurado pela potência revolucionária dos distritos de classe operária; lutava pelo poder na medida em que o poder ainda permanecia nas mãos da monarquia político-militar."

Lênin concluiu, também, que os Soviete eram a forma de poder revolucionário na Rússia, como a Comuna de Paris, 36 anos antes, havia expressado a primeira experiência de governo operário da história.

O debate sobre o caráter da revolução

A Revolução de 1905, embora tivesse reivindicações burguesas, a saber, a eleição de uma Assembleia Constituinte e a concessão de liberdades democráticas, foi protagonizada centralmente pela classe operária, que se utilizou dos meios de luta que lhe são próprios (greves, piquetes, manifestações, passeatas, soviets etc). Essa contradição exigiu dos mencheviques e bolcheviques novas explicações.

A partir de 1903, quando aconteceu o 2º Congresso do Partido, e mais acentuadamente depois da derrota da Revolução de 1905, mencheviques e bolcheviques passaram a divergir exatamente sobre a natureza do processo revolucionário que viviam.

Os mencheviques acusavam os bolcheviques de abandono do marxismo, porque estes buscavam, por métodos conspirativos, a revolução operária, sendo que as condições objetivas só permitiriam uma revolução burguesa. Os bolcheviques atacavam os seus rivais, que se recusariam a preparar e organizar a revolução operária, postergando-a para um futuro distante, o que resultaria na conversão dos mencheviques em defensores da ideia de que o desenvolvimento histórico por si só conduziria ao socialismo depois de uma série de etapas sucessivas, cabendo, por ora, ao partido operário o papel de mero coadjuvante da burguesia na sua luta contra a autocracia e por liberdades democráticas.

As duas alas da socialdemocracia russa se jogaram com o mesmo empenho aos eventos revolucionários de 1905. Coincidiam em afirmar que a luta fora derrotada porque a burguesia aliou-se à nobreza após obter a concessão de eleições e os levantes camponeses não se disseminaram por todo o país, fazendo com que as revoltas dos soldados e marinheiros não fossem às últimas consequências. Porém, os mencheviques, com Plekhánov à cabeça, concluíram que os operários não deviam ter "pegado em armas", que isso assustou a burguesia, que passou para o lado da contrarrevolução. Lênin dizia o oposto: a revolução de 1905 foi derrotada pela insuficiente organização do proletariado e do campesinato, além do papel contrarrevolucionário assumido pela burguesia, que temia mais os operários que o Tzar. Realmente os capitalistas russos surpreenderam-se com o papel de vanguarda dos operários na Revolução e os temeram justamente por isso. Afinal os operários bem poderiam, depois de vencer o Czar, derrotar também a burguesia e impor à Revolução o seu próprio desfecho: a tomada do poder, a exemplo do que acontecera na Comuna de Paris em 1871. Por isso antes mesmo de alcançar o atendimento de suas principais reivindicações (liberdades democráticas e jornada de 8 horas), a burguesia aliou-se à nobreza russa contra os operários para pôr fim às mobilizações. Tendo em vista que a revolta camponesa não se generalizou para todo o país, os operários acabaram sós e derrotados.

Ao final daquelas jornadas, os mencheviques pareciam seguros de que os fatos recentes teriam confirmado as suas análises. A Rússia seria imatura para a revolução socialista porque ainda vivia sob um

regime monárquico. Antes de pensar em socialismo, o povo russo teria que realizar uma revolução burguesa democrática, que derrubasse definitivamente a monarquia do poder, varresse os restos do feudalismo e impusesse um regime republicano democrático. Tratava-se de uma revolução democrática, semelhante à Revolução Francesa de 1789. Seguir-se-ia a ela um período de desenvolvimento econômico capitalista prolongado e de crescimento do contingente operário. Durante esta revolução democrática e este período de desenvolvimento capitalista, os socialdemocratas e o proletariado deveriam apoiar politicamente a burguesia liberal e pôr-se sob a sua direção política. Somente após a formação desse operariado numeroso e depois da sua experiência em lutas contra a burguesia russa pelo atendimento de suas próprias reivindicações, estaria colocada a questão do socialismo.

Por outro lado, os bolcheviques acreditavam que, de fato, em 1905 acontecera uma revolução burguesa democrática na Rússia e não socialista. As tarefas a serem cumpridas por esse tipo de revolução são extirpar a monarquia, a propriedade fundiária dos nobres e os traços restantes de feudalismo e garantir a jornada de 8 horas. Também os bolcheviques distinguiam rigorosamente a revolução burguesa da socialista.

Entretanto acreditavam que o sujeito social da revolução burguesa na Rússia seria o operariado, seguido pelos camponeses, e não os patrões. Por isso também figurariam na agenda revolucionária, em virtude do seu próprio desenrolar, reivindicações operárias e camponesas. Relembremos que os bolcheviques intervieram com base em 3 palavras de ordem no processo revolucionário de 1905: república democrática, confisco das terras dos proprietários nobres e jornada de 8 horas de trabalho. Afirmavam que a burguesia não concluiria jamais uma revolução burguesa que derrotasse completamente o Czar porque morria de medo do proletariado e preferiria, como aconteceu em 1905, manter-se sob o jugo da nobreza a correr o risco de romper essa aliança conservadora e se expor aos golpes do proletariado. Por isso essa tarefa competia aos operários e camponeses. Numa obra clássica dessa época - ***Duas Táticas da Socialdemocracia na Revolução Democrática*** -, Lênin dizia o seguinte:

“Naturalmente, numa situação histórica concreta entrelaçam-se os elementos do passado e do futuro, um caminho confunde-se com o outro. O trabalho assalariado e a sua luta contra a propriedade privada existem também sobre a autocracia, nascem mesmo do regime de servidão. Mas isto não nos impede minimamente de distinguir lógica e historicamente os grandes períodos do desenvolvimento. Pois todos nós contrapomos a revolução burguesa e a socialista, todos nós insistimos incondicionalmente na necessidade de estabelecer uma distinção rigorosa entre as mesmas, mas poder-se-á negar que, na história, elementos isolados, particulares, de uma e de outra revolução se entrelaçam? Não registra a época das revoluções democráticas na Europa uma série de movimentos socialistas e tentativas socialistas? E a futura revolução socialista na Europa não terá ainda muito e muito que fazer para completar o que ficou incompleto no terreno da democracia?”⁵

Se é verdade que os operários podiam lutar contra a monarquia ao lado da burguesia em alguma medida, não menos verdadeiro é que, pela própria dinâmica da luta de classes, logo teriam de se afastar dos patrões e levantar as suas reivindicações contra eles. Assim se justificava plenamente que os revolucionários devessem manter-se sob a direção de um partido estritamente operário e independente da burguesia. **O papel independente a ser desempenhado pela classe operária e o partido revolucionário na revolução burguesa foi, na época, a principal contribuição dos bolcheviques para o amadurecimento político do proletariado russo e europeu.**

O hipótese teórica levantada por Lênin era que esta revolução resultaria num regime de “ditadura revolucionária e democrática do proletariado e do campesinato” e encerraria uma primeira fase. Essa revolução talvez pudesse, a depender do apoio dos camponeses russos a essa ditadura e do avanço revolucionário nos países centrais da Europa, numa segunda etapa, ajudar a levantar o proletariado dos principais países capitalistas europeus e realizar, sob a direção dos socialdemocratas, a revolução socialista mundial, desfazendo o domínio burguês imperialista. Assim, Lênin vinculava a revolução democrática russa à revolução socialista europeia, como uma das principais lições da revolução de 1905:

“Limito-me a acrescentar algumas observações sumárias sobre o alcance mundial da revolução russa. Do ponto de vista geográfico, econômico e histórico, a Rússia pertence não só à Europa, mas também à Ásia. Por isso vemos que a revolução russa conseguiu não apenas retirar definitivamente do seu torpor o maior e mais atrasado país da

⁵ O excerto acima foi extraído do sítio eletrônico www.marxist.org, que traz a transcrição parcial do livro, autorizada pela Editora Avante.

Europa e criar um povo revolucionário conduzido por um proletariado revolucionário. Isto não foi tudo. A revolução russa também agitou toda a Ásia. As revoluções da Turquia, da Pérsia e da China mostram que a insurreição grandiosa de 1905 deixou marcas profundas e que é inapagável a sua influência, manifestada no movimento ascendente de centenas e centenas de milhões de pessoas.” (...) “Decerto, as formas e os objetivos das próximas lutas da revolução europeia do futuro serão diferentes sob vários aspectos das formas da revolução russa. Mas a revolução russa não deixa de ser – devido precisamente ao seu carácter proletário, com o sentido particular que já indiquei – o prelúdio da revolução europeia iminente. Não restam dúvidas que esta terá que ser uma revolução proletária, e num sentido ainda mais profundo da palavra: uma revolução proletária e também socialista no seu conteúdo..”⁶

Trotsky desenvolveu uma concepção original do processo revolucionário russo distinto das duas principais frações do POSDR. Aliado dos mencheviques no II congresso, rompeu com os mesmos em 1904, com o início das mobilizações operárias.

Dos acontecimentos da revolução de 1905, que participou como um dos protagonistas valeu-lhe as seguintes conclusões.

Que a burguesia russa não poderia levar adiante a luta até o final contra o czarismo, como ficou demonstrado pelos acontecimentos de outubro de 1905; que a força motriz da revolução era o proletariado industrial, em aliança com os camponeses, mas estes estavam privados de todo o papel independente na revolução, ou seguiriam a burguesia ou o proletariado; o aparecimento dos soviets, demonstrava que a classe operária não somente detinha a liderança, mas que ao tomarem as armas para lutar contra a ditadura e por suas reivindicações, a mecânica do processo levaria inevitavelmente a um enfretamento com a burguesia, como foi a luta pela jornada de 8 horas, mas ao estarem armados e no governo, não tinha porque a classe operária se submeter aos ditames da burguesia

Desta forma, para Trotsky estávamos diante de uma revolução democrático-burguesa que se converteria em socialista pelo sujeito social da mesma, o proletariado. Assim a força motriz da revolução era o que determinava o seu carácter.

Esta foi a primeira formulação da **Teoria da Revolução Permanente**, feita pelo autor, que se estruturava em torno ao sujeito social da revolução em curso. Trotsky não dizia que o carácter da revolução era socialista, como lhe combatia os críticos, senão que as tarefas democrático-burguesas somente seriam levadas a cabo por um governo operário, que no curso dos acontecimentos, tomariam medidas de transição ao socialismo. Não era uma teoria universal da revolução senão uma teoria para a revolução na Rússia, um país atrasado, mas com uma forte classe operária.

Trotsky opunha-se à fórmula de Lênin de “ditadura revolucionária e democrática do proletariado e do campesinato” porque não acreditava que o campesinato pudesse cumprir um papel independente na revolução, que seguiria o operário ou o burguês. Compreendia que o papel dirigente desempenhado pelos operários os levaria a realizar tarefas democráticas e socialistas ao mesmo tempo. Para obter o apoio dos camponeses, Trotsky dizia que os operários não poderiam ceder ao programa deles e abandonar o seu próprio programa. Entretanto, assim como os bolcheviques, compreendia ser impensável uma revolução socialista consolidar-se isolada na Rússia.

3. **1914: A Guerra imperialista e a degeneração da II Internacional**

No ano de 1914 tem início a I Guerra mundial, as potências imperialistas lutam pelo controle da Europa e das colônias espalhadas pelo mundo.

De um lado, França, Inglaterra e Rússia, do outro a Alemanha, Áustria e Itália. Os mortos contam-se aos milhões, foi a primeira vez em que a matança no capitalismo adquire o carácter de produção industrial. Tanto pelo número de mortos quanto pela tecnologia aplicada na matança.

O principal front de Rússia era contra a Alemanha. O exército Russo, mal equipado e maltrapilho, amarga derrotas humilhantes.

A produção agrícola sofre com a guerra, milhões de camponeses são incorporados ao exército, que compensa sua inferioridade técnica com carne humana.

⁶ *Relatório Sobre a Revolução de 1905*. V. I. Lenine, 22 de Janeiro de 1917.

Nas cidades, os operários são obrigados a alistar-se. A produção industrial cai os preços dispararam em particular dos alimentos. O desabastecimento tanto para as cidades como para o exército espalha a fome. As greves se multiplicam.

A guerra e a degeneração da II Internacional

A 1ª Guerra Mundial decretou a falência da 2ª Internacional, que traiu os interesses dos operários e oprimidos vergonhosamente. Os socialdemocratas alemães apoiaram a burguesia alemã na guerra que esta desenvolvia contra a França na disputa pelo controle de outros povos e mercados, indispensáveis para o aumento dos seus lucros. A Socialdemocracia francesa, por sua vez, deu toda a sustentação política às intenções imperialistas da burguesia francesa, que almejava dominar os mesmos povos e mercados, também em nome do lucro dos seus capitalistas.

As bases materiais do oportunismo na II Internacional⁷

Tudo estava ligado ao surgimento e fortalecimento do imperialismo. Os grandes lucros extraídos da exploração dos países coloniais e semicoloniais permitiram que as grandes potências fizessem algumas pequenas concessões a seus trabalhadores, melhorando o seu nível de vida. Assim surgiu a aristocracia operária, que foi a base social de fortes burocracias políticas e sindicais.

Na medida em que crescia seu bem estar, os dirigentes políticos e sindicais se isolavam dos sofrimentos, misérias e aspirações das massas arruinadas e empobrecidas dos povos coloniais. Bernstein, a máxima expressão do setor oportunista, argumentava que necessariamente existiam duas classes de povos: os dominadores e os dominados. Alguns povos, dizia ele, eram como crianças incapazes de se desenvolverem.

A morte da II Internacional⁸

Em outubro de 1912, Montenegro declarou guerra contra a Turquia. O perigo de um conflito mundial estava claro. A Internacional marcou um congresso extraordinário na Basiléia, para 24 e 25 de novembro. Foi aprovado por unanimidade um manifesto que chamava a enfrentar a guerra imperialista.

Em julho de 1914 o império austro-húngaro deu um ultimato à Servia. Os partidos da II Internacional puseram em prática o primeiro mandamento do Manifesto de Basiléia: *“Se a guerra ameaça estalar (...) vamos desenvolver todos os esforços com o objetivo de prevenir por todos os meios que se considerem efetivos”*. Em 29 de julho quando as tropas austríacas entravam em Belgrado, foram organizadas imensas manifestações contra a guerra, na Alemanha, Áustria, Itália, França e Bélgica.

Os dirigentes socialdemocratas confiavam que essas ações obrigariam seus governos a recuar. Mas não puderam impedir a guerra entre os países imperialistas. A Segunda Internacional e seus partidos teriam que colocar em prática o segundo mandamento do Manifesto da Basiléia: *“utilizar com todas as forças a crise econômica causada pela guerra, para sublevar as massas e precipitar assim a queda do domínio de classe capitalista”*. Era a prova de fogo. Havia que enfrentar o próprio imperialismo.

A II Internacional, porém, não passou na prova. A maioria dos dirigentes de todos os partidos terminou votando a favor dos créditos de guerra. Somente dois partidos não votaram a favor de seus próprios governos, os russos e os sérvios. Na Alemanha, o único deputado socialdemocrata que votou contra os créditos de guerra e que chamou os operários e soldados a voltarem as armas contra seus próprios governos foi Karl Liebknecht. O restante da socialdemocracia, segundo Rosa Luxemburgo, era *“um cadáver mal cheiroso”*.

O “centrismo”, representado por Kautsky, que nos congressos anteriores tinha votado por uma posição revolucionária diante da guerra, capitulou totalmente ao chauvinismo nacionalista. Pelo papel do “centrismo”, a direita oportunista, que era minoria e foi derrotada em 1904, terminou impondo suas posições, condenando a morte a II Internacional.

Lênin definiu assim o papel do “centrismo”:

“O “centro” está integrado pelos adoradores da rotina, desgastados pela gangrena da legalidade, corrompidos pela atmosfera parlamentar; são burocratas acostumados a posições cômodas e a trabalhos suaves. Histórica e

⁷ Extraído do livro *A Internacional, um combate permanente contra o oportunismo e o sectarismo*, de Alicia Sagra, editora Sundermann.

⁸ Idem

economicamente falando, não são um estrato diferente, mas representam apenas uma forma de transição de uma fase anterior do movimento operário – a fase entre 1871 e 1914, que forneceu muitos elementos valiosos, particularmente a arte indispensável de sustentar um trabalho organizativo lento, sistemático em grande escala – a uma nova fase que se foi produziu objetivamente com a Primeira Guerra Mundial, que inaugurou a era da revolução social.”⁹

Lênin concluiu, a partir do surgimento do imperialismo e da adaptação dos partidos da II Internacional ao reformismo, que o oportunismo não era mais uma “corrente de pensamento” no interior do movimento operário. Que havia se transformado numa organização contrarrevolucionária, que injetava a influencia da burguesia dentro do movimento operário. Eram os lacaios da burguesia imperialista dentro do movimento operário. Portanto, devia se declarar uma luta de morte a esta corrente com o objetivo de desacreditá-la no interior do movimento operário mundial. Também concluiu que era impossível coabitar no mesmo partido, revolucionários e reformistas.

Na Rússia, o apoio à Guerra foi bem menor entre os socialdemocratas inicialmente. Aproximaram-se mencheviques e bolcheviques na luta contra a 1ª Guerra. Os bolcheviques adotam uma postura derrotista e defendiam a transformação da Guerra imperialista em guerra civil. Para eles, seria melhor a derrota do Czar porque isso facilitaria o desenvolvimento da revolução na Rússia. Mártoov não aceitava esse ponto de vista e propunha uma paz democrática e sem anexações.

Apesar de sua posição contrária à Guerra e a favor da mudança da política da 2ª Internacional, Mártoov, líder dos mencheviques, não cogitava romper com ela.

No começo da 1ª Guerra, em novembro de 1914, a direção bolchevique e seus deputados na Rússia, foram presos e deportados.

Com o passar do tempo e diante dos primeiros choques armados, acabou crescendo o apoio popular à Guerra na Rússia e, conseqüentemente, as organizações socialdemocratas minguaram muito. Seguiram-se - de 1914 a 1916 – de refluxo e desorganização. Segundo Trotsky, o recrutamento forçado para o Exército dos operários mais rebeldes e conscientes nesse período chegou a incríveis 40% do total do operariado, atingindo, sobretudo, a sua parcela mais especializada. Eles foram substituídos por camponeses, recém-trazidos para as cidades e por mulheres.

Passados 3 anos de mortes e sofrimento na Guerra e decadência das condições de vida na Rússia, o Czar, o Exército e o que restava do pacifismo, perdem o apoio que reuniram antes e desmoralizam-se completamente. A indisciplina corre solta nas tropas, o descontentamento invade as fábricas e bairros operários.

4. 1917: A revolução

A revolução de Fevereiro

Em 23 de fevereiro, as manifestações das operárias têxteis programadas pelos socialdemocratas, com os bolcheviques à frente, para o dia Internacional da mulher no bairro proletário de Vyborg, transformaram-se espontaneamente em uma greve de massas. Foi o início da insurreição que percorreu o país.

A multidão saiu às ruas, enfrentou a polícia. Nos dias seguintes os soldados chamados a reprimir se negaram a disparar. Vários regimentos se insubordinaram e a insurreição toma os quartéis, as massas ocuparam as prisões e libertaram o presos políticos, o pilar do Estado, as forças armadas cedeu.

No dia 27 de fevereiro, a insurreição operária e a sublevação dos soldados se uniram. A burguesia temendo a situação, formou um governo provisório encabeçado pelo príncipe Lvov e composto por Miliukov, principal dirigente do partido Cadete, ocupando a pasta de ministro das relações exteriores e Kerensky um advogado ligado aos SR, na pasta da justiça.

O czar abdica do trono. Neste mesmo dia se organizaram as eleições para o soviete de Petrogrado, onde os mencheviques ganharam as eleições, elegendo Cheidze para a presidência do Soviete.

⁹ Lênin, Obras Completas, tomo XXIV.

Rapidamente o Soviete de Deputados Operários se transforma em Soviete de Deputados de Operários e Soldados. E na medida em que o exército começa a se desintegrar no front, os camponeses sedentos de terra e paz, depositam toda sua confiança no partido tradicional da revolução camponesa, os Socialistas Revolucionários, SR.

A direção central do partido bolchevique se encontra na Suíça, os quadros com mais experiência presos. Assim, a primeira resposta política aos acontecimentos de fevereiro coube ao jovem secretariado composto por Shliápnikov, Zalutski e Mólotov.

Em 26 de fevereiro os bolcheviques publicam um manifesto e em 5 de março o **Pravda** circula legalmente chegando a 100 mil exemplares no segundo número. A essência da política da jovem direção foi a denuncia do governo provisório como um governo de “latifundiários e capitalistas” e a exigência de que o Soviete convocasse uma assembleia nacional constituinte e que estabelecesse uma “república democrática”.

A 13 de março, com a chegada de Kámenev, Stálin e Muránov a linha do partido sofre uma brusca mudança.

“O processo consiste numa pressão sobre o Governo Provisório que o leve a declarar consentir a abertura imediata de negociações de paz”, afirmava agora o **Pravda**.

Como assinala Nahuel Moreno em sua sistematização sobre os governos de conciliação de classes, posteriormente chamados de Frente Popular, a ruptura com o marxismo é a negação de que todos os fenômenos políticos são expressão das classes em luta, estes são substituídos pela teoria dos *campos*. Diz Moreno que nova posição de **Pravda**, não existe mais classes que lutam e sim um *povo livre*, esse povo livre é o que saiu vitorioso da revolução de Fevereiro, porém não só os operários e camponeses que fizeram a revolução mas também a *burguesia liberal*.

Assim a política de classes contra classes se converte em uma política dos *campos*. No campo progressista se encontram as forças da revolução: o governo provisório, a burguesia liberal com seu partido Cadete; o soviete dirigido pelos mencheviques, os operários e camponeses. No campo contrário se encontram os “países em guerra”, novamente não se fala em classes mas em *países*.

Portanto agora se trata de pressionar o Governo provisório, já que o mesmo se encontra no campo da revolução, não mais de denuncia-lo e tampouco de agitar um programa de classe.

O partido se divide ante a nova linha. Em apoio a linha dos “novos” se incorpora Sverdlov e Goloschekin, contra Kámenev e Stálin.

A tensão aumenta quando no final de março tem lugar uma conferência do partido para decidir a linha para a Primeira Conferência dos sovietes, Stálin apresenta uma resolução que diz: “*apoiar o governo provisório em sua atividade somente quando este siga pelo caminho de satisfazer a classe operária e os camponeses revolucionários*”, esta formula de “*apoio as medidas progressivas*” não tem nenhuma diferença com a fórmula menchevique.

Trotsky destaca que os bolcheviques, imediatamente após a derrota do Czar, levavam a luta mais à frente: exigiam a adoção da jornada de 8 horas de trabalho, realizavam detenções dos funcionários czaristas, empreendiam a criação de uma milícia operária, para armar os operários.

Tudo isso era considerado excessivo pelos socialistas-revolucionários e mencheviques e criava embaraços sérios no relacionamento desses reformistas com os liberais burgueses. Os soviete, como previra Trotsky, renasceram após a Revolução de Fevereiro. Organizaram-se com maior rapidez e cobriram todo o País.

A burguesia, a exemplo de 1905, temia mais a Revolução de Fevereiro, protagonizada pelos operários segundo os seus próprios métodos de luta do que o Czar. Diante desses fatos consumados, restou à burguesia posar de oposição à monarquia, a fim de melhor preservar os seus interesses.

A burguesia liberal tratou rapidamente de colher o poder de Estado que lhe entregavam os socialistas-revolucionários e mencheviques, que se equilibravam na onda revolucionária. Os capitalistas formaram um governo provisório, chefiado por um nobre – o Príncipe Lvov -, com apoio dos parlamentares, dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques.

Neste primeiro momento o Partido Socialista Revolucionário e o Menchevique, sustentavam o governo de fora, ao controlar os soviete sustentavam o novo governo.

Embora ainda não se encontrasse na literatura política dessa época a expressão “Frente Popular”, esse primeiro governo, que sucedeu o do Czar Nicolau II, embora contasse com apenas um ministro relacionado com o movimento socialista, Kerensky, era um governo de Frente Popular. Isso porque se baseava essencialmente no apoio que lhe davam os soviets e o movimento revolucionário, controlados por esses partidos reformistas, que tinham a sua base social composta por camponeses e operários. Também serão Frentes Populares os governos provisórios posteriores, que tiveram sim quadros das organizações reformistas no ministério.

Esse primeiro governo contou com grande apoio popular inicialmente. Mas são os soviets que detêm o poder real na Rússia desde fevereiro.

Na *História da Revolução Russa*, Trotsky relata que o Presidente do Parlamento, Rodzianko, quando foi chamado à Estação de Telégrafo para atender a uma mensagem do Czar, que se encontrava preso noutra cidade, disse, com medo de ser detido pelos soviets, que somente iria se o Soviete de Petrogrado lhe concedesse uma escolta.

Mas como o poder, das mãos dos operários e dos soviets, passou às da burguesia? Novamente é na *História da Revolução Russa*, de Trotsky, que vamos encontrar a resposta á pergunta. Ele diz que nas jornadas de Fevereiro, enquanto os soviets destruíam a monarquia e impunham-se como um poder irresistível, os bolcheviques dirigiam os setores mais decididos e avançados, reunidos nos soviets. Passados esses primeiros dias, deram-se novas eleições para os soviets, inclusive o de Petrogrado. Foi então que se notou o ingresso de setores mais atrasados - que não compunham a vanguarda revolucionária até então – nos conselhos. Trotsky caracterizou essa nova camada que inundou os soviets como pequeno-burguesa. Eram oradores mais preparados e tinham um objetivo claro: conter a Revolução e salvar o poder burguês. Colocando-se entre os operários revolucionários e a burguesia reacionária, deu aos socialistas-revolucionários e aos mencheviques uma maioria sólida nos soviets (o que Trotsky chamou de democracia pequeno-burguesa) e preservou algum poder para a burguesia.

Esses partidos reformistas advogavam a ideia de que somente a burguesia poderia, substituindo o Czar, convocar a Assembleia Constituinte e negociar a paz. Acreditavam que era indispensável o apoio dos aliados da Rússia na 1ª Guerra para construir um regime democrático-burguês no País após o final do conflito militar. Daí a manutenção da Rússia na Guerra ao lado da Inglaterra e da França.

Os soviets

Viu-se na Rússia uma luta entre 2 poderes. Enquanto o novo governo buscava recompor o regime burguês destruído pela Revolução e deter o movimento, os operários e o povo realizavam a sua vontade dinamicamente por intermédio dos soviets.

Eram 2 concepções de poder e de democracia incompatíveis, vinculadas a 2 classes sociais irremediavelmente contrapostas. Da solução dessa contradição – o duplo poder – dependeria o futuro da Revolução na Rússia.

O que eram os soviets nessa época? Os soviets (conselhos em russo) eram organismos revolucionários por excelência. Através deles as massas decidiam que rumo teriam as mobilizações e coordenavam as suas lutas. Porém não eram órgãos de representação ou coordenação de luta, como um sindicato ou um comando de greve, eram órgãos de poder que rivalizavam com o Estado e suas instituições, uma vez que os soviets impunham as medidas necessárias para o funcionamento da vida social em todas as esferas, desde os serviços públicos, até a defesa militar de cidades, passando pelas questões policiais e de abastecimento de água e alimentos. Eram, portanto, organismos de poder universal dos operários e da revolução na visão tomada emprestada de Trotsky (*A História da Revolução Russa*).

Funcionavam o mais próximo possível dos locais de trabalho nessa época. Esses representantes dos soviets eram chamados deputados e compunham o congresso do soviets. Assim os conselhos de fábrica ou de bairro elegiam delegados para o congresso do soviets do distrito, por exemplo, e, depois, segundo esse funcionamento, os do distrito elegiam os do congresso do soviets da cidade, em seguida, do da província e, no final da cadeia, estaria o Congresso do Soviete Pan-Russo.

O direito de voto nos soviets não era universal nem igualitário. Os empregadores e profissionais liberais não tinham direito de voto. Aqui ressaltamos que o próprio Lênin, em 1918, assegurava que essa regra poderia não ser a mais indicada para outras nações ou em tempos diferentes. Embora os camponeses

pudessem eleger delegados para os congressos dos soviets, faziam-no segundo uma proporção desfavorável em relação à utilizada para os operários. Por exemplo, para os congressos do Soviete Pan-Russo, cada 25.000 operários elegiam 1 delegado, sendo necessários 125.000 camponeses para eleger 1 delegado (uma proporção de 5 por 1 em prol dos operários). O privilégio na representação operária se devia à sua hegemonia na Revolução e contrabalançava o maior peso numérico dos camponeses. Essa seria uma das condições para que se desse a fusão dos soviets de operários e camponeses mais tarde.

Os mandatos dos deputados eram revogáveis a qualquer tempo pela sua base. As eleições eram feitas de acordo com o costume das gentes, dispensando normas burocráticas previamente estabelecidas. Todavia a periodicidade das eleições para os congressos dos soviets locais era trimestral. O Congresso Soviete Pan-Russo teria de se reunir pelo menos 2 vezes ao ano inicialmente. Mais tarde, no 1º Congresso decidiu-se que se reuniria trimestralmente. Os congressos dos soviets elegiam um comitê executivo para executar as medidas aprovadas.

Os soviets eram muito mais sensíveis aos eventos políticos do que os órgãos parlamentares oficiais. Embora fossem organismos representativos, se a vontade das massas fossem além da direção dos soviets, e esta se convertesse em um obstáculo conservador, as massas mobilizadas poderiam, sem maior formalidade, substituir a direção indesejada por outra, mais sintonizada com os seus interesses. Essa vantagem, sobretudo durante episódios revolucionários, foi inestimável.

As diferenças partidárias se manifestavam nos soviets. A questão da paz e do suprimento de alimentos para as cidades, que escasseavam desde março de 1917, dividia os deputados soviéticos e os partidos políticos. Mais tarde surgirão outras diferenças, principalmente sobre a permanência de burgueses nos governos e tomada do poder pelos soviets.

O regresso de Lênin e as Teses de Abril

Em 3 de abril de 1917 Lênin retornava do exílio. Desde seu exílio na Suíça apressa os preparativos para o regresso à Rússia, escreve cinco cartas à direção do partido na Rússia que posteriormente ficam conhecidas como "**Cartas de longe**".

Mas somente uma é publicada, a carta que chega à Rússia no dia 20 de março, trazida por Alexandra Kollontai, sai na edição de 3 de abril, ainda assim faltando alguns parágrafos essenciais. Nela Lênin explicava que:

"É absolutamente inadmissível fingir desconhecer e dissimular ao povo que este governo pretende a continuação da guerra imperialista, que é o agente do capital inglês e pretende a restauração da monarquia e a consolidação do domínio dos proprietários de terras e capitalistas."

Em outra carta:

"Pedir a este governo para concluir uma paz democrática é a mesma coisa que pregar a virtude a gerentes de casas de prostituição."

E em Abril já diretamente contra a política expressa no **Pravda** exortava:

"É preciso não conceder nenhum apoio ao Governo Provisório; é preciso explicar a falsidade de todas as suas promessas, particularmente no que diz respeito à renúncia a anexações. É necessário desmascarar este governo, em vez de lhe pedir (reivindicação que apenas serve para gerar ilusões) que deixe de ser imperialista."

Lênin chega a Petrogrado no dia 4 de Abril (17) e inicia uma batalha política, no dia 5 apresenta o primeiro informe do documento que ficou conhecido como **Teses de Abril**. Realizada em uma reunião conjunta dos Socialdemocratas (Bolcheviques, Mencheviques e independentes) no palácio Táuride, onde o Soviete realizava suas reuniões. Na apresentação de *As Tarefas do Proletariado em nossa revolução*, Lênin foi interrompido várias vezes, Bogdanov, ex-bolchevique exclamou, "*Delírios de um louco*"! A tarde neste mesmo dia apresenta as **Teses** em uma reunião do CC ampliada; na edição do dia 7 (20) **Pravda** publica as **Teses de Abril (As tarefas do Proletariado na presente revolução)** com uma ressalva, que estas exprimiam a posição pessoal de Lênin, contrária à política adotada pelo jornal.

Os eixos fundamentais das **Teses** eram a continuidade da política desenvolvida nas **Cartas**:

"1 – Que era necessário explicar a ligação indissolúvel entre o capital e a guerra imperialista, e que era impossível acabar com a guerra com uma paz verdadeiramente democrática sem lutar contra a burguesia, e o governo provisório representava os interesses da burguesia;

2 – A segunda tese afirma que: a peculiaridade do momento atual na Rússia consiste na passagem da primeira etapa da revolução que deu o poder à burguesia pela falta do grau necessário de consciência e organização do

proletariado para a segunda etapa que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas mais pobres dos camponeses.

3 – Nenhum apoio ao governo provisório, explicar a completa falsidade de suas promessas. (...)

*4 – (...) explicar as massas que os Sovietes são a **única** forma **possível** de governo revolucionário, e que, por isso, enquanto este governo se submete a influência da burguesia, nossa missão só pode ser a de explicar os erros... de forma paciente, sistemática, persistente e adaptada especialmente às necessidades práticas das massas.*

Enquanto estivermos em minoria, desenvolveremos um trabalho de crítica e esclarecimento (...) propagando ao mesmo tempo a necessidade que todo o poder do Estado passe aos Sovietes (...)

5 – Não uma república parlamentar; retornar a uma república parlamentar a partir dos soviets seria dar um passo atrás.”

As outras teses tratavam do Programa Agrário, defendendo o confisco do latifúndio e a nacionalização da terra; fusão dos bancos.

Cabe também destacar que Lênin na tese 8 definia que: não é tarefa imediata a implementação do socialismo, mas somente iniciar o controle da produção social e da distribuição dos produtos pelos Sovietes.

A seguir definia a necessidade de mudança de nome do partido, a formação de uma nova Internacional.

A partir de sua publicação, uma dura polemica se inicia. Enquanto Lênin prepara um texto mais longo para a conferência do partido, publica vários artigos no Pravda, *A dualidade de poderes, Carta sobre Tática*, em todos estes textos ressalta um fator fundamental, a existência dos soviets, que era a expressão organizada do duplo poder, o único que segurava o poder nas mãos da burguesia era a política oportunista das direções.

Em **Cartas sobre Tática** faz uma dura polêmica com Kámenev, que segue afirmando que a tarefa do partido é apoiar a revolução democrática burguesa, pois esta ainda não havia se completado. Lênin retruca e diz: *“quem fala agora em ditadura democrática do proletariado e dos camponeses está atrasado em relação a vida....Agora é necessário assimilar a verdade indiscutível de que um marxista deve ter em conta a vida viva, os fatos precisos da realidade e não continuar a agarrar-se na teoria de ontem, que como qualquer teoria, no melhor dos casos apenas indica o fundamental, apenas se aproxima da apreensão da complexidade da vida.”* *“A teoria, meu amigo, é cinza, verde é a árvore eterna da vida”*, citando Goethe, escritor alemão. E diz que os ‘velhos bolcheviques’ repetem formulas antigas sem ver a realidade, de que quem exerce o poder nas grandes cidades são de fato os soviets, terminam caindo no oportunismo.

Na **Dualidade de Poderes** afirma:

“Uma particularidade notável de nossa revolução consiste em que esta gerou uma dualidade de poderes. É necessário, antes de tudo, explicar este fato e entendê-lo, pois sem isso será impossível seguir adiante. É fundamental saber completar e corrigir as velhas fórmulas, por exemplo, as do bolchevismo, certas no geral, como ficou demonstrado, mas cuja realização concreta resultou se diferente. Ninguém pensava antes nem podia pensar na dualidade de poderes.

Em que consiste a dualidade de poderes? Em que junto com o Governo Provisório, governo da burguesia, formou-se um outro governo, ainda débil, embrionário, mas existente sem duvida alguma, mas em vias de desenvolvimento: os soviets de deputados operários e soldados.”

E no documento apresentado a Conferência, *As tarefas do proletariado em nossa revolução*, dedica todo um capítulo ao tema, *A originalidade da dualidade de poderes e seu significado de classe*. Ao repetir os elementos anteriores acrescentava: em um Estado não pode existir dois poderes, um deles deve ser reduzido a nada.

A conferência do partido (a Sétima) foi realizada em Petrogrado de 24 a 29 de abril (7 a 12 de maio) coube a Lênin o discurso de abertura dos trabalhos. Vale a pena reproduzir um trecho do mesmo que a síntese de toda estratégia:

“Ao proletariado russo coube a grande honra de começar [a revolução], mas não deve esquecer que o seu movimento e sua revolução são apenas uma parte do movimento proletário revolucionário mundial... somente deste angulo visual podemos determinar nossas tarefas.”

Participaram da conferência 131 delegados com direitos plenos (voz e voto) e 18 delegados com direito a voz, representando um total de 80 mil membros. Foi a primeira conferência na legalidade do

partido feita na Rússia, a pauta de 5 dias foi extensa¹⁰, os pontos fundamentais contidos nas teses foram aprovados por ampla maioria.

As jornadas de abril

A indústria da guerra alemã destroçava o exército russo. O exército entra em crise, a hierarquia militar cedia à desobediência maciça: os subalternos encaravam os chefes e os desafiavam. Muitas vezes os soldados agrediam fisicamente mesmo os altos oficiais czaristas que os tinham chicoteado brutalmente no passado. A deserção que diminuía imediatamente após a Revolução, aumentava depois de abril de 1917.

As tropas ansiavam desesperadamente pela paz. Os soldados, em sua grande maioria de origem camponesa, queriam voltar imediatamente para as suas famílias e lavouras.

Mas Miliukov, Ministro do Exterior, tinha outros planos. Em 23 de março, anunciou uma ofensiva do Exército russo, com o objetivo de anexar partes da Turquia, Armênia, Áustria e Irã (então chamado Pérsia). Isso implicaria enviar mais 200.000 ou 300.000 homens para os combates. O governo de conjunto continuou paralisado: nem confirmava nem desautorizava o plano do Ministro.

A reação popular, diante da demora do governo provisório em pôr fim à participação russa na guerra e do anúncio da nova ofensiva, não tardou 1 mês sequer. No dia 20 uma manifestação contra a guerra reuniu operários seguidos por cerca de 25.000 a 30.000 militares armados em frente à sede do governo provisório.

No dia seguinte foi ainda maior a segunda manifestação. Agora eram operários, convocados pelo Partido Bolchevique de Petrogrado, que se reuniram em frente ao prédio onde funcionava o governo. Na passeata se liam cartazes com as inscrições “Vivam os soviets!”

O General Kornilov, chefe militar da região de Petrogrado, apresentou-se perante o Comitê Executivo do Soviete, dizendo que tinha condições de dissolver as manifestações pela força das armas. O Soviete, no entanto, recusou a oferta.

Kornilov se fez de bobo e reuniu suas tropas no pátio da sede do governo, enquanto o Partido Cadete, da burguesia liberal, preparava-se para uma manifestação em apoio a Miliukov e ao governo provisório. A proposta de Kornilov desvendava-se como parte de uma provocação burguesa.

A manifestação dos bolcheviques não chegou a se chocar frontalmente com a dos cadetes e com as tropas de Kornilov. Apesar disso houve troca de tiros e alguns mortos inclusive. O governo, acobertando os provocadores, atribuiu os disparos a desclassificados cuja identidade era desconhecida.

A impaciência pelo prosseguimento da guerra e a desconfiança nos socialistas-revolucionários e mencheviques, assim como na burguesia e no governo, aumentava rapidamente entre as massas.

Os bolcheviques seguiam sendo um grupo minoritário. O Partido ainda buscava uma melhor localização política e preparava a sua Conferência do final de abril. A Conferência de 24 a 29 de abril, que aprovaria as Teses de 4 de Abril, de Lênin, também criticaria o uso pelos seus militantes de Petrogrado de palavras de ordem pela deposição do governo provisório naquele momento.

Considerando a maioria conciliadora que dirigia os soviets, não havia condições para que eles tomassem o poder e varressem o governo burguês. Além disso, a burguesia poderia se utilizar dessa má política para desencadear, com apoio das massas, uma reação contra a Revolução e fazê-la retroceder. Por outro lado apoiou o uso de palavras de ordem em prol dos soviets.

Miliukov, um dos principais membros do governo, acabou vendo a sua ofensiva guerreira desautorizada pelo Comitê Executivo do Soviete e pelos próprios liberais, renunciando em 5 de maio ao posto governamental.

Mencheviques e SR entram no governo

No início de maio se forma um novo governo, ainda que Lvov segue como primeiro ministro entra seis membros dos soviets no governo: duas pastas vão para os SR e duas para os mencheviques e outras duas para socialistas independentes. Essa crise de abril e a quase explosão de uma guerra civil obrigaram os

¹⁰ 1) O momento atual (a guerra, o governo provisório, etc) 2) a conferência de paz; 3) atitude frente aos soviets; 4) revisão do programa do partido; 5) situação da internacional e nossas tarefas; 6) a unificação das organizações social-democratas internacionalistas; 7) O problema agrário; 8) O problema nacional; 9) A assembléia constituinte; 10) Questões de organização; 11) informe das regiões; 12) eleição do CC;

socialistas-revolucionários a ingressarem diretamente no governo burguês, consumando-se uma Frente Popular clássica na Rússia.

Às massas parecia que os deputados mais capazes dos soviets agora iriam prosseguir a sua luta no interior governo. O Soviete de Petrogrado aprovou o ingresso dos reformistas no governo. Governo passou a ter seis ministros “socialistas” num total de 15 ministros. Kerensky, também pertencente aos Socialistas Revolucionários, seria o Ministro da Guerra e da Marinha. Apenas os bolcheviques desaprovaram a coligação.

Na mesma sessão do Soviete que consagrou a coligação das organizações políticas operárias e camponesas com a burguesia e a nobreza, ocorrida em 5 de maio, discursa Trotsky, que conseguira ingressar na Rússia na véspera. Declara que a política das massas devia seguir 3 diretrizes: nenhuma confiança na burguesia, controle sobre os dirigentes e que as massas deveriam contar unicamente com as suas próprias forças.

A coligação veio justamente no intuito de esvaziar os soviets. Afinal se os próprios dirigentes dos soviets agora são ministros e poderiam pôr a seu serviço a máquina estatal, não seria natural o enfraquecimento e desaparecimento dos soviets?

Tão logo assume, o novo Ministro socialista da Guerra e da Marinha anuncia o seu plano para retomar a ofensiva na Guerra. Espera que as massas o apoiem naturalmente. O discurso oficial mostra a ofensiva como a maneira de expandir a Revolução e a democracia para outros países e afastar o imperialismo alemão, que agride a Rússia. Tratar-se-ia de uma guerra patriótica revolucionária. Esse seria o primeiro desafio para os soviets sob a nova coligação governamental.

A assembleia nacional constituinte seguia em banho-maria. A opressão de diversas nacionalidades pelos grão-russos (nacionalidade que oprimia as demais historicamente) também era ignorada pelo governo.

Os operários e as tropas da Capital não se enganam como o apelo patriótico. Novamente tomam as ruas da Capital, manifestando-se contra a guerra e, de novo, registram-se choques com os defensores da guerra.

Junho - Medindo forças

Em meados de junho o Exército russo avança sobre as linhas alemãs. Os alemães haviam recuado momentaneamente, para desferir um contra-ataque mais potente. É o que ocorre. Em meados de julho, os militares russos são obrigados a reconhecer que a ofensiva militar não passou de um fiasco.

Logicamente os generais batem no peito, exaltam a sua máscula virilidade e inteligência técnica, para, em seguida, atribuir a causa da derrota na batalha ao caos provocado pela Revolução. Consequência: na tropa crescem a deserção e a insubordinação.

Se as coisas vão de mal a pior na frente de combate, no campo russo acontece nada menos que uma Revolução agrária. Em junho de 1917 os socialistas-revolucionários, em seu Congresso, adotaram uma resolução condenando desapropriações arbitrárias de terra antes que a Assembleia Constituinte deliberasse sobre a matéria. Porém a revolução no campo continuou a sua marcha, sem dar ouvidos aos Socialistas Revolucionários. Os comitês agrários organizam a tomada de terras e a sua distribuição massivamente. Os camponeses realizam o seu Congresso soviético e também elegem um Comitê Executivo. O camponês segue as pegadas deixadas pelo operário e pelo soldado.

Desde então as mais importantes questões passarão a ser deliberadas em sessões conjuntas do Comitê Executivo do Soviete dos operários e soldados e do Comitê Executivo do Soviete dos camponeses.

Os bolcheviques, na sua Conferência de fins de abril, decidiram lutar pelo campesinato. No entanto não capitulariam ao programa dos socialistas-revolucionários, que dirigiam as massas camponesas. Inclusive não descartavam a possibilidade de os camponeses acompanharem a burguesia num momento revolucionário crítico.

A situação econômica se deteriorava em virtude da manutenção do esforço de guerra. As grandes cidades não tinham o que comer. A Petrogrado e Moscou, por exemplo, chegava apenas 10% do pão necessário. Não havia manteiga nem açúcar.

A burguesia realiza lockouts e sabotagens da produção na tentativa de sufocar a Revolução. O Partido bolchevique exigiu que o Comitê Executivo determinasse a prisão de 50 ou 100 dos maiores burgueses da Rússia em represália ao boicote da produção. O Soviete não acatou a sugestão.

A relação íntima entre a economia e a política, que sempre fora ocultada, porque se atribuía ao Estado motivações míticas, como o bem comum, o interesse público, os valores da Pátria, mostrava-se aos olhos do povo. As massas começam a perceber os interesses materiais das classes sociais antagônicas por trás dos agentes políticos e frases ocas.

Aproveitamos esse ponto do texto, em que falamos um pouco de consciência de classe, para fazer outro parêntesis: Os espetaculares fatos revolucionários ensinaram muito e rapidamente ao povo, é certo. Mas não nos enganemos, a presença e o trabalho tenaz do Partido Bolchevique é que permitirão que o nível de consciência das massas se desenvolva até chegar à conclusão de que teriam, elas mesmas, por intermédio dos soviets, que tomar e exercer o poder político.

Os bolcheviques, como veremos, serão hábeis condutores das massas no processo revolucionário: indicarão o melhor rumo a seguir, advertirão dos perigos e armadilhas mortais que os exploradores, os Socialistas Revolucionários e mencheviques espalharão pelo caminho. No momento decisivo, do tudo ou nada, encabeçarão a insurreição e entregarão as chaves do Palácio de Inverno, sede do governo da Rússia, nas mãos dos soviets. Não vacilarão e exercerão a única ditadura revolucionária do proletariado da história.

Opinamos, antecipando um pouco nossas conclusões, que as massas russas mesmo dotadas de todo aquele heroísmo e impetuosidade, mesmo tendo diante de si um inimigo relativamente débil, como a burguesia russa, por si só, sem a direção de um partido revolucionário, não chegariam a conquistar o poder.

Inicialmente, apenas nas fábricas, os bolcheviques cresceram e superaram os reformistas. No começo de junho os bolcheviques tornam-se mais influentes do que os conciliadores em Petrogrado. Crescem muito também nos comitês de Moscou. Os Comitês de fábrica, diga-se de passagem, ultrapassam em consciência e atividade os soviets. Nos sindicatos, que aliás conheceram um grande aumento no número de filiados, também proliferaram os bolcheviques em detrimento dos socialistas-revolucionários e mencheviques. Depois os bolcheviques se tornam maioria em diversos outros soviets.

O Partido Bolchevique realizou uma propaganda intensa antes da tomada do poder de Outubro, “explicando pacientemente” - na famosa expressão cunhada por Lênin - o caráter de classe do governo e a natureza imperialista da Guerra, a necessidade de não confiar na burguesia, de fortalecer a fração bolchevique nos soviets etc. Eles não brincavam em serviço: o Partido passou de 15.000 integrantes em abril de 1917 para 72.000 em junho daquele mesmo ano apenas em Petrogrado.

Em 3 de junho reuniu-se em Petrogrado o 1º Congresso dos soviets da Rússia. O Congresso representava cerca de 20.000.000 de operários, soldados e camponeses que prestigiavam os soviets em toda a extensão da Rússia. Os bolcheviques somavam menos de 20% dos deputados eleitos.

O Partido não poderia perder a chance de jogar os operários e soldados mais avançados da Rússia – os de Petrogrado – sobre o conjunto dos deputados soviéticos e contagiá-los com a política revolucionária. Por isso convocaram uma manifestação pacífica a se realizar durante o Congresso. Segundo Trotsky, na **Historia da Revolução Russa**, “A manifestação levantaria a bandeira de “*Todo poder aos Soviets*”. A palavra de ordem combativa era: “*Abaixo os 10 ministros capitalistas*”. Era a expressão mais simples possível para a ruptura da coalizão com a burguesia. (...) Enquanto isso, realizavam-se reuniões nas fábricas e regimentos, adotando resoluções de sair às ruas no dia seguinte com a palavra de ordem: “*Todo poder aos Soviets*.”

O Comitê Executivo do Soviete, controlado pelos mencheviques e Socialistas Revolucionários, por mais perdido que estivesse, não poderia permitir tal manifestação e o Congresso votou uma resolução proibindo qualquer ato público por 3 dias.

Diante da decisão do Congresso, e considerando a hipótese de represálias violentas por parte da burguesia, que poderiam transformar a manifestação pacífica no início de uma insurreição, o Partido recuou e desmarcou a manifestação. O recuo dos bolcheviques foi aceito pelos operários e soldados, mas não sem protestos. As massas de Petrogrado estavam se deslocando para uma posição à esquerda do Partido Bolchevique. Lênin, mais tarde, reconhecerá que os bolcheviques não conseguiram perceber esse

movimento espontâneo das massas mais à esquerda. Essa desatenção ao ânimo das massas repercutirá em breve.

A partir do conhecimento da proposta de manifestação dos bolcheviques para pressionar o Congresso dos soviets, os socialistas-revolucionários e mencheviques mudaram completamente de atitude em relação a eles. De adversários, passaram a encará-los como os piores inimigos da revolução, como Partido que estivesse planejando um golpe de estado. Importantes líderes reformistas, sabedores de que os bolcheviques tinham imensa influência entre os soldados da Capital, passaram a exigir que o Soviete da Cidade tomasse medidas para desarmar os bolcheviques, substituindo as tropas de Petrogrado por outras dignas de confiança.

Tanto no que diz respeito à proibição da manifestação dos bocheviques pelo Congresso dos soviets, como na exigência de transferência de tropas militares de Petrogrado pelos reformistas, vê-se a que ponto chegava o duplo poder na Rússia.

De outro lado, verifica-se que se aproximava um momento decisivo que marca todas as grandes revoluções: o de saber em mão de quem estão as armas. A Revolução de Outubro está amadurecendo.

Diante da renúncia dos bolcheviques à manifestação, as tropas de Petrogrado permaneceram intocadas por enquanto. Houve um recuo mútuo.

O Congresso ainda resolveu convocar, ele próprio, uma manifestação para dia 18 de junho, a fim de medir forças e derrotar o Partido Bolchevique.

Pois bem, na manifestação do dia 18 os bolcheviques superaram todos os seus inimigos e inundaram Petrogrado com bandeiras vermelhas exigindo “Abaixo os 10 ministros capitalistas!”, “Abaixo a ofensiva!”, “Todo o poder aos soviets!”.

A partir dos episódios de junho, o Partido Bolchevique tornou-se uma força política visível em toda a Rússia. Isso, como foi dito, já exigia e exigiria ainda mais e mais cuidados táticos dos revolucionários.

A Rússia seguia na 1ª Guerra e o governo se endividara absurdamente para sustentar o esforço militar. A ofensiva militar tinha falhado em toda a sua extensão e os russos sofriam derrotas após derrotas. A miséria do povo aumentava. O Partido havia demonstrado que superava os socialistas-revolucionários, mencheviques e cadetes em Petrogrado. Nessa situação os operários e soldado se perguntavam: Por que, diabos, não tomamos o poder agora mesmo?! Por que não damos um safanão no governo e entregamos o poder ao Soviete?! Por que não fazemos a paz e distribuimos a terra aos camponeses?! As conhecidas Jornadas de Julho, acontecidas entre 3 e 5 de julho de 1917, mostrarão categoricamente que as massas de Petrogrado e também de Kronstadt estão mais e mais à esquerda dos bolcheviques e que a sua paciência está chegando o fim.

Julho: a experiência com o governo provisório

De novo, espontaneamente, os quartéis se agitam no início de julho. No dia 2 de julho 4 ministros cadetes abandonam o governo. Pairava no ar a notícia do envio de tropas de Petrogrado para a frente de combate. Aparentemente foram esses os fatos que levaram os soldados a se inclinarem pela realização de uma manifestação armada. Os quartéis da região, uma após outro, aderiam à manifestação. Os dirigentes bolcheviques, no interior das unidades militares, não conseguiam conter o clamor pela demonstração armada. Fique claro que entre os operários havia bem menor entusiasmo.

Em 3 de julho o Partido Bolchevique de Petrogrado, em meio à sua Conferência, foi informado da decisão de realizar a manifestação armada pelos militares organizadores. Os dirigentes bolcheviques entendiam que uma manifestação como aquela só se justificaria se fosse forte e ampla o suficiente para tomar e, depois, derrotando todos os inimigos da revolução, manter o poder político. Segundo a direção do Partido, não havia ainda condições para desferir esse golpe final. Conforme Trotsky, na ***História da Revolução Russa***, os bolcheviques da Capital disseram que os regimentos que organizavam a demonstração de força não agiram com camaradagem em relação aos bolcheviques, que o Partido se opunha a manifestação, tendo em vista as condições políticas do momento, e que entregariam ao Comitê Executivo do Soviete um documento propondo que o mesmo tomasse o poder em suas mãos.

Em seguida o Comitê Central do Partido Bolchevique referendou a decisão dos militantes de Petrogrado.

Inútil. Na tarde de 3 de julho os militares e operários tomaram as ruas em direção à sede do Comitê Executivo do Soviete da Rússia, agora reforçados pelos marinheiros de Kronstadt. Diante desse fato, os membros do Comitê Central do Partido Bolchevique presentes à Conferência reviram a posição e orientaram que o Partido tomasse a dianteira da manifestação. Apelaram, entretanto, para que se evitasse o uso da força. Quando os manifestantes souberam da nova posição bolchevique, aplaudiram entusiasticamente. As faixas e cartazes eram os mesmos da passeata de 18 de junho: “Abaixo os ministros capitalistas!”, “Abaixo a ofensiva!”, “Todo o poder aos soviets!”.

O Comitê Executivo do Soviete, desesperadamente, pedia que tropas leais a ele se deslocassem para Petrogrado a fim de defendê-lo. Alguns contingentes atenderam ao apelo dos reformistas.

Durante a passeata, os manifestantes foram alvejados por disparos vindos das casas localizadas no trajeto e revidaram. Seguiram-se tiroteios e escaramuças entre os manifestantes e as tropas leais ao Comitê Executivo por toda a Cidade. Naturalmente houve mortos. À noite novas tropas governistas chegaram a Petrogrado. Os manifestantes erguem barricadas, enfrentam os militares governistas de igual para igual e os obrigaram a recuar.

Em frente à sede do Comitê Executivo do Soviete, um Ministro chegou a ser detido por breves instantes, mas, a pedido de Trotsky, foi solto.

À noite representantes dos manifestantes foram finalmente admitidos e ouvidos na sessão do Comitê Executivo. Exigiram que os capitalistas saíssem do governo e que o Soviete tomasse o poder e distribuisse a terra. A sessão era interrompida a cada instante. Entretanto os conciliadores, alegando que as circunstâncias de então não permitiam, recusavam-se a ceder aos manifestantes e se agarravam à burguesia.

Por fim, na noite de 4 de julho, os próprios bolcheviques pediram que a massa se dispersasse e se evitassem mais violências se possível.

Somente na madrugada do dia seguinte, quando os manifestantes já se tinham recolhido, chegaram à sede do Comitê Executivo do Soviete da Rússia as tão desejadas tropas leais a ele e ao governo.

As Jornadas de Julho, se não podiam realizar as aspirações dos soldados, custaram caro aos revolucionários, principalmente aos bolcheviques. O governo, assim que passou o frisson, resolveu mostrar que, apesar do sufoco, ainda respirava. Os regimentos militares mais revolucionários de Petrogrado foram dissolvidos: transferiram-se cerca de 90.000 soldados para outras guarnições, outros tantos foram indiciados judicialmente. No campo de batalha a alta oficialidade encontrou forças para reintroduzir os castigos físicos aos soldados acusados de indisciplina. Foi imposta a pena de morte na frente de combate. Operários foram desarmados e presos. Kámenev e Zinóviev são presos. Trotsky, embora não integrasse ainda o Partido Bolchevique, também foi aprisionado. Outros bolcheviques foram impelidos à clandestinidade, inclusive Lênin, que passou escondido de 6 de julho até a tomada do poder, em 25 de outubro. A sede utilizada pelo Partido foi retomada pelo governo e a do jornal destruída pelos militares. As sucessivas publicações tentadas pelos bolcheviques foram todas interditas. O Partido viu-se, de repente, desde meados de julho, de novo, praticamente na ilegalidade.

Aproveitando-se da nova situação favorável, a imprensa burguesa publica notícia que Lênin agia seguindo ordens e a soldo da espionagem alemã. Evidentemente não havia prova. Mesmo os mencheviques, embora não acreditassem na invenção, não moviam um dedo sequer para defender o caluniado.

Após os conflitos de julho, o poder verdadeiro se deslocou para os chefes militares e para a grande burguesia e os cadetes. No outro pólo, os soviets saíram das Jornadas de Julho bem enfraquecidos.

Os conciliadores, em sessão conjunta do Soviete da Rússia, aprovaram a conversão do governo provisório em governo de salvação da revolução, já que esta estaria em perigo, segundo diziam, devido à ação dos bolcheviques e dos alemães. Não pararam por aí: dotaram o governo de poderes ditos ilimitados. A resolução foi aprovada contra a abstenção da perplexa bancada bolchevique.

Deu-se nessa conjuntura adversa o 6º Congresso do Partido. Nele, diz-nos A História da Revolução Russa, se discutiram as questões vitais da tomada do poder e do papel dos soviets. Neste congresso também foi oficializada a entrada da organização Interdistrital dos Socialdemocratas Internacionalistas Unificados, (*Mejrayontsi*) cuja principal figura era Trotsky, mas que contava com cerca de 4 mil militantes, e

destacados revolucionários como Lunatcharsky, Riazanov, Ioffe, Manuilsky, Uristky e muitos outros. Neste congresso se contabilizou 176 mil militantes.

Os delegados ao Congresso decidiram suprimir, temporariamente, da agitação partidária a palavra de ordem “Todo o poder aos soviets!”, que ocupava o papel central no período imediatamente anterior.

Neste momento, Lênin coloca por fora da realidade a perspectiva de que os Sovietes sob a direção dos SR e mencheviques possam assumir o poder, em um artigo escrito no dia 10 de julho, *A situação Política*, afirma:

“Os dirigentes dos soviets e dos partidos eserista e menchevique (...) traíram definitivamente a causa da revolução ao coloca-la nas mãos dos contra-revolucionários (...) Todas as esperanças de um desenvolvimento pacífico da revolução russa foi esquecida para sempre. A situação objetiva agora é esta: ou a vitória completa da ditadura militar ou o triunfo da insurreição armada dos operários (...) A consigna de “Todo poder aos soviets” era a consigna do desenvolvimento pacífico da revolução, possível em abril, em maio, em junho e até 5-9 de julho, ou seja, antes que o poder efetivo passasse para as mãos da ditadura militar.”

E em um texto posterior, *A propósito das Palavras de ordem*, segue o mesmo raciocínio em maior profundidade:

“Cada palavra de ordem deve emanar sempre do conjunto das peculiaridades de uma determinada situação política. E hoje depois de 4 de julho, a situação política da Rússia é radicalmente distinta da que imperou desde 27 de Fevereiro até esta data. (...) ...durante o período já fenecido da revolução [até julho] predominava a chamada ‘dualidade de poderes’ (...) durante este período o poder se mantinha em estado de desequilíbrio. Era compartilhado por um acordo voluntário pelo governo Provisório e pelos Sovietes. As armas estavam nas mãos do povo (...) tal era o fundo da questão. A palavra de ordem de “Todo poder aos Sovietes” significava a passagem imediata e realizável diretamente pela via pacífica. Era a via de desenvolvimento pacífico da revolução, que desde 27 de Fevereiro até 4 de julho foi possível e, como é natural, a mais desejável de todos, mas hoje é absolutamente impossível.”

*Ao que parece nem todos os partidários da palavra de ordem de ‘Todo poder aos Sovietes’ compreendiam suficientemente que esta palavra de ordem se tratava do desenvolvimento pacífico da revolução. E ao dizer pacífico não nos referimos somente a que ninguém, nenhuma classe, nenhuma força importante, poderia (desde 27 de Fevereiro até 4 de julho) opor-se e impedir a passagem do poder aos Sovietes. Mas isso não é tudo. O desenvolvimento pacífico poderia realizar-se também no sentido de que a luta de classes e dos partidos **dentro** dos soviets, se estes houvessem assumido oportunamente o poder do Estado...*

A virada de 4 de julho consiste precisamente em que, a partir deste momento houve uma mudança brusca na situação objetiva. O equilíbrio instável do poder cessou; o poder passou para as mãos da contra-revolução.

Manter agora a palavra de ordem [Todo poder aos Sovietes] equivale objetivamente a enganar o povo...

O problema fundamental da revolução é o problema do poder. A isto devemos agregar: precisamente as revoluções nos mostram a cada passo como se revela a questão de saber onde está o verdadeiro poder formal e efetivo.

(...) a verdade: temos que dizer que o poder esta nas mãos de uma camarilha de militares...”

Em tais condições, era impensável a passagem do poder para o proletariado pela via pacífica. Seria necessária uma insurreição no futuro. Mas ela se daria sob qual palavra de ordem? Quais os organismos que dirigiriam essa luta? Sem dúvida o poder deveria passar aos operários e camponeses pobres. Mas não era possível, naqueles dias, identificar quais os organismos de que eles se serviriam para obtê-lo. Tal era a prostração dos soviets, que Lênin, embora ainda os mantivesse entre as cartas que tinha na mão, no âmbito interno do Partido chegou a pensar na hipótese de que o papel antes jogado por eles pudesse, doravante, caber a outros organismos da classe, como os sindicatos e os comitês de fábrica, que estavam à esquerda dos conselhos. Porém, na agitação, o Partido Bolchevique passou a trabalhar com a política de passagem do poder para os operários e camponeses pobres, sem definir quais organismos das massas seriam capazes de encarnar esse poder. Esse problema não poderia ser resolvido pelo Partido. O Partido teria de esperar que as massas lhe apontassem qual seria o seu órgão de poder.

Agosto: O golpe de Kornilov.

A ofensiva militar russa na região da Galícia foi fragorosamente derrotada com um grande número de baixas, uma nova crise ministerial leva a renúncia de Lvov e a nomeação de Kerensky a primeiro ministro.

O General Kornilov foi indicado pelo Partido Cadete para o alto comando militar. Kornilov exigiu que a pena de morte fosse estendida da frente de combate para as tropas da retaguarda e que as estradas de ferro fossem submetidas ao estado de sítio. O Ministro-Presidente da Rússia, Kerensky, acatou as exigências do General e ainda o nomeou para a chefia suprema das tropas.

Trotsky, na *História da Revolução Russa*, diz que a assunção por Kerensky do programa de Kornilov afrontava gravemente tanto os soviets, como os socialistas-revolucionários e os mencheviques. Mas as duríssimas medidas eram desejadas pelos aliados imperialistas da Rússia na Guerra, pela burguesia russa e pela alta oficialidade do Exército. A derrota da Revolução e a superação do duplo poder, que minavam a economia e o esforço guerreiro da Rússia, exigia um golpe de Estado que alçasse ao poder uma ditadura militar. A desculpa para o golpe seria a necessidade de derrotar o plano do Partido Bolchevique de entregar a Rússia para a Alemanha. Kornilov era o favorito da burguesia liberal e dos cadetes. Kerensky acreditava que ele próprio deveria se pôr à frente do golpe, uma vez que, além de aceitar o programa da burguesia e da aliança militar que a Rússia integrava, gozava do apoio dos conciliadores alojados nos soviets e reprovava, no momento oportuno, os excessos direitistas dos generais. Porém havia uma diferença importantíssima entre os 2 movimentos golpistas: Kerensky precisava exterminar o bolchevismo completamente e os soviets parcialmente, além de manter o governo acorrentado à sua vontade; Kornilov, entretanto, destruiria impiedosamente os bolcheviques, os soviets e, indo além, substituiria o governo provisório por outro.

As coisas na Guerra pioravam: em 21 de agosto os alemães tomaram dos russos a importante cidade de Riga. A situação deve ser compreendida considerando a grande proximidade entre capital da Letônia e Petrogrado, a capital da Rússia. A burguesia responsabilizou os operários que não trabalhavam e os soldados que não combatiam pela derrota, numa palavra, a Revolução. Tão logo Riga se rendeu, Kornilov ordenou ao Comandante das tropas que enforcasse alguns soldados ainda durante a retirada, como forma de mostrar para a Nação que a rebeldia dos soldados e a Revolução eram as causas da derrota. Para o General, a influência bolchevique sobre as tropas e a incontida Revolução afastaria o povo das glórias militares e da tranquilidade social. Kerensky não ficou atrás e, em 26 de agosto, fez o governo autorizar um aumento de 100% no preço do pão, tentando ganhar apoio dos latifundiários e nobres e negar qualquer compromisso com as massas.

Em 28 de agosto Kerensky, decidido a obstruir o caminho de Kornilov em benefício da sua própria versão golpista, demite Kornilov do cargo a que o nomeara. Kornilov, ainda confiante, decide não acatar a ordem e dá seguimento ao seu próprio plano contrarrevolucionário. Kornilov consegue movimentar as tropas a ele leais inicialmente. Os ministros cadetes, espertamente, demitem-se e deixam o caminho aberto para o golpe. Kerensky mergulha numa incurável indecisão a partir daí e o governo, em frangalhos, paralisa-se por completo.

No dia anterior, 27 de agosto, diante dos boatos de que Petrogrado seria ocupada pelas tropas kornilovianas, o Soviete de Petrogrado reúne-se como os sindicatos e comitês de empresa e decide formar um Comitê Militar Revolucionário para defender a Capital. Esse Comitê Militar Revolucionário é que conduzirá a resistência ao golpe muito mais do que o Comitê Executivo do Soviete. Em curtíssimo tempo, formam-se milícias operárias, os soldados instruem os operários no manejo de armas, os comitês de bairro controlam as ações dos governistas, abrem-se barricadas, estende-se arame farpado pela Cidade. Os ferroviários impedem a movimentação das tropas de Kornilov. Qualquer ordem dos golpistas, transmitida pelo telefone ou pelo telégrafo, é interceptada e informada ao Comitê Militar. Os sindicatos armam as suas bases até onde podem. Em resumo: as massas tomam para si a luta contra o golpe. Os bolcheviques, embora ainda sejam minoritários nos soviets, voltam a ser a vanguarda incontestável da resistência e constituem a maioria da direção do Comitê Militar.

Kornilov e Kerensky tinham planejado desarmar os marinheiros de Kronstadt tão logo Petrogrado fosse retomada do bolchevismo e derrotada. Entretanto o golpe e a oposição ao golpe evitaram que quaisquer medidas punitivas fossem levadas adiante contra os marinheiros estacionados em Kronstadt.

Kornilov era reconhecido apenas pelos altos oficiais. Não dispunha de infantaria nem de qualquer apoio entre os soldados e camponeses. Desse modo tudo pareceu conspirar contra o General. Até mesmo as tropas com que ele mais contava fugiam da luta. Diante do cada vez mais provável fracasso de Kornilov, os comandantes militares de todas as frentes de batalha acabaram abandonando-o e alinhando-se com o governo provisório. Kornilov, em 30 de agosto, já estava liquidado, sem que fosse derramada 1 gota de sangue.

Kerensky ainda tentou salvar o General e referendar suas ordens relativas à Guerra, mas, por insistência dos soviets, foi obrigado a prendê-lo e instaurar um inquérito contra ele e os demais

conspiradores. Apesar disso, não se chegou a punições. Esses mesmos golpistas tentarão estrangular a Revolução em seguida.

Os bolcheviques, desde julho, eram alvos de uma intensa campanha de calúnias, perseguições e prisões, promovidas pelos burgueses e pelos altos oficiais militares. Os conciliadores tinham sido cúmplices da infâmia que caiu sobre os bolcheviques. Quando eclodiu a tentativa de golpe, patrocinada por Kornilov, os socialistas-revolucionários e mencheviques, com a corda comprimindo-lhes o pescoço, não tiveram alternativa senão pedir ajuda aos bolcheviques. Pois bem... os comandados de Lênin não cogitaram se vingar dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques nessa hora. Ao contrário, colocaram-se no campo militar destes e contra Kornilov. O Partido revolucionário sabiamente não trocava o cálculo político e a rigorosa avaliação das forças em combate por ódios e simpatias. Entretanto não deram jamais apoio político aos reformistas. Os bolcheviques bem sabiam que teriam que os derrotar também em breve.

Ainda assim havia um limite entre lutar contra a tentativa de golpe e apoiar o governo de Kerensky, sobre a justa tática para esta situação Lênin, desde o seu esconderijo na Finlândia, dirige uma carta ao CC:

“Mesmo agora, não devemos sustentar o governo de Kerensky. Seria faltar aos princípios. Mas então, dir-se-á, não tem de se combater Kornilov? Certamente que sim. Mas entre combater Kornilov e sustentar Kerensky há uma diferença, um limite, que certos bolcheviques transpõem, caindo no ‘conciliacionismo’, deixando-se arrastar na torrente de acontecimentos”.

Mas para Lênin, esta posição de principio deveria enfrentar uma nova situação aberta com a derrota da tentativa de golpe, assim continua a carta ao CC em termos mais precisos sobre a tática:

*“Em que consiste a mudança de nossa tática depois da sublevação de Kornilov? Em que mudamos a forma de nossa luta contra Kerensky. Sem debilitar um ápice nossa hostilidade contra ele, sem retirar uma só palavra dita contra ele, sem renunciar ao objetivo de derrubar Kerensky, dizemos: temos que levar em consideração o momento; não vamos derrubar Kerensky neste momento; agora encaramos de outra maneira a tarefa de lutar contra ele, ou mais precisamente, fazendo com que o povo (que luta contra Kornilov) veja a debilidades e as vacilações de Kerensky. Antes, **também** fazíamos isso, mas agora passa a ser o fundamental, nisso consiste a mudança.”*

E continua:

“Assim, a mudança consiste em que coloquemos em primeiro plano a intensificação da agitação a favor do que poderíamos chamar de ‘exigências parciais’ a Kerensky: que prenda Miliukov, que arme os operários de Petrogrado, que chame as tropas de Kronstadt ... que dissolva a Duma do Estado...que legalize a entrega das terras dos latifundiários aos camponeses, que implante o controle operário sobre o trigo e as fábricas etc., etc. E estas exigências não devemos apresentar somente a Kerensky, nem tanto a Kerensky, mas aos operários, soldados e camponeses ganhos na marcha da luta contra Kornilov. Seguir animando-os alentando a que liquidem os generais e oficiais que se pronunciaram a favor de Kornilov, insistir que eles exijam de imediato a entrega da terra...sugerir a eles a ideia da necessidade de prender Rodzianko e Miliukov.... Aos SR de ‘esquerda’ são os que mais devemos empurrar nesta direção.”*

Setembro: a virada

No fim de agosto, depois do fiasco do General Kornilov, a situação política deu uma espetacular guinada. Esta nova situação aberta depois da tentativa de golpe é expressa por Lênin da seguinte forma:

“Toda revolução significa uma brusca virada na vida das grandes massas populares... Durante a revolução milhões e milhões de homens aprendem em uma semana muito mais do que em um ano de vida rotineira e monótona. É nestas bruscas viradas da vida de todo um povo que se percebe com especial clareza os fins que perseguem as distintas classes sociais, de que forças dispõe e com que meios atuam.”

Pois no início de Setembro, o partido capta esta brusca virada na consciência das massas que se reflete no fortalecimento do bolchevismo para além dos seus bastiões tradicionais. A burguesia e seu principal partido, os cadetes, tinham demonstrado sua verdadeira face ante as massas com a tentativa de golpe; os camponeses ficam impacientes, além disso a guerra seguia consumindo a vida de milhares de soldados.

Os soviets recobram sua imensa força. Se antes faziam vista grossa às punições desferidas contra os operários, soldados e bolcheviques, agora voltavam a ser os autênticos órgãos de luta contra a burguesia. Tornaram-se, de novo, o poder real na Rússia. Restava saber se os conciliadores, ainda em maioria, queriam esse poder soviético.

* Máximo dirigente do partido Cadete.

Por esses dias ainda havia muitos bolcheviques nas prisões, inclusive Trotsky. O jornal do Partido era proibido e interdito. Os socialistas-revolucionários e mencheviques, logo depois da derrota de Kornilov, tinham adotado uma resolução contra a admissão de representantes da burguesia (Cadetes) no governo. Lênin, nessa precisa conjuntura, em 1º de setembro, redigiu um artigo conhecido como “Sobre os Compromissos”. Afirma que novamente os soviets tinham as tropas à sua disposição e lhes era possível tomar o poder pela via pacífica. Que essa oportunidade era raríssima e que poderia se perder em poucos dias. Propõe que o Partido volte a agitar a palavra de ordem de poder de antes de julho (Todo o poder aos Soviets!) e que os socialistas-revolucionários e mencheviques tomem o poder por intermédio dos soviets e respondam perante eles. Lê-se o seguinte trecho no texto **Sobre os Compromissos**:

“O compromisso consistiria em que os bolcheviques, sem pretender participar do governo (impossível para um internacionalista sem a realização efetiva das condições da ditadura do proletariado e do campesinato pobre), renunciassem à apresentação imediata da reivindicação da passagem do poder para o proletariado e para os camponeses pobres e aos métodos revolucionários de luta por esta reivindicação. A condição, por si mesmo evidente e não nova para os socialistas-revolucionários e mencheviques, seria a plena liberdade de agitação e a convocação da Assembleia Constituinte sem novos adiamentos num prazo mais breve.”

Há uma nota na edição consultada atestando que próprio Lênin afirmou que já não era possível o compromisso quando o seu artigo foi publicado, em 6 de setembro: os reformistas já tinham se recuperado do efêmero veto à presença dos cadetes no governo, reaproximando-se da burguesia e se dispunham a governar com ela.

Trotsky explica na **História da Revolução Russa** que essa proposta de Lênin, lançada aos reformistas, colocando-os diante da “inevitável” (termo da edição a que recorreremos) tomada do poder pelos soviets, era uma tentativa de enfraquecer a resistência dos seus adversários.

Os conciliadores rejeitaram a proposta, como se sabe.

Essa política de exigência repercutiu fortemente, sobretudo na base do próprio Partido Bolchevique. Mesmo depois da tentativa de golpe burguesa empreendida por Kornilov, os conciliadores se negaram a tomar o poder em nome dos soviets e voltaram aos braços dos patrões. Essa recusa demonstrou definitivamente que apenas os bolcheviques lutariam pela revolução dali em diante.

Logo após a recusa dos socialistas-revolucionários e mencheviques, a situação política deu outro salto: na Rússia, um após o outro, os soviets mais importantes começaram a passar para as mãos dos bolcheviques. Desde que as massas derrotaram Kornilov em setembro, tendo o Partido Bolchevique à sua frente, a influência deles aumentou explosivamente. As massas mobilizadas, lutando ombro a ombro com os militantes bolcheviques, aderiam às suas palavras de ordem. Quebrava-se o preconceito contra os revolucionários radicais. Rompia-se o cordão de isolamento que lhes tinha imposto o governo depois das Jornadas de Julho inclusive na frente de batalha. Quando um soldado bolchevique chegava à frente de combate, imediatamente os soldados pediam que ele lhes falasse o que pensava o Partido sobre a Revolução, a paz, Kerensky, a distribuição das terras, e se solidarizam com os pontos de vista do Partido.

Mesmo nas eleições parlamentares burguesas os votos dados ao Partido Bolchevique cresceram.

Volta à tona a questão da paz. Soldados e marinheiros se inclinam pela assinatura de tratados de paz ainda que sejam vergonhosos e injustos.

As massas como que adotam o programa bolchevique.

Em contrapartida, os socialistas revolucionários e principalmente os mencheviques se afundam em crises. A ala esquerda do menchevismo, cerca de 10.000 militantes, se dilui completamente no final de setembro.

A sessão do Soviete de Petrogrado de 31 de agosto, que terminou na madrugada de 1º de setembro, quase unanimemente, votou uma resolução favorável à transferência do poder para os soviets, como queriam os bolcheviques. A base dos conciliadores abandonava a sua direção, que colheu apenas 15 votos. Outros soviets, como o de Moscou e o da Finlândia, no início de setembro votaram moções contra o governo provisório. Em 9 de setembro foi renovada a direção do Soviete de Petrogrado: os bolcheviques tiveram 519 votos em prol de uma direção proporcional, onde eles eram a maioria, contra 414 dos conciliadores que propunham a manutenção na direção anterior, registrando-se 67 abstenções.

Essas vitórias dos revolucionários repercutiram em toda a Rússia. Some-se o fato de que os bolcheviques detinham uma força ainda maior junto às massas.

Fazem-se necessárias algumas palavras sobre como o Partido, anteriormente, tinha se preparado para essas conquistas. Em 26 de julho realizou o seu 6º Congresso. Em Petrogrado contavam-se 41.000, sendo 36.000 bolcheviques, 4.000 da organização Interdistrital, dirigida por Trotsky e 1.000 da organização militar. Em Moscou o Partido somava 42.000. Os demais se espalhavam pelas principais regiões do País.

Nesse Congresso, o Partido adverte o movimento de massas para que não cedesse perante a provocação burguesa, destinada a atraí-lo para a luta aberta prematuramente. O Partido sabia que as forças revolucionárias se acumulavam na ação, mas não se dispunha a cometer aventuras nem insensatez.

Por outro lado, esse Congresso firmou o entendimento de que quando a crise deslocasse os segmentos sociais mais pobres das cidades e do campo para o lado dos operários em âmbito nacional, a correlação de forças entre as classes permitiria a tomada do poder pelo proletariado. Esse momento teria de ser considerado segundo a medida de meses e não de anos ou décadas. O Partido precisava se preparar.

Diante desse crescimento estrondoso dos bolcheviques, a partir do começo de setembro a palavra de ordem “Todo o poder aos Soviotes!” queria dizer, concretamente, que o poder passaria para os bolcheviques. Agora não mais seria possível uma transição pacífica e o Partido ingressava na via da insurreição armada.

A conferência democrática e o pré-parlamento

Os conciliadores, buscando recuperar do terreno perdido para os bolcheviques e necessitando se diferenciar tanto de Kornilov e dos cadetes como de Kerensky, já muito desgastado, realizaram, a partir de 14 de setembro, um evento denominado Conferência Democrática. Além das forças políticas reunidas nos soviets, destacando-se uma representação exagerada das suas cúpulas, compareceram delegados das cooperativas rurais e de outras organizações, como as de administração local, chamadas zemstvos.

Embora não houvesse como impedir a participação dos soviets, os conciliadores reduziram ao máximo o peso deles na Conferência (e também o dos bolcheviques, é claro) por meio dos critérios artificiais de escolha dos participantes. Eles desejavam, na verdade, construir outra base política que lhes sustentasse docilmente e que fosse capaz de envolver, absorver e destruir os soviets. Ao negar-se a tomar o poder perdia influência nos Soviets, assim os conciliadores tentavam a via da institucionalização da revolução, a via da Democracia burguesa para barrar a luta pelo poder.

Os bolcheviques, apesar disso, chegavam a atrair cerca de 1/3 da plateia durante as votações. Os socialistas-revolucionários e mencheviques mostraram-se impotentes e não conseguiam conformar uma maioria sólida para aprovar qualquer resolução. Kerensky foi denunciado e atacado de todos os lados por ter se envolvido na tentativa de golpe. Ninguém o defendeu. Os conciliadores, que tinham se recusado a tomar o poder, provocavam os bolcheviques a fazê-lo e os ironizavam.

Somente ao fim da Conferência, depois que Kerensky afirmou que se recusava a participar de um governo integrado apenas pelos socialistas-revolucionários e mencheviques, a Conferência conseguiu sair do atoleiro. Os conciliadores aprovaram a seguinte resolução: a Conferência deveria colaborar na criação de um novo poder; o governo se comprometeria a sancionar uma representação da Conferência; essa representação, indicada pelos partidos, respeitaria o peso das forças políticas ali presentes, sendo-lhe ainda adicionados alguns representantes da burguesia, que não se fizera presente, constituiria um Pré-Parlamento. Esse Pré-Parlamento sancionaria o novo governo em que a burguesia teria participação. O Pré-Parlamento seria uma espécie de conselho de Estado.

Os bolcheviques, naturalmente, se opuseram à resolução. Entretanto, diante da sua aprovação na Conferência, tiveram que decidir se participariam ou não do Pré-Parlamento. Este foi um dos momentos mais críticos do processo revolucionário, como nos explica Trotsky: *dirigir a revolução proletária ou limitar-se ao papel de oposição no Parlamento burguês, tal era a alternativa em que se via colocado o nosso partido* Trotsky, que integrava o Comitê Central desde que ingressara no Partido, opunha-se à participação e propunha o “Boicote ao Pré-Parlamento!” como bandeira de luta. A questão foi submetida à apreciação do Comitê Central em 20 de setembro. Trotsky foi apoiado por metade dos membros da direção, inclusive por Sverdlov e Stálin. Na outra metade encontraram-se Kámenev, Rikov e Riazanov, entre outros. Diante do empate, uma Conferência partidária foi convocada para se pronunciar sobre a divergência. A Conferência aprovou a participação no Pré-Parlamento em 22 de setembro.

A maioria direção do Partido Bolchevique, infelizmente, deixava-se seduzir pelo “canto de sereia” da reação democrática. Uma vez vencida a contrarrevolução de Kornilov, a burguesia e os reformistas buscavam derrotar a revolução, sobrepondo o Pré-Parlamento aos soviets até que os conselhos fossem finalmente esmagados.

Lênin, que só pôde participar do debate com atraso, em 23 de setembro manifestou-se, por carta, em apoio à posição de Trotsky. Kámenev argumentando pela participação no pré-parlamento afirma:

“O boicote do pré-Parlamento é, em resumo, um apelo à insurreição, quer dizer, à repetição das jornadas de Julho. Só porque se chama pré-Parlamento, ninguém ousaria boicotar tal instituição.”

Trotsky descreve os debates os seguintes termos:

“A Conferência Democrática (14-22 de Setembro) e o pré-Parlamento a que deu origem, assinalaram uma nova etapa no desenvolvimento das divergências. Mencheviques e SR procuravam ligar-se aos bolcheviques através da legalidade parlamentar burguesa. A direita bolchevique simpatizava com esta tática. Já vimos como os direitistas concebiam o desenvolvimento da revolução: os soviets transferiam progressivamente as suas funções para as instituições qualificadas (municipalidades, zemstvos, sindicatos e, finalmente, Assembleia Constituinte), abandonando, por isso mesmo, a cena política. Pela via do pré-Parlamento, o pensamento político das massas deveria encaminhar-se para a Assembleia Constituinte, coroamento da revolução democrática. Ora, os bolcheviques já estavam em maioria nos soviets de Petrogrado e de Moscou; a nossa influência no exército crescia de dia para dia. Já não se tratava de prognósticos, nem de perspectivas, mas da escolha da via pela qual seria necessário enveredar.”

Entretanto os bolcheviques nem ao menos se sentaram nas poltronas do Pré-Parlamento. Sem perder tempo, os organismos de base do Partido passaram a votar contra a participação no Pré-Parlamento maciçamente. Corrigido o erro oportunista da direção, o boicote fez-se maioria no Partido numa reunião do Comitê Central em 5 de outubro, contra 1 único voto, o de Kámenev. Em 7 de outubro Trotsky discursava na abertura do Pré-Parlamento e informava que os bolcheviques não o integrariam e que lutariam para que o poder fosse conferido aos soviets. Era a ruptura definitiva dos bolcheviques com os conciliadores.

Agora resolvido o dilema de dirigir a insurreição ou se conformar com os postos parlamentares na democracia burguesa, restava preparar a insurreição, mas as diferenças não encerram com a votação de boicote ao pré-parlamento

As condições para a insurreição

Mas... como esses fatos repercutiam no interior? Não esqueçamos que a Rússia era um país agrário. Por isso, os camponeses decidiriam o futuro da Revolução. Tivessem enxadas ou fuzis nas mãos, como era o caso dos camponeses feitos soldados pela 1ª Guerra, eles, considerando a sua supremacia numérica, desequilibrariam o confronto entre o operariado e burguesia. Se a burguesia e os conciliadores mantivessem o apoio do campo, os operários, os bolcheviques e a Revolução se perderiam sem dúvida. Era determinante para os bolcheviques obter o apoio dos camponeses e, tendo em vista a situação de guerra, dos soldados.

O movimento no campo era essencialmente a luta contra a servidão do camponês. Voltava-se, assim, principalmente contra a exploração praticada pelos nobres e latifundiários ricos contra os camponeses, devido aos valores altíssimos cobrados dos camponeses pelo arrendamento das terras. Em segundo lugar, destacava-se a luta dos operários agrícolas contra os nobres e camponeses ricos por melhores condições de trabalho. Os alvos do movimento camponês, num e noutro caso, eram justamente os nobres e latifundiários ricos. A violência e o sangue sempre se faziam notar. Na medida em que a Revolução avançava, o camponês, seja o arrendatário, seja o operário, apercebeu-se de que estava em questão acima de tudo a posse da terra e dos seus frutos. Essa luta se traduzia na tomada das colheitas e equipamentos agrícolas, na devastação dos pomares, na desapropriação das forragens, madeiras e provisões. Não raro, a própria casa do inimigo era saqueada e queimada. O levante camponês atingiu tal envergadura em setembro e outubro de 1917, que não havia mais nobre seguro dos seus bens.

Os socialistas-revolucionários dirigiam os camponeses politicamente. O centro do programa desse Partido era a tomada das terras dos nobres e sua distribuição para o povo. Quando a Revolução se chocou violentamente contra a propriedade da terra pelos nobres e latifundiários em setembro e outubro, a burguesia se opôs terminantemente contra qualquer ataque à propriedade das terras. Claro: muitas propriedades estavam hipotecadas aos bancos, que não poderiam sofrer prejuízo. Então os socialistas-revolucionários mostraram-se solidários para com os burgueses e renunciaram ao seu próprio programa.

De todas as maneiras tentaram restringir o levante camponês. No máximo cogitaram que os milionários que tiveram as terras tomadas e saqueadas deveriam ser indenizados. Essa traição acabou afastando os camponeses dos seus dirigentes. Os camponeses se meteram no caminho da insurreição, como o único que permitiria o cumprimento do programa abandonado pelos socialistas-revolucionários.

Assim, o movimento camponês seguia o mesmo caminho do movimento operário: as ilusões no governo provisório e nos seus dirigentes conheceram o seu auge, para, em seguida, ser substituídas pelo ódio ao governo e desilusão com os socialistas-revolucionários. Todavia essa experiência se deu com um evidente atraso.

O movimento camponês foi muito influenciado pelos operários e pelos soldados. Os operários e soldados mantinham vínculo com a aldeia de onde vieram e a visitavam com freqüência. Particularmente os soldados, quando estavam de licença ou tinham sido afastados da linha de combate por insubordinação ou mesmo desertado, eram uma poderosa fonte de politização dos camponeses e impulsionadores das suas lutas. Por essa via, aos poucos no início e aos borbotões nos meses de luta mais intensa, a política dos bolcheviques penetrava no campo.

Os bolcheviques, como foi dito, não descartavam a possibilidade de os camponeses seguirem majoritariamente a burguesia no momento decisivo da Revolução. Por isso insistiam em construir soviete de operários agrícolas e outras organizações independentes dos camponeses mais pobres, que seriam aliados naturais dos operários. No entanto, excetuada a região do Mar Báltico, não havia nem os soviete nem as organizações independentes tão desejados pelo Partido.

Embora a tática de organização do movimento no campo adotada pelos bolcheviques não surtisse maiores efeitos, a opção por não rebaixar o seu programa, essencialmente apoiado nos operários e apresentá-lo aos camponeses, demonstrou-se correta. Com o avanço da Revolução, no final de 1917, quando a agitação bolchevique desperta os camponeses ruidosamente, o Partido Socialista Revolucionário fica para trás, abandonado. Dentre os seus militantes, os posicionados mais à esquerda, pressionados pela realidade, acertam o passo ao lado do levante camponês e atrás dos bolcheviques e formam um novo agrupamento: os Socialistas-revolucionários de Esquerda, sob as ruínas do outrora poderoso Partido Socialista Revolucionário.

Outra face da política bolchevique que se revelou acertada na prova da Revolução foi a afirmação da autodeterminação dos povos. A Rússia foi e segue sendo composta por diversas nacionalidades. Os grão-russos, embora nem mesmo chegassem a constituir a maioria da população, historicamente exerceram uma violenta opressão sobre as demais nacionalidades. Ainda nos dias atuais, esses conflitos existem e são muito intensos (chechenos, por exemplo). O Partido respeitava o direito de uma determinada nacionalidade se separar do Estado russo caso desejasse. Não que defendesse a separação, ao contrário opunha-se a ela. Entretanto denunciava os atos de violência e opressão cometidos pelo Estado para deter os separatistas e afirmava que a própria nacionalidade deveria decidir o seu futuro. Essa política permitiu que as nacionalidades oprimidas adquirissem a confiança necessária nos operários russos, que eram a vanguarda revolucionária.

Por outro lado, internamente, o Partido Bolchevique resistia a todo e qualquer nacionalismo. Todo militante, independentemente da sua nacionalidade, decidia e se submetia à política do Partido e nenhum critério nacional ou federativo era admitido na estrutura partidária.

O Exército russo estava praticamente decomposto no início de outubro. A indisciplina corria solta, as represálias contra os oficiais eram violentas e as deserções se multiplicavam. A frota do Mar Báltico se rebelou contra o governo. O caos era de tal ordem, que em 20 de outubro o próprio Ministro da Guerra, Verkhovsky, declarou perante o Pré-Parlamento que se deveria concluir a paz imediatamente.

Depois da saída do Pré-Parlamento, das derrotas militares que se acumulavam e da sua penetração no campo, os bolcheviques passaram a ser ouvidos avidamente pelas massas em todos os cantos da Rússia. Os agitadores não conheciam mais descanso. A plateia, nas fábricas, regimentos, oficinas, escolas, lavouras, conversas das donas de casa, chegava às mesmas conclusões que os agitadores bolcheviques. Os soviete assumem mais e mais tarefas, principalmente o controle operário da produção. São eles, realmente, já, o único poder na Rússia.

No 1º Congresso dos sovietes, em junho, ficara acertado que de 3 em 3 meses aconteceria um novo Congresso. Em face do crescimento dos bolcheviques, os conciliadores temiam convocar 2º Congresso, que

deveria ocorrer em setembro, e se verem em minoria. Assim adiavam o quanto podiam a convocação do Congresso.

Os bolcheviques, diante da resistência do Comitê Executivo do Soviete da Rússia, realizaram uma intensa agitação pela convocação do 2º Congresso. Essa campanha foi seguida de um processo de adesão de numerosos soviets às posições dos bolcheviques.

Contrariado, mas impotente diante da incrível onda bolchevique, o Comitê Executivo do Soviete da Rússia, marcou o início do Congresso para 25 de outubro.

Assim diante da insurreição camponesa, da vitória bolchevique no soviets de Petrogrado e Moscou, Lênin escreve desde Finlândia:

“Depois de haver conquistado a maioria nos soviets de deputados operários e soldados de ambas as capitais, os bolcheviques devem e podem tomar em suas mãos o poder do Estado. ... pois a maioria ativa dos elementos revolucionários do povo de ambas as capitais é suficiente para levar atrás de si as massas, vencer a resistência do inimigo, derrotá-lo conquistar o poder e sustentá-lo.”

Abria agora na direção uma nova luta política, a preparação da insurreição.

Outubro: A preparação para tomar o poder.

Em julho o 6º Congresso do Partido já antecipava que em poucos meses poderia estar em pauta a tomada do poder. Porém o caminho da resolução congressual até a efetiva tomada do poder era desconhecido, perigoso, cheio de armadilhas ardilosamente preparadas pelos inimigos e muito propício a enganos dos próprios dirigentes bolcheviques.

Em setembro, depois que os bolcheviques tornaram-se maioria nos soviets de Petrogrado e de Moscou e diante do levante camponês, Lênin identificou que estavam maduras as condições para que a insurreição operária agarrasse o poder na Rússia. O líder dos bolcheviques militava clandestinamente porque havia uma ordem de prisão contra ele. Por isso passou a se dirigir aos membros do Comitê Central e a outros dirigentes por meio de cartas, propondo que o Partido tomasse o poder o mais rapidamente possível: sim que o Partido, e não os soviets, tomasse o poder. Trotsky diz, na **História da Revolução Russa**, que Lênin exigia que o Partido, diante da crise que se instalara na Conferência Democrática de meados de setembro, apoiando-se nos soviets que já conquistara e nas forças militares e operárias que pudesse reunir, organizasse um estado-maior da insurreição, prendesse os membros do governo provisório, derrotasse os inimigos militarmente, prendesse o seu estado-maior do Exército e controlasse os prédios públicos importantes de Petrogrado.

No entanto, mesmo que as condições objetivas - externas ao Partido - estivessem maduras, era impossível aos bolcheviques tomar o poder nos idos de setembro de 1917 exatamente porque ainda faltava à sua direção o que a Lênin sobrava: o grau de resolução indispensável. Não esqueçamos que metade do Comitê Central ainda votaria pela participação no Pré-Parlamento e a Conferência aprovaria tal participação em 22 de setembro.

O Comitê Central não deu ouvidos a Lênin.

Para Lênin a tomada do poder em julho era prematura, esperar novembro era tarde demais. No dia 12 de Setembro começa a escrever uma série de cartas destinadas ao CC, (compilados com o título de **‘Os bolcheviques devem tomar o poder’**) onde explica as razões fundamentais que obrigavam aos bolcheviques a agir rapidamente. A primeira carta discute que:

“não se trata do ‘dia’ da insurreição, de seu ‘momento’ no sentido estrito da palavra. Isto será decidido unicamente pela vontade comum dos que tem contato com os operários e os soldados, com as massas. (...) Se trata de conseguir que esta tarefa [a insurreição] seja clara para o partido: colocar na ordem do dia a insurreição armada em Petrogrado e Moscou...”

E terminava afirmando que o CC devia lembrar-se das palavras de Marx, de que a *insurreição é uma arte*.¹¹

Não é por outro motivo que a carta escrita nos dias 13/14 de Setembro, tem o título; **“O marxismo e a insurreição”**. Nesta carta, ao contrário de tudo o que se fala da tática dos bolcheviques, vemos claramente como Lênin deu tanta importância ao tema de que estavam diante de uma revolução

¹¹ Marx, Revolução e Contrarrevolução na Alemanha.

consciente, mas esta consciência das massas, não se expressava nos partidos tradicionais, e tampouco nas instituições criadas para desviar a revolução como o pre-parlamento e sim na vontade das massas, diz:

“Para que a insurreição triunfe, não deve se apoiar em uma conjura, em um partido, mas na vanguarda da classe. Isto em primeiro lugar. Em segunda lugar, deve apoiar-se no entusiasmo revolucionário do povo. E em terceiro lugar, deve apoiar-se no momento crítico da história da crescente revolução em que seja maior a atividade da vanguarda do povo, no momento em que são maiores as vacilações nas fileiras do inimigo e nas fileiras dos amigos débeis inconsequentes e indícios da revolução. Estas três condições ao colocar o problema da insurreição são precisamente as que diferenciam o marxismo e o blanquismo.”

Segue explicando que em 3 e 4 de julho os inimigos colocaram o partido diante da decisão de ir ou não a insurreição, mas explica que

“...não se podia deduzir que fosse conveniente tomar o poder naquele momento, pois neste momento não existiam as condições objetivas necessárias ao triunfo...”

A partir deste ponto a carta inicia uma comparação das condições em julho e a que se coloca em meados de setembro:

“1)...hoje temos a maioria em ambos Soviete. Esta maioria é unicamente furto da história dos meses de julho e agosto... 2) [em julho] faltava o entusiasmo do povo. Hoje depois da Korniloviada, este entusiasmo existe. ...a situação das províncias e a tomada do poder pelos Sovietes em muitos lugares [confirma o entusiasmo]. 3) ...as vacilações dos inimigos são gigantescas. O nosso principal inimigo o imperialismocomeça a vacilar entre a guerra até a vitória final e uma paz em separado com Rússia. Os Cadetes perderam a maioria do povo...”

E aqui um dos elementos fundamentais que depois Trotsky retoma em HRR, afirma que em julho não se manteriam no poder:

“... em alguns momentos tivemos Petrogrado em nossas mãos, nossos próprios operários e soldados não estavam dispostos naquele momento de lutar e morrer pela capital: lhes faltavam ainda o ‘enfurecimento’ que existe hoje, o ódio ardente tanto aos Kerensky como aos Tsereteli...”

E sintetiza: ...a maioria da classe que constitui a vanguarda da revolução nos segue, a vanguarda do povo capaz de levar atrás de si as massas. Nos segue a maioria do povo...Estamos em uma situação vantajosa de uma partido que sabe firmemente qual é o caminho, em meio as vacilações de todo o imperialismo e de todo o bloco menchevique – SR.”

Mas ele insistiu. Em 29 de setembro de 1917 escreve um artigo público, seguido de uma carta aos membros do Comitê Central do seu Partido, não por acaso intitulado “**A Crise Amadureceu**”, em que diz o seguinte na parte dirigida para o público:

“(...) Num país camponês, com um governo revolucionário, republicano, que goza do apoio dos partidos dos socialistas-revolucionários e mencheviques, que ainda ontem dominavam entre a democracia pequeno-burguesa, cresce a insurreição camponesa. (...)”

Mais adiante, no texto reservado aos membros do Comitê Central, Lênin lembra que os bolcheviques já tinham a maioria em Petrogrado e Moscou. Menciona que a situação europeia era favorável à tomada do poder na Rússia, em virtude do levante dos marinheiros da frota militar alemã de agosto de 1917, que se rebelaram pelo fim da guerra e pela insurreição na Alemanha, e da prisão em massa de dirigentes socialistas na Itália. Assegura que os bolcheviques não poderiam esperar mais e tinham que tomar o poder antes de 25 de outubro, quando seria aberto o Congresso dos soviets da Rússia:

“Esperar pelo Congresso dos soviets é uma completa idiotice, pois significa deixar passar semanas, e as semanas e mesmo dias agora decidem tudo. Isto significa renunciar covardemente à tomada do poder.”

Em seguida Lênin traça um plano para a insurreição imediata. Arremata o seu documento afirmando que em consequência de diversos erros da direção do Partido, entre eles ter decidido participar do Pré-Parlamento e outras divergências, vê-se obrigado a pedir demissão do Comitê Central, a fim de preservar a liberdade de expor as suas opiniões divergentes para a base do Partido. Lênin pede demissão do Comitê Central, a fim proteger seu flanco de futuras acusações de rompimento do centralismo democrático, mas não chega a sair do CC.

A direção partidária ainda resistia aos apelos Lênin.

Em poucas semanas, o Comitê Central do Partido Bolchevique mudaria o seu ânimo. Em 9 e 10 de outubro o Comitê Central reúne-se, contando com a presença de Lênin. Ele defende uma imediata ação do Partido visando à tomada do poder nos próximos dias. Adverte que o inimigo poderia preparar um golpe, utilizando as tropas da frente de combate, que haveria a possibilidade de nem mesmo se realizar o 2º Congresso dos soviets e que não se poderia esperar mais. No dia 10 de outubro é aprovada a resolução sobre a insurreição apresentada por Lênin por 10 votos contra apenas 2: os de Kámenev e Zinóiev.

Segundo a resolução, a revolução socialista mundial teria avançado na Europa, sendo lembrados os eventos internacionais apontados antes no panfleto "**A Crise Amadureceu**"; as condições russas para a insurreição teriam amadurecido plenamente, todas as organizações do Partido deveriam se orientar para a insurreição. Lênin sustentava, na resolução aprovada, que o Partido tomasse o poder e que as suas organizações locais resolvessem as questões da insurreição. Nem cita o 2º Congresso dos soviets. Conforme Trotsky, no 3º volume da edição citada da **História da Revolução Russa**, a tomada do poder deveria culminar por volta do dia 15 de outubro. Depois de consolidado o poder, o Partido o entregaria aos soviets.

A votação esmagadora a favor da insurreição, entretanto, escondia uma resistência à tomada do poder ainda grande na direção do Partido e dúvidas táticas acerca de como a realizar. Apesar da decisão tomada, o poder só passaria aos operários, soldados, marinheiros e camponeses entre 25 e 26 de outubro. Por outro lado, seria incorreto dizer que a insurreição somente aconteceu depois do Congresso. Não, ela iniciou antes e se consolidou já no seu transcurso.

A insurreição

Desde a saída dos bolcheviques do Pré-Parlamento, a ameaça de insurreição pairava no ar. O governo deu-se conta de que necessitava urgentemente dispor de tropas 100% leais a ele em Petrogrado, que, afinal, era a sua sede. Para atingir esse objetivo, recorreu à desculpa de que teria que substituir tropas que lutavam no *front* pelas guarnições de Petrogrado, mais descansadas. O Soviete da Cidade, compreendendo as verdadeiras intenções de Kerensky, recusou a proposta, alegando que a transferência dos efetivos tinha natureza política e não militar. Para superar o impasse os mencheviques, no Soviete, propuseram a criação de um comitê de defesa revolucionária destinado a examinar a necessidade da transferência das tropas.

Os bolcheviques aproveitaram a deixa e tomaram para si a proposta menchevique. Contudo deram ao novo Comitê a finalidade, mais ou menos disfarçada, de ser o estado-maior da insurreição na Capital. Em 12 de outubro o Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado aprovava o estatuto do seu braço militar: o Comitê Militar Revolucionário. O estatuto era dúbio de propósito. Os bolcheviques ainda não podiam falar abertamente da ofensiva insurrecional, e a escondiam atrás de propostas ditas defensivas. Os conciliadores perceberam a manobra bolchevique e se negaram a participar do Comitê. O órgão militar, desse modo, foi integrado por bolcheviques, seus simpatizantes e apenas 1 militante orgânico dos socialistas-revolucionários de esquerda, que, de fato, seguia os bolcheviques. O Comitê Militar Revolucionário, embora nascesse por decisão do Soviete e contasse, portanto, com o aval do órgão revolucionário que as massas reconheciam, apoiava-se unicamente nas organizações militares bolcheviques. O Comitê era presidido por ninguém menos que Trotsky.

Os bolcheviques, no dia 10, tinham decidido trabalhar pela insurreição. Todavia, a sua direção encontrava-se diante de problemas bem difíceis: Como debater os atos conspirativos da insurreição no interior de soviets, bem debaixo do nariz dos inimigos, socialistas-revolucionários e mencheviques, que também integravam o governo provisório? O funcionamento democrático e a composição proporcional à força dos partidos pareciam mesmo incompatíveis com a conspiração. Porém como conchamar as massas à insurreição sem o fazer por intermédio dos soviets, se era neles que as massas confiavam? Afinal, não seria mais rápido chamar, de surpresa, a insurreição diretamente em nome do Partido? Por outro lado, essa atitude não atrairia para os bolcheviques a desconfiança de outros prováveis aliados, como os socialistas-revolucionários de esquerda ou mesmo dos lutadores que não estavam ligados a um determinado partido? Havia vantagens e desvantagens em cada uma das saídas visíveis para o problema da insurreição e da conspiração. A questão de quando provocar a insurreição ligava-se com a de quem a chamaria.

Segundo Trotsky, esses problemas não admitem uma solução geral única. A melhor tática depende da situação política específica. Mostra na **História da Revolução Russa** que mesmo Lênin, que se inclinara categoricamente pela tomada do poder pelo Partido em setembro, no final de outubro já reconhecia que poder poderia ser tomado pelo Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Petrogrado. Entretanto não perdia de vista que se surgissem dificuldades que retardassem a insurreição, o Partido deveria, em seu próprio nome, dar o último golpe no governo provisório.

A fórmula encontrada pelo Partido em Petrogrado, de formar o Comitê Militar Revolucionário, integrado e baseado quase exclusivamente nas forças dos bolcheviques, em que não intervieram nem os

mencheviques nem os Socialistas Revolucionários, mas que tinha sido criado pelo Comitê Executivo do Soviete da Capital, serviu como uma luva ao desfecho da Revolução. O Comitê Militar Revolucionário conspirou para derrubar Kerensky e entregar o poder ao 2º Congresso dos sovietes da Rússia.

O Comitê Militar Revolucionário de Petrogrado, embora tivesse sido criado pelo Soviete em 12 de outubro, somente começou a organizar a insurreição em 20 daquele mês. A partir desse momento, rapidamente, não por obra dos bolcheviques, mas dos próprios soldados organizados no Comitê, se pôde descobrir exatamente a posição de cada unidade militar de Petrogrado e da vizinhança em relação à insurreição. O Soviete aprova o armamento dos operários por meio da distribuição das armas do arsenal do Exército na Cidade. Perguntados pelo governo provisório, quem tinha ordenado a distribuição do armamento e da munição, os dirigentes do Soviete diriam simplesmente: Trotsky, o Presidente do Comitê Militar Revolucionário do Soviete. Constituíam-se, desse modo, a Guarda Vermelha, que chegou a contar com dezenas de milhares de operários armados, também subordinada ao Comitê Militar Revolucionário. A Capital se preparava, toda, para a luta.

Se os bolcheviques eram amplamente majoritários entre os soldados e marinheiros estacionados em Petrogrado, Moscou, Kronstadt, Finlândia etc, a situação nas frentes de combate mais distantes desses centros não lhes era tão confortável. Porém essa conjuntura dava condições aos bolcheviques para planejar a tomada de Petrogrado e a deposição do governo de Kerensky. Foi ao que eles se dedicaram. A organização da insurreição no que toca à parte conspirativa foi entregue aos militares bolcheviques. As operações começaram às 2 horas do dia 25 de outubro com a ocupação pelos soldados, marinheiros e integrantes da Guarda Vermelha de instalações públicas, tais como os correios, os telégrafos, a central telefônica, a estação ferroviária, a central elétrica, o serviço de abastecimento de água, os armazéns de abastecimento de alimentos, os arsenais militares, o Banco do Estado, e também das grandes gráficas. Não houve luta e os primeiros prisioneiros se entregaram resignadamente.

O apoio à insurreição, ao Soviete e aos bolcheviques era tão maciço que não houve necessidade de barricadas nem de intensos tiroteios nem de movimentação súbita de tropas. Tudo ocorreu sem que muito sangue jorrasse. Às 10 horas, embora ainda não se tivesse tomado a sede do governo provisório, o Palácio de Inverno, o Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Petrogrado divulgou um boletim anunciando a vitória, a deposição do governo e a transferência do poder para o próprio Comitê. Às 12 horas o Pré-Parlamento foi evacuado e os seus membros se dispersaram sem resistência.

Mas a rendição do Palácio de Inverno não tinha se consumado.

O 2º Congresso dos sovietes da Rússia, cuja data de início era prevista para o mesmo dia 25, foi instalado antes que o Palácio de Inverno fosse ocupado pelos insurretos. Evidentemente houve atraso no início dos trabalhos, uma vez que todos queriam saber sob que governo transcorreria a reunião. Na abertura contaram-se 650 delegados com direito a voto. Os bolcheviques, como se esperava, conquistaram a maioria: 390 votos. Mais tarde vieram mais delegados e o número de participantes chegou a 900. Mantiveram-se os bolcheviques em maioria: numa primeira votação, contaram-se 505 votos pela passagem do poder para os sovietes, contra 162; assim mesmo esses 162 votos dividiam-se entre votos dados pela “democracia” e outros tantos dados em favor do governo provisório, uns pretendendo que os cadetes seguissem no governo, outros contrários.

Os conciliadores fizeram diversos discursos exigindo o fim da insurreição e assegurando que se fosse derrubado o governo, os bolcheviques não sustentariam no poder por mais do que alguns poucos dias ou que a Rússia ingressaria numa guerra civil. Como suas ameaças não surtiram o efeito imediato desejado, desanimaram e foram abandonando o Congresso dos sovietes. Os delegados socialistas-revolucionários dividiram-se: os de esquerda permaneceram no Congresso, os outros se foram. Cerca de metade dos mencheviques - uns 70 delegados - também deixaram o Congresso.

Às 2 horas e 10 minutos do dia 26 de outubro, quando a sessão de abertura do Congresso já invadia a madrugada, o governo provisório rendeu-se. A rendição custou mortos e feridos dos 2 lados, que se espalharam pelos corredores do Palácio de Inverno. Os ministros foram presos, exceto o Ministro-Presidente. Kerensky partira para a frente de combate na manhã do dia 25.

Kámenev anuncia perante os delegados que o governo provisório acabara de ser deposto e cita o nome dos ministros presos. Notícia também que diversos regimentos, mandados por Kerensky contra Petrogrado, ainda na periferia da Cidade, acabavam de declarar o seu apoio à insurreição.

Os bolcheviques propõem e é aceito um manifesto voltado à população esclarecendo que um novo Estado nascia: o governo provisório fora deposto, o Congresso dos soviets tomava o poder para si, o novo governo apresentará uma proposta de paz imediatamente, entregará a terra aos camponeses, controlará a produção, adotará um regime democrático para reger os militares, convocará a assembleia nacional constituinte.

Qual será a composição do novo governo? Os socialistas-revolucionários de esquerda ainda não se dispõem a integrá-lo. Afinal a sua ruptura com Kerensky ainda era muito recente. O Comitê Central bolchevique decide, diante da recusa dos aliados, formar um governo apenas com os seus quadros.

As primeiras medidas referem-se a acabar com a guerra, distribuir as terras e instalar o novo governo. O Congresso aboliu a pena de morte, determinou a soltura dos soldados e camponeses por motivos políticos, concedeu a liberdade de agitação, os altos funcionários do governo provisório foram destituídos de seus cargos, foi decretada a ordem de prisão contra Kerensky e Kornilov. O Congresso aprova uma declaração do governo pela paz democrática e sem anexações de territórios nem indenizações e a apresenta às demais nações envolvidas no conflito, assim como aos seus povos. Abole a diplomacia secreta. Propõe uma trégua imediata para que as negociações de paz se realizem. Conclama particularmente os operários franceses, ingleses e alemães a lutarem pela paz e a pressionarem os seus próprios governos e também a lutarem contra toda a exploração.

No tocante à questão agrária, Lênin propõe, em nome dos bolcheviques, a desapropriação sem direito a qualquer indenização das terras dos nobres, do Czar e das igrejas, incluídos os utensílios e o gado arrendado, que passam a ficar à disposição dos soviets e comitês agrários, legalizando o levante camponês. As terras dos camponeses pobres, bem como as dos ricos (os kulaks) não sofrem o confisco. Assim seria mantida a propriedade privada de terra na Rússia soviética. Lênin ainda acrescentou da tribuna que, embora o programa dos bolcheviques para o campo fosse diferente, os operários e o seu Partido não poderiam impô-lo aos camponeses. Seria errado adotar um programa que desse as costas aos anseios dos próprios camponeses e que desrespeitasse a sua experiência política. Entretanto esse decreto sobre as terras foi acompanhado de diretrizes gerais para a realização de uma reforma agrária que iam além: mencionava a revogação da propriedade privada das terras, reconhece o direito de todos os cidadãos utilizarem as terras, propõe o fim do trabalho assalariado no campo e a exploração igualitária das terras.

Finalmente o problema do novo governo é enfrentado. O poder governamental passa a ser exercido por um colegiado de comissários do povo. O colegiado será chamado Conselho dos Comissários do Povo. Esse órgão concentrará as funções executivas e legislativas. O controle das atividades do governo será confiado ao Congresso dos soviets e ao seu Comitê Executivo Central. Como os socialistas-revolucionários de esquerda ainda contavam com a possibilidade de atrair os conciliadores para o novo poder, e que ficar de fora dele lhes deixaria numa melhor posição para alcançar esse objetivo, eles não integraram o governo soviético. Os bolcheviques compõem o Soviete dos Comissários do Povo, onde figuram Lênin, Trotsky, Rikov, Stálin e outros. Kámenev será o presidente do Conselho Executivo Central do Soviete e Zinóviev será o redator do jornal do Soviete. O Congresso sanciona o novo governo soviético sob uma tempestade de aplausos. Nascia o primeiro Estado operário.

Encerrado o 2º Congresso do Soviete, incertezas tomaram conta da Rússia. Os bolcheviques conseguiriam, mesmo contando apenas com certo apoio dos socialistas-revolucionários de esquerda e dos mencheviques internacionalistas, manter-se no poder? Por todos os lados se comentava que Kerensky tinha conseguido reunir um grande exército, mas será que ele teria forças para dobrar os operários? E Kornilov, como agiria? A burguesia e os reformistas, fazendo da Duma de Petrogrado, um covil contrarrevolucionário, patrocinavam todo tipo de ataques ao Estado operário.

Em 29 de outubro Kerensky invadiu com tropas cossacas Czarcoie-Selo (os cossacos eram colonos do Sul da Rússia que tinham recebido doações de terra dos czares em troca da obrigação de defender a fronteira; eram guerreiros ferozes), enfrentando pequena resistência – os soldados que apoiavam os bolcheviques tinha deixado a cidade em direção a Petrogrado, levando consigo a artilharia.

Em Moscou a luta foi sangrenta e equilibrada. Depois que os militares contrarrevolucionários expulsaram os bolcheviques do Kremlin, os contendores chegaram a uma trégua: todos aguardavam a sorte do combate decisivo a ser travado nas imediações de Petrogrado.

Enquanto isso por todo o interior da Rússia chegava a notícia de que um governo operário se erguia e do conflito armado entre os partidários do antigo e do novo regime.

Também em Petrogrado houve combates. Os guardas vermelhos venceram os seus oponentes no Centro da Cidade e recuperaram posições antes tomadas de assalto pelos partidários do governo deposto. Mas Kerensky, vindo de Csarcoie-Selo, poderia invadir a Capital a qualquer momento. As tropas soviéticas não esperaram por ele e partiram de encontro ao inimigo.

O choque das tropas de Kerensky com as de Petrogrado ocorreu na noite entre 30 e 31 de outubro na localidade Pulcovo. Trotsky, que tinha acompanhado os combatentes, telegrafou para Petrogrado anunciando que o ataque de Kerensky tinha sido rechaçado. Segundo o registro de John Reed no livro ***Dez Dias Que Abalaram O Mundo***:

“Kerensky tentou atirar as forças contrarrevolucionárias contra a Capital, mas foi definitivamente repellido. Kerensky recua, nós avançamos. Os soldados, os marinheiros e os operários de Petrogrado demonstraram sua vontade de consolidar, de armas na mão, a autoridade da democracia. A burguesia tentou isolar o exército revolucionário. Kerensky procurou aniquilá-lo, valendo-se dos cossacos. Esses dois planos fracassaram completamente. A grande ideia do domínio da democracia operária e camponesa estreitou as fileiras do exército, temperando-lhe a vontade. De agora em diante, o país inteiro ficará convencido de que o poder soviético não terá uma existência efêmera [...]”

Em seguida as tropas soviéticas avançaram e tomaram Csarcoie-Selo, desbaratando a resistência de Kerensky e Kornilov.

Os combates foram retomados em Moscou. Causaram perdas humanas e materiais muito grandes. Prolongaram-se até os primeiros dias de novembro, quando os bolcheviques readquiriram o pleno controle sobre a Cidade.

A estratégia dos bolcheviques

Os acontecimentos que se desenvolvem após a tomada do poder demonstraram a força da revolução socialista, e a força desta revolução residiu no fato de que ela teve uma direção consciente. Que queremos dizer com uma direção consciente reside em uma afirmação simples: o partido bolchevique estava armado com uma estratégia e cada passo tático se relacionava com este objetivo.

O dito acima, não desconsidera em absoluto que no marco desta estratégia, os desafios que se apresentaram para a república dos soviets, não implicavam a existência de fortes polêmicas no interior do partido. Ao contrário, desde a dissolução da Assembleia Constituinte, passando pela paz de Brest, até as táticas a utilizar na guerra civil e posteriormente a NEP, foi palco de lutas políticas, fracionamento, ameaças de rupturas.

Mas a questão que se coloca para o balanço histórico da Revolução Russa (explicação do Stalinismo, surgimento da burocracia e, na atualidade, a restauração do capitalismo) é em que se equivocaram os bolcheviques.

Todos os críticos da revolução fazem o seu balanço histórico sem considerar o essencial para este balanço: qual era a estratégia fundamental dos bolcheviques ao chegar ao poder?

Por isso a maioria dos críticos atuais do bolchevismo acabam por repetir os velhos argumentos, fazendo as vezes este debate girar em círculos, repetindo os velhos argumentos dos chefes da II Internacional. Por exemplo, Jacob Gorender, afirmar que o Stalinismo é tão somente uma continuidade do bolchevismo. Enxerga no Stalinismo uma consequência natural da política dos bolcheviques no poder, no mesmo sentido, vai organizações oriundas do próprio trotskismo como o Secretariado Unificado, cujo balanço histórico da revolução russa e da restauração do capitalismo os levou a retirar do programa a Ditadura do Proletariado.

Soprando com estes mesmos ventos, novas teorias negam completamente a necessidade de tomar o poder, como Holloway, que passam a questionar qualquer perspectiva de luta pelo socialismo que tenha como período de transição a conquista do Estado.

Nos ventos opostos, o Stalinismo reciclado do PCdoB, busca justificar o Stalinismo como uma necessidade histórica e culpando a estratégia de expropriação da burguesia, buscam um “novo socialismo” que agora convive com o mercado, Cuba e China, portanto seria o atual modelo.

Assim, a maioria destes autores, cada um ao seu modo consideram distintos aspectos do problema isolando-os, uns atribuem o processo de burocratização ao caráter do Estado, a ditadura do Proletariado, outros a necessidade de uma convivência prolongada entre mercado e economia planificada.

Antes de irmos aos acontecimentos que marcam a trajetória dos bolcheviques no poder, vamos tomar um aspecto o qual nenhum dos autores acima citados aborda em profundidade: a estratégia dos bolcheviques: **a revolução mundial**.

Os primeiros cinco anos de poder soviético foram marcados por uma luta titânica para manter e consolidar o poder dos soviets. Lênin divide este período de acordo com as tarefas centrais que estavam colocadas:

*“Para sustentar uma corrente devemos agarrá-la pelo elo fundamental. Não se pode eleger artificialmente o elo que se queira. Em que consistia todo o **quid** em 1917? Em sair da guerra, coisa que exigia todo o povo e eclipsava todo o resto. (...) esta era a necessidade fundamental de todo o povo. Nos anos de 1919 e 1920 onde estava o quid ? Na defesa militar. (...) em 1921, o quid estava no recuo ordenado. Por isso era necessária uma severa disciplina (...) E agora [1922] onde está o quid ? (...) Chegamos a conclusão de que o Quid da situação está nas pessoas, na seleção das pessoas. (...) chegamos a uma situação que deve ser julgada com serenidade no sentido político: avançamos tanto que não podemos nem devemos manter todas as posições.”¹²*

Para Lênin o partido pôde conduzir corretamente a luta porque identificou a tarefa central em cada um dos períodos acima citados e assim concentrou todas as suas forças. Quando avançar e quando recuar, até onde avançar, estes foram temas os quais se discutiu apaixonadamente entre revolucionários.

No entanto, avançar e recuar não deixam de ser movimentos táticos, a proporção do avanço e do recuo deve ser operado de acordo com uma estratégia determinada, pois se assim não for não se chega a nenhum lugar. Analisaremos cada um dos períodos acima nas páginas seguintes, mas o que se deve ter em conta na sucessão de acontecimentos e na resposta que se deu em cada uma das situações é que as mesmas estavam sendo realizadas em consonância com uma estratégia fundamental.

Em sua obra sobre a História da Rússia Soviética, Carr, sintetiza a estratégia com as seguintes palavras:

“Lênin havia estabelecido as condições necessárias para a transição ao socialismo; apoio dos camponeses e da revolução europeia e a esperança na realização destas condições haviam sido à base de seu otimismo (...)”¹³

Qualquer um analista sério sobre os primeiros anos da Rússia Soviética deve tomar com base para discutir os resultados imediatos e futuro tanto as condições objetivas em que se desenvolvia o exercício do poder, como os objetivos fundamentais de tal exercício.

Assim podemos definir que no *front* interno, a luta do partido bolchevique para manter o poder e consolidá-lo tinha como eixo a destruição da velha máquina estatal burguesa a serviço da repressão e a construção de um novo poder, um novo tipo de Estado, as bases fundamentais do programa estava desenvolvido em sua obra *O Estado e a Revolução*.

Mas a incorporação da classe operária através dos soviets na administração do Estado estava determinada pelo nível do desenvolvimento da sociedade herdada, ou seja, o nível de desenvolvimento das forças produtivas, o nível de industrialização e da cultura.

Vencer estas dificuldades era impossível somente do ponto de vista interno, daí que nesta relação dialética entre a revolução nacional e internacional, o poder soviético necessitava da revolução mundial como o ar que se respira, ao mesmo tempo a consolidação da república era um fato impulsor da revolução mundial.

Esta estratégia foi expressa por Lênin desde antes da tomada do poder, nas **Teses de Abril** e na polêmica com os “velhos bolcheviques” sobre o caráter da revolução em curso. Desenvolve também no mês de setembro, no artigo **Poderão os bolcheviques manter o poder estatal?**¹⁴ E em vários outros documentos e artigos, a revolução foi construída como antessala da revolução europeia.

No apêndice da **História da Revolução Russa**, Trotsky demonstra através de quase uma dezena de citações o quanto o tema da revolução internacional estava a tal ponto vinculada a estratégia do partido. As intervenções dos delegados nos congressos, demonstrado pelas atas dos mesmos, até a “**Declaração**

¹² Lênin, *Informe político ao XI Congresso do PC(b)R*, Obras Completas Tomo 45, pág.117-118.

¹³ *A revolução bolchevique* (1917 -1923) Vol.1.pág.264.

¹⁴ “Não há poder na Terra que possa impedir os bolcheviques, se eles não se deixarem intimidar e conseguirem tomar o poder, de mantê-lo até a vitória da revolução socialista mundial”

dos Direitos dos Trabalhadores e dos Povos Explorados” – o programa estatal básico introduzido em nome do poder soviético na Assembleia Constituinte – proclamou ser a tarefa da nova estrutura “o estabelecimento de uma organização socialista da sociedade e a vitória do socialismo em todos os países... O poder soviético procederá resolutamente ao longo desta linha até a vitória completa da insurreição internacional dos trabalhadores contra o jugo do capital”.

Assim o que salta aos olhos é que o tema da revolução mundial não era um elemento a mais dentro nos debates sobre o futuro da URSS, senão a peça fundamental discutida e incorporada não somente pelo partido, mas pelos soviets, tarefa consciente e necessária.

Após a tomada do poder o debate sobre o desenvolvimento e ritmo da revolução internacional foi um dos centros para assinar a paz de Brest. Mas o fundamental foi expresso por Lênin no folheto **Êxitos e dificuldades do poder soviético**, publicado em 1919, explicava:

“Não podemos vencer definitiva e completamente a escala mundial somente com a Rússia. Somente venceremos quando o proletariado triunfe em todos os países, ou pelo menos, nos países mais adiantados (...) Somente então poderemos dizer com certeza que a causa do proletariado triunfou, que alcançamos nosso primeiro objetivo: a derrubada do capitalismo. Alcançamos esse objetivo em relação a um país, e agora esta colocada uma segunda tarefa. Se o poder dos soviets é uma realidade, se a burguesia foi derrubada em um país, a segunda tarefa é a luta a escala internacional, a luta em outro plano, a luta do Estado proletário no meio dos Estados capitalistas.”

Assim a vitória do proletariado russo era uma vitória tática, no marco da estratégia fundamental colocada: a derrubada do capitalismo. Para ser consequente com esta política o bolchevismo cria o instrumento necessário para esta luta, para a derrubada do capitalismo a escala internacional o instrumento será a III Internacional.

E para que não fique nenhuma dúvida com relação a este tema, o próprio Lênin explica:

*Em várias ocasiões disse reiteradas vezes: em comparação com os países adiantados, foi mais fácil aos russos **começar** a grande revolução proletária, mas será mais difícil a eles **continua-la** e leva-la até o triunfo definitivo, no sentido da organização completa da sociedade socialista.¹⁵*

Assim, manter o poder dos soviets, aprofundar a construção do Estado operário fortalecendo a participação das massas na administração estatal, construir a aliança com os camponeses e desenvolver a revolução mundial foi a política empreendida pelos bolcheviques, até a morte de Lênin.

A estratégia dos bolcheviques no poder estava relacionada com a tradição marxista no que concerne ao socialismo e que a maioria absoluta da esquerda mundial tratou de “esquecer” vejamos como Lênin estabelece o tema da concepção de socialismo e as tarefas colocadas para a república dos soviets:

*O socialismo é inconcebível sem a grande técnica capitalista baseada na última palavra da ciência moderna, sem uma organização estatal harmônica que submeta milhões de pessoas a observância de uma norma única na produção e distribuição dos produtos. Nós os marxistas falamos sempre disso, e não vale a pena gastar nem sequer dois segundos conversando com gente que não compreendeu nem **sequer isso** (...)[sublinhado no original]*

E prossegue;

Ao mesmo tempo o socialismo é inconcebível sem a dominação do proletariado sobre o Estado: isso é também elementar. (...)

Para concluir que:

A revolução proletária vitoriosa na Alemanha romperia de golpe, com extraordinária facilidade, toda casca imperialismo (...) faria realidade de modo seguro a vitória do socialismo mundial, sem dificuldades ou com dificuldades insignificantes, se se toma, naturalmente, a escala do ‘difícil’ desde o ponto de vista histórico universal e não desde o ponto de vista pequeno burguês e de círculo.”¹⁶

¹⁵ **A III Internacional e seu lugar na História**, Obras Completas Tomo 38, página 326

¹⁶ **Sobre o infantilismo esquerdista**, OC Tomo 36 págs. 309-310

Assim a estratégia dos bolcheviques nunca foi a construção do socialismo na Rússia. Para Lênin, a chave do desenvolvimento da revolução russa estava no desenvolvimento da revolução mundial, pois aí se concentrava as condições materiais para que a humanidade pudesse saltar do reino das necessidades básicas. Assim a revolução alemã era a peça fundamental desta estratégia.

5. O Partido Bolchevique: ferramenta indispensável para a vitória da revolução de outubro

A pequena diferença referente ao parágrafo 1 dos Estatutos em 1903 agora se revelava como duas concepções diferentes de partido: um partido de combate para tomar o poder ou um partido reformista-eleitoral?

No início do Século XX, dois tipos de partidos operários surgiram na Europa: o Partido Social Democrata Alemão (PSD) e o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR). Enquanto o primeiro tinha uma ação focada nas eleições e no parlamento, o segundo estava voltado para a mobilização revolucionária.

O PSD, surfando um grande crescimento econômico da Alemanha, chegou a ter 50% dos votos nos centros urbanos e elegeu 110 deputados. Tinha um milhão de filiados. Possuía 43 jornais diários, escolas e universidades. Isto gerou uma ilusão de que o capitalismo podia melhorar a vida do povo. Acreditavam na via pacífica ao socialismo, através do parlamento. Por isso, abandonaram a ideia da revolução.

Na Rússia, pelo contrário, reinava uma ditadura feroz, não tinha eleições regulares nem sindicatos. Qualquer ação política levava à prisão, ao exílio ou à morte. Isto levou à construção de um partido combativo, revolucionário, disposto a matar ou morrer. Um partido diferente, cujo objetivo principal era desenvolver a luta de classes para a transformação revolucionária. Não tinha um milhão de filiados, mas possuía alguns milhares de militantes que davam a vida pela revolução.

Os tiros da Primeira Guerra Mundial esfaquearam o PSD alemão enquanto fortaleceram o Partido Bolchevique, já que abriu as perspectivas de uma revolução. Três anos depois da guerra, o PSD salvou, junto com a burguesia, o imperialismo alemão enquanto o Partido Bolchevique confiscou a riqueza da burguesia e entregou o poder aos trabalhadores.

O partido bolchevique se forjou como um partido revolucionário, uma organização disciplinada para tomar o poder pela via de uma insurreição armada. Uma organização de luta pela revolução socialista nacional e internacional. Esse programa determina o partido bolchevique como um partido de combate, revolucionário em oposição ao partido menchevique, cujo objetivo era reformar a sociedade capitalista, através do parlamento e das eleições.

A tarefa principal do partido bolchevique tratava de elevar a consciência de classe do proletariado na necessidade de uma revolução violenta e na ruptura com o Estado capitalista. Se, para os mencheviques, as reformas representavam o objetivo supremo, para os bolcheviques eram apenas meios de mobilização geral do proletariado para a revolução.

O partido bolchevique era composto por militantes ativos. Tinha uma rigorosa centralização e disciplina quase militar. Baseava-se em militantes ativos, que dedicavam uma parte importante da sua vida para a construção do partido. O Partido bolchevique estava composto pelos trabalhadores e trabalhadoras mais conscientes, não almejava organizar no seu interior toda a classe trabalhadora russa. Por isso, buscava selecionar meticulosamente os candidatos a membros do partido.

O Partido bolchevique era parte integrante da III Internacional e entendia que a classe operária é internacional por sua própria natureza e que só podia cumprir um papel revolucionário em seu país se aprendia com a experiência de luta e organização dos outros países. Estava disposto a colocar toda sua força, estrutura e militância a serviço da construção da Internacional Comunista. Já a organização menchevique é nacional pela sua natureza, mantendo apenas “relações internacionais”, troca de ideias no marco internacional.

O Partido bolchevique era um Partido operário, pela sua ideologia, pela sua atividade principal entre os operários industriais, pelos seus militantes e dirigentes. O Partido leninista se construiu tendo como prioridade a classe operária industrial, buscando ter uma maioria de operários na sua base e na sua direção. Cada fábrica, canteiro de obra, usina, refinaria, etc. deviam ser conquistadas pelo partido bolchevique e convertida em uma fortaleza da revolução. Já o partido menchevique tinha sua base no “povo” em geral, já que tá de olho apenas no voto.

O Partido bolchevique combinava permanentemente a ação legal e ilegal. A participação no parlamento, nos sindicatos eram oportunidades legais que o partido utilizava para propagandear o programa revolucionário. Porém, sua estrutura fundamental de organização do partido se mantinha na clandestinidade. Por outro lado, o Partido desenvolveu um trabalho político e de organização nas fileiras dos aparatos de repressão do Estado, tratando de ganhar a base destes aparatos para a defesa da revolução socialista.

O partido bolchevique concebia o centralismo democrático como um princípio de organização. Neste, a minoria se subordina à maioria e o indivíduo ao coletivo, a parte ao todo, permitindo uma unidade de ação de todo o partido numa disciplina férrea. No partido menchevique predominava uma frente de tendências e frações permanentes. Nessa visão, a minoria (parte) não se subordina à maioria (ao todo). Aparentemente é uma estrutura democrática, porque cada um faz o que lhe convém, porém o indivíduo prevalece sobre o coletivo. Outra expressão deste mesmo desvio é a visão de que o Partido é constituído por uma federação (frente) de tendências permanentes. A federação pressupõe um acordo entre organizações diferentes sendo, portanto, partidos dentro de partidos. Ambos os desvios transformam a democracia operaria (onde a minoria se subordina à maioria) em ditadura dos chefes: na imposição da vontade da minoria sobre a maioria da base militante.

Na atualidade, 99% das organizações de esquerda capitularam ao reformismo. As correntes centristas que se deslocaram do bolchevismo para o reformismo (incluindo dezenas de organizações trotskistas) tentam reescrever a história do Partido Bolchevique, dizendo que bolcheviques e mencheviques conviveram no mesmo partido por mais de uma década. Com isso buscam justificar a dissolução de sua estrutura leninista para adaptar aos partidos reformistas e neoreformistas, partidos eleitorais que funcionam em base a tendências e frações permanentes no seu interior.

Essa interpretação-justificativa da história do bolchevismo não é verdadeira. Só na **forma** havia um partido único. Na realidade, entre 1903 e 1912 haviam dois partidos dentro do POSDR, com direção própria, estratégias e táticas próprias, jornais próprios, organizações próprias e finanças próprias. Em 1906 houve um congresso de “unificação” que não unificou as duas frações. Quem defendia a “unidade” do partido era Trotsky, cuja posição equivocada sofreu duros ataques de Lênin, já que não dava para unir bolcheviques e mencheviques, isto é, revolucionários e reformistas no mesmo partido. A fração bolchevique já tinha um **conteúdo** de partido desde 1903, que estava em contradição com a **forma** unificada do POSDR, portanto, a **forma já não correspondia ao conteúdo** e esta contradição se resolveu em 1912, às vésperas da guerra, com a ruptura completa do partido.¹⁷

Em 1914, com a primeira guerra mundial e a capitulação da II Internacional às burguesias imperialistas, Lênin defendeu a ruptura incondicional com o reformismo e a impossibilidade de coabitação no mesmo partido.

A guerra demonstrou que o reformismo não era um estagio inevitável do movimento operário, um matiz de opinião legítimo dentro do partido, apenas professando ideias diferentes. O reformismo se transformou em um enorme aparato internacional, completamente submisso e corrompido pelo imperialismo, com **interesses materiais próprios** como setor social, uma camada social burocratizada, corrompida. Lênin chamava os reformistas de agentes da burguesia no interior do movimento operário, que tinham que ser destruídos, coisa impossível de ser feita estando no mesmo partido. Lênin concluiu que a condição para derrotar o imperialismo, passava por derrotar o reformismo. Portanto, o partido revolucionário se constrói no dia a dia dos enfrentamentos de classe, disputando a direção da luta com os reformistas. Lênin criticou os comunistas alemães que demoraram em romper com os reformistas, atrasando a construção do partido comunista.¹⁸

¹⁷ Lênin e Trotsky corroboram essa visão quando afirmaram: “O bolchevismo existe como corrente de pensamento político e como partido político desde 1903.” Lênin, Esquerdismo, doença infantil do comunismo, 1920, Obras Completas Tomo XXXXI. “A fração bolchevique tinha uma existência independente. (...) A fração-partido bolchevique desenvolvia uma luta contra o menchevismo, que nesta época já tinha se revelado completamente como uma agência pequeno-burguesa da burguesia liberal.” Trotsky, De um arranhão ao perigo de gangrena, 24 de janeiro de 1940

¹⁸ “Vocês estão no período preparatório. A primeira etapa deste período é a ruptura com os mencheviques, semelhante a que realizamos com os nossos em 1903. Os sofrimentos que toda a classe operária da Alemanha suporta durante o prolongado período de pós-guerra na história da revolução alemã, são devido ao fato de que o partido alemão não rompeu com os mencheviques.” Lênin, Obras Completas, Tomo XXXIV, 18 de junho de 1921, Discurso sobre o problema italiano, página 17.

A época imperialista, época da revolução socialista, não permite essa coabitação no mesmo partido, a não ser com a subordinação (ou adaptação) da tendência revolucionária ao quadro interno de um partido reformista.

6. A construção do Estado operário

A luta contra a opressão

Esses primeiros anos da Revolução, apesar das limitações, são um tempo de progresso cultural em diversos aspectos da vida social. Chamamos atenção para um especial, a luta contra o machismo.

“O proletariado não chegará a emancipar-se totalmente se não conquistar para as mulheres uma liberdade completa.” A frase, proferida por Lênin em 1920¹⁹, sintetizava o critério com o qual a República via a luta contra a opressão.

Enquanto a maioria das nações burguesas negava os direitos mínimos às mulheres, tais como o divórcio, o aborto e até mesmo o direito ao voto, o Estado operário, nos seus primeiros anos de existência, reconheceu a igualdade jurídica, ou seja, formal, entre homens e mulheres e ofereceu ao mundo um exemplo, retirando o lixo de discriminação das mulheres da legislação nacional: direitos políticos iguais aos dos homens e nomeadamente o direito de votar e ser eleita sem quaisquer restrições; direito ao trabalho e princípio do trabalho igual, salário igual; estabilidade no emprego durante a gravidez e durante o primeiro ano de vida dos filhos; licença-maternidade (8 semanas anteriores e posteriores ao parto); dispensa para amamentação e direito a um subsídio de aleitamento; medidas especiais de apoio às mães adolescentes; seguridade social - direito à aposentadoria (reforma) e pensão por velhice, apoio nas situações de doença e em situações resultantes de acidentes de trabalho; cuidados médicos e medicamentosos qualificados e gratuitos para todos; uso da terra sem distinção de sexos, quando as mulheres, ao contrário do que previa a legislação anterior, passou a ter direitos sobre a terra (Decreto da Terra, de 8 de novembro de 1917, ponto 6); instituição do casamento civil como o único reconhecido perante a lei; legalização do divórcio, com formalidades simplificadas e por solicitação de um dos cônjuges; legalização do aborto terapêutico gratuito por simples solicitação da mulher.

O avanço legislativo, no entanto, foi encarado apenas como um primeiro passo na emancipação. A igualdade de homens e mulheres perante a lei não significa a igualdade de fato. Há uma imensa distância entre a igualdade formal – aquela da lei - e a forma como o direito é exercido realmente na vida cotidiana pela maioria da população em virtude das desigualdades sociais. A abolição da propriedade privada criava as condições para iniciar a luta contra a opressão em um nível superior. O combate pela igualdade de fato impunha que todos os setores explorados e oprimidos tomassem seu lugar na construção do Estado, em particular as mulheres.

O Estado operário deveria ser, portanto, expressão não somente dos explorados economicamente, mas também dos oprimidos, dos que sofrem a dupla opressão: além da exploração capitalista, das outras ideologias como o machismo, a homofobia, o racismo, a xenofobia etc. Por isso a luta contra a opressão significava impulsionar a participação de todos os setores na vida política.

A forma como o Estado operário revolucionário encarou a luta contra a opressão demonstra, num sentido profundo, a superioridade da democracia operária sobre a democracia burguesa. A incorporação da classe operária e dos setores oprimidos na administração do Estado foi além da mera representação destes setores no regime burguês parlamentar: a maioria da população deveria romper a barreira da representação formal e se incorporar à vida política dos soviets.

Por isso, a luta contra a opressão começava com a garantia da igualdade jurídica formal, mas o passo decisivo seria criar as condições sociais para que o proletariado em geral e as mulheres em particular pudessem romper a condição de opressão secular que reservava a estas o papel de escravas domésticas e/ou lhes impunha a dupla jornada. A coletividade deveria tomar para si as tarefas que a sociedade anterior tinha reservado para as mulheres. Assim o Estado deveria garantir as maternidades, as creches, as lavanderias públicas, os jardins da infância, os restaurantes públicos nos bairros, organizações desportivas e

¹⁹ *As Operárias* – tomo 25 das Obras Completas

escolas. A libertação do trabalho doméstico não estaria reservada a uma minoria que pode pagar por ele, senão a milhões de mulheres.

Isso dependia do desenvolvimento das forças produtivas e a elevação de nível cultural. Era necessário romper a estrutura da família herdada pelo capitalismo, mas esta família não poderia ser abolida pela lei. O seu fenecimento seria o resultado, primeiro de uma luta consciente para reafirmar a plena igualdade de direitos entre homens e mulheres, depois, do desenvolvimento duma base material que permitisse que os direitos fossem exercidos pelas amplas massas femininas.

As conquistas do Estado operário nesse terreno, isso é, a o reconhecimento de direitos dos oprimidos e a sua incorporação na administração estatal, serão completamente desfeitas pela burocracia que assumirá o poder na Rússia. A análise feita por Trotsky, em **A Revolução Traída**, demonstra como a burocracia irá monopolizar as tarefas de administração pública, afastando delas as massas e os oprimidos, em particular as mulheres. A burocracia russa, para isso, revitalizará e se apoiará em todas as ideologias burguesas para manter a mulher oprimida. Esse retrocesso se expressará na própria legislação com a proibição do aborto.

As primeiras medidas

Depois de nacionalizar os bancos, e confiscar os depósitos de alimentos para entregar o pão às Cidades, o Conselho dos Comissários do Povo, diante dos ataques e mentiras da imprensa burguesa, confisca as gráficas e os estoques de papel. Apenas os jornais dos partidos soviéticos podiam circular livremente.

O confisco dos meios burgueses de impressão dividiu seriamente os bolcheviques. Rikov (Comissário do Povo para o Interior), Shliápnikov (Comissário do Povo para o Trabalho), Noguín (Comissário do Povo para o Comércio), Miliutin (Comissário do Povo para a Agricultura) e Teodoróvich (Comissário do Povo para o Abastecimento) se demitiram dos cargos. Outros, embora não se demitissem, manifestaram sua discordância.

Este é um aspecto importante do debate sobre o tema da Democracia Operária, como garantir a liberdade de imprensa? A democracia burguesa tem como eixo de sua democracia a propriedade privada, a posse ou não da propriedade define o grau de democracia e de liberdade que o indivíduo tem no interior da sociedade.

A democracia soviética se constrói sobre outras bases: a coletividade. Assim ao expropriar as máquinas impressoras e o estoque do papel, o soviete e colocou o mesmo a disposição de “todos os cidadãos” que organizados tivessem um determinado número de filiados.

Há então uma profunda diferença entre estatizar um meio de comunicação no Estado burguês e expropriar o mesmo sobre a Ditadura do Proletariado. No Estado operário revolucionário, a expropriação dos meios de imprensa e colocar a serviço do conjunto da sociedade é a garantia da democracia. O controle dos trabalhadores é o conteúdo e a forma desta democracia.

As sessões da Assembleia Constituinte estavam marcadas desde antes do 2º Congresso dos sovietes e ocorreriam proximamente. Havia ainda ilusões de que a Assembleia Constituinte pudesse resolver problemas importantes do País numa perspectiva revolucionária. Todavia tratavam-se apenas de ilusões, porque o novo poder, nascido do proletariado e da Revolução, poderia enfrentar melhor e resolver esses desafios. Logo isso se esclareceria para as massas.

Os bolcheviques faziam política para as massas e davam a devida importância à consciência delas. Tanto que eles, diante das ilusões no poder constituinte, decidem instalar a Assembleia Constituinte. Já no seu início propõe que a assembleia reconheça o poder dos sovietes, encarnado no novo governo. Quando fica claro para o povo que os reformistas, em maioria na constituinte, recusavam-se a acatar as decisões dos sovietes, os bolcheviques, a partir dos sovietes, fecham a Assembleia Constituinte, contando com o apoio popular. O poder resta, assim, entregue, inteiro, aos sovietes.

A paz de Brest

Logo após a derrota do contra-ataque de Kerensky e do fechamento da Assembleia Constituinte, o problema mais importante é a negociação da paz. Ela era indispensável para satisfazer aos soldados e camponeses, que não toleravam mais a guerra. Além disso, a paz se impunha como condição para que o

novo poder operário ganhasse algum fôlego até que os operários da Europa e do mundo realizassem novas revoluções e pudessem socorrer o primeiro Estado operário, que certamente enfrentaria imensas dificuldades, devido ao seu atraso econômico.

Os russos, cumprindo a determinação do 2º Congresso Pan-Russo dos soviets, propuseram a paz para os países envolvidos no confronto. Todos recusaram a negociação, exceto a Alemanha. As negociações de paz bilaterais se deram na cidade de Brest-Litovsk. O novo Estado russo propôs que o armistício respeitasse às posições em que se encontravam os 2 exércitos. O chefe da delegação russa era Trotsky, então Comissário do Povo para Negócios Estrangeiros. Os alemães rejeitaram a proposta russa e exigiram a entrega da Polônia, Lituânia, Rússia Branca e metade da Letônia em troca da paz. Deram 10 dias para o novo Estado dizer se aceitava ou não a oferta.

Os bolcheviques, ao tratar das negociações de paz, mergulharão numa grave crise, que quase levaria o Partido à divisão. Era possível ao Estado operário recém-criado negociar e selar acordos com países imperialistas, ainda mais quando o inimigo exigia a entrega de regiões tão vastas e importantes como as pretendidas pela Alemanha? Não deveriam os bolcheviques, por respeito aos seus princípios, levar adiante os combates e, apelando para a mobilização dos operários dos países imperialistas, transformar a 1ª Guerra Mundial de imperialista numa guerra revolucionária? Adotar uma política diferente não significaria abandonar os princípios? Afinal, os operários, soldados e camponeses russos encontrar-se-iam em condições de desenvolver uma guerra revolucionária naquele momento?

Em Minha Vida, Trotsky diz que ele e Lênin coincidiram nas questões fundamentais envolvendo as negociações de paz de Brest-Litovsk. Ambos acreditavam que a Rússia não tinha condições de levar adiante uma guerra revolucionária, isso é, uma batalha com o objetivo de impor estados operários a outras nações. Assim como compreendiam que era lícito fazer pactos com o imperialismo. Os dois revolucionários também concordavam que a posição dos bolcheviques nessa questão tinha um enorme significado educativo para as massas da Europa e do mundo e sabiam que ela repercutiria sobretudo na classe operária alemã, uma vez que era com a Alemanha que os russos negociavam.

Lênin sustentou, na ocasião, que a Rússia deveria recusar a proposta alemã e ganhar algum tempo, a fim de mostrar que o País só entregaria parte do seu território se fosse obrigado a isso. Contudo, diante de um ultimato alemão, a Rússia deveria capitular e aceitar a imposição. Trotsky sugeriu uma saída um pouco diferente. Segundo ele, os russos deveriam romper as negociações com os alemães, mas acatariam a imposição em caso dos inimigos usarem a força, sem, todavia, assinar qualquer tratado de paz. No outro polo da polêmica estava Bukharin. Ele propôs que se levasse adiante a guerra de modo a propiciar o estouro de outras revoluções na Europa. A direção bolchevique estava majoritariamente alinhada com Bukharin em meados de janeiro de 1918. Ele, em 21 de janeiro, venceu a primeira votação interna, obtendo 32 votos, contra 16 dados à proposta de Trotsky e 15, à de Lênin. Trotsky assegura que na base do Partido a vantagem de Bukharin era muito maior.

A Rússia não permitiu a conclusão das negociações. A guerra foi em frente. Na verdade o exército alemão foi em frente e impôs pela força o que reivindicava na mesa de negociação. Esses fatos militavam objetivamente em prol da posição de Trotsky. Em 25 de janeiro, em uma nova votação, a proposta de Trotsky foi aprovada num fórum que reuniu as direções dos bolcheviques e dos socialistas-revolucionários de esquerda.

Os russos abandonam as negociações.

Não se sabia se a Alemanha conseguiria reunir forças suficientes para manter a ofensiva contra a Rússia nem como repercutiria uma invasão alemã junto aos operários alemães. Mas as tropas alemãs desferiram um novo ataque.

A Rússia, diante do fato consumado do avanço militar alemão, da evidência de que ele era consistente e de que não houvera resistência por parte dos operários alemães, decide voltar às negociações. Trotsky vota com Lênin pelo retorno a Brest-Litovsk e eles vencem por 6 a 1 (voto de Ioffe) no Comitê Central, registrando-se 4 abstenções.

O Comitê Executivo do Soviete da Rússia também aprova a assinatura da paz.

Os bolcheviques ganharam o tempo que puderam, a fim de permitir que as massas europeias percebessem, na medida do possível, que eles não tinham mais como resistir ao fogo alemão. O exército alemão imporia pela força a sua vontade, inclusive sua nova exigência: a evacuação das tropas russas da

Ucrânia, da Letônia e da Estônia, que também foram cedidas pela Rússia. Embora perdesse parte considerável do seu território, em especial algumas das mais desenvolvidas na indústria e na agricultura, os russos assinaram o tratado de paz com os alemães em 3 de março de 1918.

A paz de Brest-Litovsky coincide com a transferência da capital para Moscou. A Cidade mais ao Leste apresentava-se mais segura para sediar o governo soviético.

Esse debate se deu em meio a uma crise interna grave. O Partido esteve prestes a se dividir. Dirigentes importantes, Bukharin entre eles, demitem-se do Comitê Central para defender a guerra revolucionária na base do Partido. A direção partidária de Moscou chega a desautorizar o Comitê Central enquanto este não convocasse um congresso extraordinário para debater a proposta de paz. Trotsky apresenta uma resolução, que o Comitê Central aprova, conferindo total liberdade de expressão no interior do Partido. O jornal dos bolcheviques de Moscou lança uma campanha contra o tratado de paz. A fração de Bukharin, a que se soma Rádek, edita um jornal, em Petrogrado, que se diz o órgão dos “comunistas de esquerda”, em 4 de março de 1918. O jornal vem à luz no mesmo dia em que se reúne o 7º Congresso, tão reivindicado. No Congresso, a oposição à paz é derrotada. A coincidência sugere que os seus organizadores realmente premeditam rachar o Partido.

A economia russa ia de mal a pior. A produção industrial despencava. Os operários, numa onda de controle operário sobre a produção, tomavam uma série de medidas de controle das empresas. Desde março de 1918 a escassez de alimentos aumentava. O governo requisitava os estoques de alimentos dos camponeses. Essa era a única maneira de deter rapidamente a fome que se abatia mortalmente sobre os operários e massas urbanas. Os camponeses, por sua vez, resistiam às requisições forçadas, e estocavam às escondidas os cereais no aguardo de que se lhes oferecesse melhor preço pelos grãos.

Para Lênin era indispensável um período que permitisse a recuperação da produção. A República dos soviets teria que entrar num compasso de espera. Os bolcheviques eram obrigados a aguardar novas revoluções, especialmente a alemã, e esperar a uma melhor conjuntura internacional.

Diante desse caos, por proposta de Lênin, os bolcheviques tomam medidas enérgicas para deter a desorganização da indústria: são mantidos os antigos administradores capitalistas das empresas, são atendidas as exigências dos técnicos e especialistas das fábricas e é instituído um sistema de prêmios, controlado pelos sindicatos, a fim de estimular o aumento da produtividade. Lênin apóia a gestão individual das fábricas, centralizada por 1 só administrador, em detrimento da gestão coletiva, proposta por outros dirigentes.

Bukharin não aceita as medidas. Vê nelas um sério retrocesso. Somadas à sua política contrária à paz e de levar adiante a guerra revolucionária contra o capitalismo, propõe a nacionalização total da economia e o controle da produção pelos comitês operários. Os seguidores de Bukharin, no fundo, viam no caminho apontado por Lênin o risco do abandono do internacionalismo operário e da adoção de uma política parecida com a que mais tarde se definirá claramente: a coexistência pacífica com o capitalismo. Por isso, porque se veem em meio a uma discussão de princípios, resistem tanto.

Os socialistas-revolucionários de esquerda têm a mesma opinião que Bukharin sobre a paz e lhe propõem uma aliança nos soviets contra Lênin. Bukharin também teme as consequências duma ruptura do Partido Bolchevique. Por isso recusa a oferta dos socialistas-revolucionários de esquerda.

Todos parecem perceber que o risco maior que corre a Revolução é o racha do Partido. Garante-se toda a democracia interna e é dado direito de expressão no interior do Partido a Bukharin, a fim de que as posições diferentes não se cristalizem. No Congresso partidário de março de 1918, embora se mantenham as divergências, são aprovadas a política de paz e as medidas econômicas sugeridas por Lênin. Em maio os “comunistas de esquerda”, como se chamavam os seguidores de Bukharin e Rádek, perdem a maioria em Moscou e na região dos Montes Urais, onde eram bem fortes.

Em junho os socialistas-revolucionários de esquerda, com o intuito de devolver a Rússia à Guerra e retomando as suas tradições terroristas, planejam um levante em Moscou e assassinam o Embaixador alemão. O governo dos soviets prende os terroristas e Bukharin participa da repressão. Bukharin e sua fração permanecem no Partido, que recobra a sua coesão. Esse atentado repercutirá negativamente no funcionamento democrático dos soviets, como mostraremos mais adiante.

Novas divergências surgem entre os bolcheviques. No interior dessa corrente que divergiu de Lênin, aparece um 2º grupo, capitaneado por Osinsky, denominado Centralismo Democrático. Critica também o

excesso de centralização e o autoritarismo nas decisões do Partido. O grupo acaba impondo a constituição de uma Comissão de Controle no Partido, destinada a conter os excessos cometidos pela direção.

Mesmo em uma situação adversa as palavras de Lênin não deixa margem a dúvidas, as divergências quando existem são claras, os avanços são considerados como tais e os recuos, também. Vejamos em suas próprias palavras o porquê Lênin defende a necessidade de assinar a paz com o imperialismo:

“Instauramos e consolidamos a República Soviética, um novo tipo de Estado, incomparavelmente mais elevado e democrático do que as melhores repúblicas parlamentares burguesas. Implantamos a Ditadura do Proletariado, apoiada pelos camponeses pobres (...) Despertamos a fé em nossas próprias forças e ascendemos o fogo do entusiasmo em milhões de operários em todos os países. Lançamos em todas as partes o chamado a revolução operária internacional. Desafiamos os bandidos imperialistas de todos os países. (...)”

Fomos obrigados a assinar uma paz de “Tilsit”.²⁰ Não temos porque enganar a nós mesmos. Devemos ter o valor de olhar cara a cara a verdade, amarga e nua. Temos que medir por completo, até o fundo, o abismo da derrota, do desmembramento [cessão de território] vassalagem e humilhação que nos impuseram hoje. Quanto mais claro compreendermos, tanto mais firme e temperado será o aço de nossa vontade de libertação (...).”²¹

Esta forma clara de dizer as coisas pelo seu próprio nome caracterizou a atitude política de Lênin em toda sua vida. As derrotas devem ser compreendidas como tal e as condições da paz assinada deviam ser encaradas tal como se apresentavam, um recuo. É possível recuar se a estratégia fundamental estiver compreendida e assimilada.

A fortaleza do Estado operário estava na consciência da ação das grandes massas, este foi o conceito de Estado forte de Lênin, que se baseava, portanto na Democracia Operária como regime.

Ao assinar a paz, o congresso do partido vota quais seriam as tarefas fundamentais para o período, no informe político Lênin trata então de precisar que:

“Para nós é importante incorporar a administração pública do Estado a todos os trabalhadores sem exceção. Esta tarefa apresenta dificuldades gigantescas, mas a minoria, o Partido, não pode implantar o socialismo. Quem pode implanta-lo são as dezenas de milhões de seres quando eles mesmos aprendam a fazê-lo. (...) É possível que façamos mal o que é necessário fazer, mas devemos incitar as massas a que façam o que deve ser feito”.²²

No início de abril de 1918 o comitê central desenvolve o eixo geral da política aprovada no Congresso extraordinário, que vota a assinatura do acordo de paz, o texto resultado deste debate escrito por Lênin, **As tarefas imediatas do poder soviético** é publicado e transformado em teses. As teses sintetizam as tarefas fundamentais, mas é no texto que a caracterização da situação da jovem república está mais desenvolvida, o centro da tarefa era começar a governar de fato e controlar a economia, diminuir as privações:

A situação que descrevemos, devido a uma paz extremamente dura e efêmera, a uma ruína penosíssima, ao desemprego e a fome que nos legou a guerra e o domínio da burguesia (...): tudo isso indiscutivelmente gerou um cansaço imenso e chegou inclusive a esgotar as forças das grandes massas trabalhadoras. Estas massas exigem imperiosamente – e não podem exigir menos do que isso – certo descanso. As tarefas que nos estão colocadas na ordem do dia é o restabelecimento das forças produtivas, arruinadas pela guerra e pelas manobras da burguesia; curar as feridas infligidas pela guerra, pela derrota militar, a especulação e pelas tentativas da burguesia de restabelecer o derrotado poder dos exploradores; elevar o nível econômico do país; manter com firmeza uma ordem elementar.²³

O partido, com Lênin na primeira fila, via então um grande cansaço das massas e a necessidade profunda de ganhar tempo para organizar o Estado, incorporar às massas, organizar, organizar e organizar era a tarefa fundamental. A necessidade deste respiro foi considerada a pedra fundamental que levou a assinatura da Paz nas condições impostas pelos imperialistas alemães, até mesmo o ritmo das

²⁰ Tratado assinado pelos Alemães depois da derrota da invasão de Napoleão a este país.

²¹ **A principal tarefa de nossos dias**. Obras Completas Tomo 36, pág. 83.

²² **VII Congresso Extraordinário do PC (b) de Rússia**. Obras Completas Tomo 56 página 59.

²³ **As tarefas imediatas do poder soviético**, Obras Completas Tomo 36, pág. 179.

expropriações foi diminuído, o eixo fundamental era organizar os ramos econômicos já expropriados, melhorando assim a relação e a troca de mercadorias com o campo e o abastecimento das cidades.

Controle, esta foi a palavra de ordem que dava sentido a política de organização, aprofundar o controle operário, e aprender a arte da economia estas foram as tarefas fundamentais delineadas nos primeiros meses de 1918.

O jovem Estado necessitava tempo, pois Lênin em várias ocasiões afirmou que a paz duraria pouco, mas não imaginou que seria tão pouco.

Em maio deste ano tem início a guerra civil.

A guerra civil

Em de maio de 1918 explode a Guerra Civil, que se prolongará por 2 anos e meio, até novembro de 1920, e marcará definitivamente o destino da Revolução Russa.

Diante do ataque da burguesia imperialista em consonância com a burguesia local, o governo, em detrimento do planejamento anterior de retardar as expropriações é obrigado a fazer o oposto e acelera a expropriação, a resistência burguesa deveria começar a ser rompida no plano interno, rompendo o seu poder econômico.

Apenas muito superficialmente trataremos da Guerra Civil em si mesma, interessam-nos aqui bem mais os reflexos dela sobre o proletariado russo e o Partido Bolchevique.

Os generais e altos oficiais monárquicos que tinham sido, ingenuamente, perdoados pelos bolcheviques, sob a simples promessa de que não apontariam as armas contra o novo Estado, conduzirão parte das ações contrarrevolucionárias na Guerra Civil, conformando os exércitos brancos. As nações imperialistas, principalmente a França, a Alemanha, os Estados Unidos da América, o Japão e a Inglaterra - até o ponto que os operários ingleses permitiram -, além de financiar os guardas brancos, tomaram iniciativas diretas contra o novo Estado operário. Trotsky é, desde março de 1918, quando foi concluída a paz, o Comissário do Povo para a Guerra. O conflito inicia-se em maio de 1918, quando 50.000 soldados tchecos e voluntários russos, por iniciativa dos antigos aliados franceses na 1ª Guerra Mundial, invadem, pelo Oeste, a Rússia. Desembarcam milhares de soldados em solo russo e são tomadas diversas cidades, inclusive Omsk. O êxito dessa invasão leva os franceses e ingleses a se unirem e, sob o falso pretexto de defender a Rússia de uma nova invasão alemã, desembarcam em Murmansk em julho e em Vladivostok em agosto, mais de 100.000 soldados. Várias cidades importantes são tomadas, entre elas Kazan. No Norte ainda intervêm tropas norte-americanas e sérvias. Em setembro os russos rechaçarão os invasores, sob o comando de Trotsky, e retomam as cidades antes tomadas. No Sul, o general czarista, Denikin, armado pelos ingleses, monta um exército, a que se chamará de Exército Branco, em contraposição ao Exército Vermelho dos soviets. Os invasores chegaram a estacionar a apenas 15 km de Petrogrado em 1919. É o período mais crítico da Guerra Civil. Entretanto os bolcheviques resistem heroicamente e expulsam os brancos. Na Sibéria, ao Leste, os russos combatem os japoneses, que tinham se aliado aos cossacos. Em março de 1920, a Polônia, que os russos tinham entregado para os alemães, invade a Rússia pelo Oeste. Em setembro, diante do contra-ataque do Exército Vermelho, os poloneses são obrigados a assinar um armistício. Os alemães, financiados por dinheiro francês, retomam a ofensiva na Ucrânia, que é detida pelos russos em novembro de 1920. Só então acaba a Guerra Civil.

Como se formou o Exército Vermelho sobre os restos das tropas czaristas e como ele se fez vitorioso? Antes de tudo, como define Deutscher, é um exército de classe, da classe operária e dos camponeses. Trotsky ia diretamente as grandes fábricas e nelas eram realizadas assembleias onde os dotes de agitador do revolucionário demonstrava a necessidade da defesa da revolução. Os principais regimentos tinham como estrutura básica os operários, quando estes foram formados passou-se ao recrutamento dos camponeses.

Em um terceiro momento, se convocou cerca de 30.000 oficiais czaristas, quase todos contrários ao regime dos soviets, para organizar a defesa do País. Não havia outros comandantes experientes de que Trotsky pudesse lançar mão. Por cautela, atrás de cada um desses militares graduados, Trotsky mantinha um comissário político, que, ao menor indício de traição do oficial vigiado, atiraria contra ele. Os comissários políticos também eram responsáveis por manter elevado o moral das tropas.

Entretanto para manter o fogo contra tantos exércitos inimigos e numa frente de combate tão extensa, não bastava apenas recorrer aos soldados profissionais e aos oficiais do velho regime, os bolcheviques foram obrigados a conclamar os operários das cidades industriais a se deslocarem para as fronteiras do País e ajudar a dirigir o Exército Vermelho. Todos os recursos políticos e humanos dos soviets são mobilizados. É a única chance de não sucumbir ao cerco da burguesia russa e do imperialismo. “*A República é um acampamento fortificado. Vivemos sob o regime da ditadura militar do proletariado*”, escrevem Bukharin e Preobrazhenski. A Rússia e o novo regime vão empregar suas últimas energias e perder os seus mais experientes quadros políticos e a sua vanguarda operária revolucionária nessa desesperada luta. E quando dizemos “perder”, referimo-nos à perda no sentido biológico do termo: grande parcela da vanguarda e da própria classe operária russa morrerá em combate!

Os métodos de Trotsky, avalizados por Lênin, não contaram com o apoio unânime no seu Partido. Ao contrário, numerosos dirigentes se opuseram ao formato profissional dado pelo Comissário do Povo para a Guerra, preferindo o modelo de organização das milícias operárias e dos grupos guerrilheiros, dotando-o de uma validade universal. Não admitiam que os comandantes fossem escolhidos pelo estado-maior do Exército Vermelho e exigiam a eleição dos comandantes pelos comandados. Não admitiam que os soldados fossem comandados por oficiais que tinham servido ao Czar. Contraditaram, igualmente, a férrea centralização das ações militares e a dura disciplina imposta aos combatentes, inclusive com a volta da pena de morte para coibir a insubordinação. Esse movimento ficou conhecido como “Oposição Militar”.

A Oposição Militar era dirigida por Smirnov e Frunze, mas tinha o apoio de Stálin nos bastidores. Trotsky enfrentou a Oposição Militar, mostrando que a plataforma do agrupamento carecia de sentido político e não se justificava no terreno técnico, porque apenas um país com economia e cultura muito superiores às da Rússia de então poderia utilizar tais métodos com êxito.

Colhemos um trecho da Revolução Traída – ***O que é e para onde vai a Rússia***, de Trotsky, para mostrar o fundamento do pensamento do chefe do Exército Vermelho. Ele diz em 1º de abril de 1922 o seguinte:

“Eu não duvido que um país com a economia socialista desenvolvida, que fosse compelido a fazer guerra com um país burguês, teria uma estratégia completamente diferente. Mas isso não nos dá razão para tirar da cartola hoje tal estratégia proletária... desenvolvendo a economia socialista, elevando o nível cultural das massas... enriquecemos, sem dúvida alguma, a arte militar com novos métodos, mas para isso, é necessário aprender assiduamente com os países capitalistas avançados, e não tentar deduzir uma nova estratégia com métodos especulativos da natureza revolucionária do proletariado.”

A Oposição Militar foi derrotada no 8º Congresso partidário por 174 votos contra 95.

No princípio da Guerra Civil, o Comitê Militar Revolucionário de Petrogrado criou uma polícia política de combate à contrarrevolução e à sabotagem a que a burguesia recorria sistematicamente: a Cheka. Ela, diante do aprofundamento da Guerra Civil, torna-se uma comissão extraordinária com a mesma finalidade e passa a gozar de grande autonomia. Somente prestará contas ao Conselho dos Comissários do Povo e ao Comitê Executivo do Soviète da Rússia. É dirigida por Dzerzhinski e, nas suas palavras, age como um órgão de repressão à burguesia. Interessava menos à Cheka o que o indiciado dissera ou fizera contra o regime soviético, muito mais importante era a sua origem de classe, o seu grau de instrução e profissão. Trata-se de uma polícia de classe. É o “terror vermelho” que se abate sobre os elementos burgueses indistintamente.

Nesses 2,5 anos, as necessidades impostas pela Guerra Civil acabam gerando o que ficou conhecido como o comunismo de guerra: a indústria é nacionalizada e estatizada, o comércio privado desaparece totalmente, destacamentos de operários armados vão às aldeias e requisitam os grãos para poder alimentar as cidades e os soldados, não existe arrecadação de impostos nem uma estrutura administrativa capaz de organizar as requisições, os salários caem, a inflação é gigantesca, não há nem mesmo moeda circulando e os pagamentos são feitos em espécie.

Bukharin e Preobrazhenski, no livro ***Abc do Comunismo***, sustentam que a contrarrevolução só não chegou ao ponto de destruir o Estado soviético porque os invasores tiveram de dedicar a enfrentar os seus próprios operários e massas populares que se levantaram contra eles, chegando mesmo a realizar revoluções como na Hungria e Alemanha, embora fossem derrotadas ao final.

Aliás, os bolcheviques, fiéis às suas tradições internacionalistas e aproveitando o impacto da Revolução Russa e a influência de que gozavam junto aos vários setores socialdemocratas na Alemanha, na

Hungria, na Itália, na França, na Suécia, na Noruega, na Inglaterra e mesmo nos Estados Unidos, sem esquecer o Brasil e muitos outros países, em março de 1919, em Moscou, fundam a 3ª Internacional. Essa organização, nos seus primeiros anos de vida, impulsionará a revolução no mundo todo.

Após o fim da Guerra Civil, grande parte do território que a Rússia tinha cedido à Alemanha no final da 1ª Guerra Mundial é recuperada. Em 22 de dezembro de 1922 será fundada, tendo Moscou como centro político, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – a URSS. Mais de uma dezena de repúblicas europeias e asiáticas se unirão sob essa denominação. Por razões didáticas, continuaremos empregando o termo “Rússia” mesmo que nos refiramos à União Soviética.

Pela mesma razão, seguiremos chamando de Partido Bolchevique o seu sucessor, o Partido Comunista.

O sangramento dos soviets é brutal. Durante a Guerra Civil, conforme Pierre Broué, no livro **O Partido Bolchevique**, os soviets deixam de lado qualquer discussão sobre a repressão desencadeada pela Cheka e sobre a Guerra Civil, e passam a se dedicar exclusivamente a questões administrativas locais. Assim Kámenev descreve o funcionamento dos soviets nesse período:

“Sabemos que durante a guerra, os melhores trabalhadores abandonaram as cidades em massa e que muitas vezes disso resulta uma situação que exige criar um soviete em determinada província ou cidade, dando-lhe base para um funcionamento regular. Lentamente, as assembleias do soviete, considerado como organização política, enfraquecem, pois a gente se ocupa de tarefas puramente técnicas. As assembleias gerais do soviete se celebram em escassas ocasiões e, quando se reúnem os deputados, sua única missão consiste em ser informados de uma circular, escutar um discurso etc.”

Noutra citação retirada da obra citada de Broué, Zinóviev defende a ditadura do partido sobre os soviets do seguinte modo:

“O poder soviético não teria durado 3 anos, sequer três semanas, se não fosse pela férrea ditadura do partido comunista. O controle do partido sobre os órgãos soviéticos e sobre os sindicatos é a única garantia sólida de que nenhuma camarilha ou grupo de pressão poderá impor-se e de que só prevalecerão os interesses do proletariado em sua totalidade.”

A Guerra Civil estenderá os seus efeitos maléficos sobre o Partido e o modificará para sempre. Broué no livro citado diz o seguinte:

“Preobrazhenski não escandaliza ninguém ao sugerir que se decida a desaparecimento de um partido que, em sua opinião, resulta inútil, pois os comunistas são os dirigentes reconhecidos do Estado. Osinsky propõe que se legalize a situação existente de fato sugerindo para isso fusão do Soviete de Comissários do Povo como o Comitê Executivo [do Soviete da Rússia] em um único órgão colegiado que haveria de incluir todos os membros do Comitê Central do partido: esse plano foi levado à prática na Letônia soviética sob a direção de Stuchka.”

Os órgãos do Estado suplantam e assimilam os do Partido em virtude da conjuntura adversa atravessada pela Revolução..

Em 17 de março de 1919 morre o organizador Sverdlov. Fica um vácuo na direção.

O 8º Congresso decide que o Partido deve recuperar a sua disciplina e definir as suas fronteiras. O Congresso reconhece que os soviets têm funcionado muito mal, porém entende que eles somente voltarão a funcionar a contento se o Partido, que é o seu motor, se curar. O Partido deverá funcionar de maneira estritamente disciplinada como a fração comunista nos soviets.

O Comitê Central deverá reunir-se pelo menos de 2 em 2 meses. No intervalo dessas reuniões, um Birô Político do Comitê Central dirigirá o Partido e deliberará sobre questões urgentes. Esse Birô poderá transferir essa função para um Comitê Executivo, integrado por Lênin, Trotsky, Kámenev, Bukharin e Stálin. Também é formado um Birô de Organização do Comitê Central. Stálin participa dos 2 birôs. Também será criado um Secretariado do Comitê Central, encarregado do funcionamento geral do Partido. Será dirigido por Krestinsky e, a partir de 1919, Preobrazhenski e Serebriakov também o integrarão. O órgão crescerá ano após ano e em 1921 já contará com 600 funcionários.

Refazem-se os elos entre o Comitê Central e os órgãos locais. As circulares do Comitê Central passam de 71 em 1919 para 253 em 1921. O Secretariado do Comitê Central rapidamente consegue identificar todos os militantes. O Birô de Organização e, em seguida, o Secretariado, devido ao controle dos quadros partidários de que dispunha, passa a influenciar na escolha dos dirigentes dos soviets e dos sindicatos. Stálin assumirá a direção do Secretariado. O 9º Congresso delegará a esse órgão a função

nomear e transferir os dirigentes partidários para cumprir as tarefas, negando o critério histórico anterior, de eleição dos dirigentes pela base.

A composição social do Partido se modifica drasticamente durante a Guerra Civil. Alguns dados levantados por Pierre Broué, em ***O Partido Bolchevique***, ilustram essa mudança já em 1919: Torna-se difícil encontrar algum militante que conheça O Capital, de Marx, ou outra obra marxista fundamental. Em março de 1919 o Partido contava com 250.000 membros. Muitos elementos oportunistas ingressaram no Partido nessa época. Em março de 1921, o Partido já contará já 730.000 militantes. Em 1919 apenas 8% dos militantes tinham ingressado no Partido antes de fevereiro de 1917 e aproximadamente 20%, antes de outubro do ano da Revolução. O nível cultural decaiu muito. Em 1919 apenas 5% tem educação superior e 8%, educação secundária. Em outubro de 1919 53% dos militantes trabalham no Estado e destes 8%, no aparato do Partido e dos sindicatos, 27 % serve ao Exército, a maior parcela detendo patentes de oficial. A maioria imensa dos quadros partidários exerce funções de autoridade pública: é governo. Esses novos militantes aderiram ao Partido durante os difíceis anos da Guerra Civil. Eles foram educados de forma distorcida pelo próprio Partido. Para eles, conforme uma expressão famosa de Rádek, o Partido é *“antes de tudo, um exército, uma força de choque, e só depois, um partido político”*.

Os salários pagos aos quadros partidários, inclusive para os comissários do povo, eram equivalentes aos dos operários qualificados. Viviam muito modestamente e não gozavam de nenhum privilégio. Zinóviev, por exemplo, membro do Comitê Executivo do Soviete da Rússia, chegou a perder um filho por inanição. Entretanto um grande número de dirigentes governamentais começa a se afastar de classe operária, mesmo que tivesse iniciado a sua militância junto aos operários.

Do “comunismo de guerra” a NEP (Nova Economia Política)

A situação desesperadora por que passava a Rússia durante a Guerra Civil e o seu isolamento político e comercial provocaram no interior do Comitê Central do Partido um debate sobre como conduzir a economia. Trotsky, em dezembro de 1919, portanto em plena Guerra Civil e já se encontrando a indústria nacionalizada e controlada pelo Estado, apresentou o documento, denominado “Teses Sobre a Transição entre a Guerra e a Paz”, em que propunha a “militarização do proletariado”. Trotsky acreditava que os proletários não podiam ficar vagando pela Rússia, ao contrário o Estado deveria determinar onde cada operário trabalharia, assim como o Exército Vermelho definia onde cada soldado devia combater. Propunha que o trabalho fosse obrigatório e que patrulhas punitivas reprimissem os que “desertassem” das atividades profissionais. Ainda sustentava que houvesse estímulo salarial em favor dos operários mais produtivos. Defendia que o Exército Vermelho interviesse diretamente no terreno econômico quando fosse necessário.

Segundo Trotsky, não caberia papel algum independente aos sindicatos e às organizações econômicas operárias na condução econômica do País. Os sindicatos e as organizações similares deviam obediência completa ao Estado, que, afinal, tinha natureza operária. Entendia que a Rússia era pobre e atrasada demais para adotar outra saída que a afastasse do caos que se aproximava. Os operários ainda não tinham condições de ocupar o papel que lhes guardaria o futuro: a autogestão das empresas. Essa política ficou conhecida como “comunismo de guerra”. Bukharin, que está próximo de Trotsky nesse momento, sugere que as organizações sindicais se integrem aos órgãos estatais, a fim de melhor zelar pela disciplina no trabalho. Frise-se, a bem da verdade histórica, que Trotsky, durante esse debate, diversas vezes esclareceu que o “comunismo de guerra” somente vingaria se a maioria dos trabalhadores o apoiasse voluntariamente e que, portanto, em tese, não haveria contradição entre ele a democracia operária.

Ressalte-se também que a maioria da direção bolchevique concordava, em linhas gerais, com essa concepção de Trotsky e permitiu que ela fosse praticada durante meses.

Somente mais tarde Lênin e outros dirigentes expressariam a divergência com o ponto de vista de Trotsky. Lênin defendeu uma posição contrária a militarização dos sindicatos, argumentando que os sindicatos deviam manter sua independência do aparelho do Estado, já que este estado tinha suas deformações burocráticas e precisava que os sindicatos defendessem os trabalhadores contra eventuais erros do poder soviético. É o teor da “Plataforma dos Dez”, publicada em janeiro de 1921, subscrita por Kámenev, Zinóviev, Tómsky, Stálin, além de Lênin.

O documento de Trotsky era reservado aos membros do Comitê Central. Entretanto, por engano, Bukharin o divulgou na imprensa. Foi deflagrado um tenso debate.

A posição de Trotsky foi criticada severamente pelos setores sindicais do Partido, que viam nela apenas mais uma ofensiva burocrática e antidemocrática.

No calor desse debate formar-se-á um agrupamento político que se oporá tanto ao “comunismo de guerra”, como à crescente burocratização do Partido, e apresentará uma plataforma alternativa. A Oposição Operária já se insinuava no 8º Congresso, mas se mostrou mais definidamente no 9º Congresso do Partido, havido entre 29 de março e 4 de abril de 1920. Conforme consta no livro **Oposição Operária 1920 – 1921**, de Alexandra Kollontái, a Oposição nasce da divergência sobre “*quem desenvolverá as potencialidades criadoras que poderão servir à reconstrução da economia? Serão os órgãos de classe unidos à indústria por laços vitais – isto é, os sindicatos das fábricas – ou o aparelho dos soviets, que está separado da atividade industrial e cuja composição social é heterogênea?*” Quando Kollontái se refere à composição heterogênea dos soviets, faz menção ao fato de que inúmeros elementos, como comerciantes, especialistas, camponeses e outros tipos pequeno-burgueses hostis ao comunismo tinham se instalado nos conselhos. A Oposição entende que serão os sindicatos. Segundo a dirigente, “*Este é o ponto essencial das teses da Oposição: ‘A organização da economia social é uma prerrogativa do Congresso Pan-Russo dos Produtores – formado pelos sindicatos do comércio e da indústria – que elegem o corpo central dirigente de toda a vida econômica da República’ (Teses da Oposição Operária).*”

Lênin criticou as teses da **Oposição Operária** nos seguintes termos:

“As ideias que formam a base desta e de outras numerosas declarações parecidas são radicalmente falsas desde o ponto de vista teórico, sendo uma ruptura completa com o marxismo e o comunismo, assim como com a experiência prática de todas as revoluções semi-proletárias e da atual revolução proletária. Em primeiro lugar, o conceito de “produtor” engloba o proletário e semiproletário com o pequeno produtor de mercadorias, separando-se assim, radicalmente, do conceito fundamental da luta de classes e da exigência básica de diferenciar com precisão as classes. Em segundo lugar, orientar-se às massas sem partido ou coquetear com elas, como se hace en la tesis citada, es apartarse del marxismo de un modo no menos radical. El marxismo nos enseña —y esta doctrina no sólo ha sido confirmada formalmente por toda la Internacional Comunista en la decisión de su II Congreso (1920) sobre el papel del partido político del proletariado, sino que ha sido también confirmada prácticamente por toda la experiencia de nuestra revolución— que sólo el partido político de la clase obrera, es decir, el Partido Comunista, está en condiciones de unir, educar y organizar a la vanguardia del proletariado y de todas las masas trabajadoras, única capaz de contrarrestar las inevitables vacilaciones pequeñoburguesas de estas masas, las inevitables tradiciones y recaídas en la estrechez de miras gremial o en los prejuicios sindicales entre el proletariado y dirigir todo el conjunto de las actividades de todo el proletariado, esto es, dirigirlo políticamente y, a través de él, dirigir a todas las masas trabajadoras. Sin esto, la dictadura del proletariado es irrealizable. La falsa comprensión del papel del Partido Comunista en sus relaciones con el proletariado sin partido, y luego en las relaciones del primero y segundo factores con toda la masa de trabajadores, constituye un retroceso teórico radical del comunismo y una desviación hacia el sindicalismo y el anarquismo, desviación que impregna todas las concepciones del grupo de la “oposición obrera”. ”²⁴

Assegura que se o apoio do Exército Vermelho em oficiais czaristas não ocasionou prejuízo no terreno militar, tudo se passa de forma diferente na economia, principalmente quando a questão econômica se destaca diante da militar, tendo em vista que a Guerra Civil chegava ao final. Critica a política do Partido de afastar os operários e os seus sindicatos da gestão da indústria e entregá-la a especialistas e técnicos formados no capitalismo. Acusa Lênin e Trotsky de desconfiarem da classe operária e da sua capacidade criativa.

Denuncia a direção do Partido por retirar das fábricas e dos sindicatos os melhores ativistas e enviá-los para os mais variados postos da República, abandonar os operários que ficam na indústria, rejeitar as suas reivindicações, o que causa um maior divórcio entre o proletariado e o Partido.

Segundo Broué, no livro múltiplas vezes referido, Kollontái e a sua tendência propõem a adoção das seguintes medidas em prol da classe operária imediatamente: “*igualdade de salários, distribuição gratuita de alimentos e produtos de primeira necessidade aos operários das fábricas e progressiva substituição de salários em dinheiro por salários em espécie.*”

²⁴ Lênin, **X Congresso do PC da Rússia** – 8/16 de março de 1921 - Tomo 43

As teses de Lênin, apoiadas por Zinóviev, Stálin e pela maioria do Comitê Central, são vitoriosas no 10º Congresso. Elas adquirem 336 votos, contra 50 de Trotsky e Bukharin e 18 dados à Oposição Operária.

Apesar das enérgicas medidas adotadas, a economia continuava decaindo. Estima-se que a produção fabril e mineira tenha caído em 1921 para 20% dos níveis de antes da 1ª Guerra, com muitos itens essenciais tendo um declínio ainda mais pronunciado. A produção de algodão, por exemplo, caiu para 5% e de ferro para 2% dos níveis de antes da Guerra. Os camponeses responderam à requisição de sua produção recusando-se a cultivar o solo. Em 1921 a extensão das terras cultivadas encolheu para 62% da área de antes da 1ª Guerra, e a colheita era apenas 37% do normal. O número de cavalos declinou de 35.000.000 em 1916 para 24.000.000 em 1920, e o gado caiu de 58.000.000 para 37.000.000 de cabeças durante o mesmo período. No câmbio, o dólar americano, que havia sido cotado em 2 rublos em 1914, subiu para 1.200 em 1920. As condições de vida das populações urbanas eram péssimas, incluídos os salários pagos. Em 1920 os sindicatos calculavam que os gastos absolutamente indispensáveis seriam de 2,5 a 3 vezes maiores que os salários.

Em virtude dessa penúria, a população urbana abandona as maiores cidades russas. Petrogrado, em 3 anos perdeu mais da metade dos seus habitantes (57,5%). No mesmo período, 44,5% dos habitantes de Moscou a abandonaram.

A heroica classe operária encolhe visivelmente em termos numéricos. Considerando o seu nível de consciência política, o recuo também foi muito grande. Na verdade não existe mais na Rússia, imediatamente depois da Guerra Civil, uma vanguarda operária. Nem mesmo se pode dizer que haja um proletariado industrial propriamente dito no País nessa época. Pelas cidades vaga uma massa de operários sem emprego ou subempregados.

Em 1921 uma onda de fome devasta as cidades e também o campo. De acordo com a estatística oficial, 36.000.000 de camponeses passam fome, chegando-se inclusive a se registrarem casos de canibalismo.

Se durante os anos de Guerra Civil, a máxima coesão partidária era exigida e isso era fácil compreender e justificar, passado o período crítico do conflito, as divergências floresciam no Partido como já se viu. Formam-se a Oposição Militar, o grupo Centralismo Democrático e a Oposição Operária. Ainda havia outras divergências internas no Partido, embora não tenham gerado tendências ou frações nacionais.

Porém outra perigosa oposição aos bolcheviques está prestes a explodir.

A situação é desesperadora. Em 24, 25 e 26 de fevereiro de 1921 os operários de Petrogrado deflagram uma greve. Exigem o fim das requisições de alimentos, melhora no abastecimento das cidades e a supressão das milícias de trabalho. Os dirigentes da paralisação ainda exigem que seja limitada à ação repressiva da Cheka. Em 24 de fevereiro o Soviete de Petrogrado elege um Comitê de Defesa.

Distante apenas 30 km de Petrogrado, a guarnição marítima de Kronstadt apoia o movimento dos grevistas.

Os marinheiros de Kronstadt exigem o seguinte: convocação de eleições para os sovietes, por votação secreta e precedida de um período de campanha eleitoral; liberdade de imprensa e de reunião para os sindicatos operários e organizações camponesas, bem como para os partidos anarquistas e socialistas; convocação de uma conferência, independente dos bolcheviques, reunindo os operários, soldados e marinheiros de Petrogrado, Kronstadt e região até 10 de março; liberdade dos presos políticos socialistas e dos presos em virtude da participação no movimento operário e camponês; revisão dos processos de detenção; abolição das seções política de educação e agitação no interior das forças armadas; igualdade nas rações de alimento destinadas aos trabalhadores; direito dos camponeses disporem de suas terras e dos seus ganhos e liberdade de produção para os artesãos que não utilizam trabalho assalariado.

Kronstadt era uma fortificação estratégica e dispunha de farto armamento e munição. Como foi explicado, é vizinha de Petrogrado. O mais grave é que o levante não estava isolado. Um exército, dirigido pelo anarquista Makhnó, controlava a Ucrânia. Na região de Tambov, um exército com cerca de 50.000 combatentes, dirigido pelo socialista-revolucionário Antonov, desafiava os sovietes. Essas 2 insurgências armadas e a de Kronstadt eram apenas as mais importantes. Ainda existiam cerca de 50 outros focos de resistência ao novo governo nas regiões rurais. A rebelião de Kronstadt, pela sua localização estratégica, poderia potencializar as demais revoltas, e ferir Petrogrado. Além disso, os últimos tiros da Guerra Civil

tinham sido ouvidos há apenas 3 meses. O governo soviético via nessa instabilidade toda uma possibilidade real de que os exércitos brancos retomassem o ataque.

Os bolcheviques, inicialmente, não recorreram às armas e tentaram negociar com os marinheiros. Porém os seus porta-vozes, enviados a Kronstadt, Kuzmin e Vassiliev, acabaram sendo presos pelos rebeldes.

O governo não poderia aceitar essa situação e decide sufocar a rebelião da guarnição pela força. Em 5 de março o Comissário do Povo para a Guerra exige a rendição dos rebeldes. Eles a rejeitam. Trotsky nomeia Tukhachevsky, que é encarregado de recuperar o controle sobre Kronstadt e lhe são disponibilizados cerca de 50.000 soldados. Em 7 de março começa o combate, que só termina 10 dias depois, com a vitória do governo. A repressão do Exército Vermelho é impiedosa. Após a derrota dos marinheiros rebeldes, entre os quais se contavam muitos bolcheviques, segue-se o fuzilamento de centenas de militares pelas ruas da Cidade. Os marinheiros eram dirigidos por correntes políticas anarquistas. Depois desse desfecho sangrento, os anarquistas se afastarão para sempre dos marxistas e dos bolcheviques.

Lênin, referindo-se à insurreição de Kronstadt, dirá no 10º Congresso do Partido Bolchevique:

*“Aqui temos uma manifestação do democratismo pequeno-burguês que reclama liberdade de comércio e clama contra a ditadura do proletariado. Mas os sem-partido têm servido de estribo, degraus, passarela para os guardas brancos.”*²⁵

O 10º Congresso do Partido ocorreu em março de 1921 e coincidiu com os combates em Kronstadt. Entretanto há outra coincidência bem mais emblemática: Também em março de 1921 é derrotada a Revolução na Alemanha. O Partido Comunista Unificado da Alemanha, seção da 3ª Internacional, embora não fosse a direção majoritária do proletariado, tinha 350.000 militantes. Orientado pela política ultra-esquerdista da Internacional da época, protagonizou uma precoce, mal preparada e finalmente fracassada greve geral insurrecional. Perdeu 2/3 dos seus membros depois da aventura, amargando perda de sua influência e um total isolamento em solo alemão. O sonho dos bolcheviques de furar o cerco do imperialismo à Rússia atrasada, que tanto carecia de técnicos e especialistas, por meio da vitória da revolução num país avançado vira pesadelo.

Aqui não cabem maiores considerações sobre a derrota na Alemanha, porém o fato é que o capitalismo e a burguesia puderam se recompor e estabilizar a situação política no Centro da Europa. Contou para tanto com o apoio imprescindível do Partido Socialdemocrata Alemão, que ajudou o governo a reprimir o movimento operário e a assassinar Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. A Rússia manteve-se isolada.

A principal consequência da derrota da Revolução Alemã sobre a Revolução Russa foi logo percebida: os bolcheviques não poderiam contar com a perspectiva de novas revoluções a curto prazo; ao contrário, teriam de adotar táticas defensivas enquanto não mudassem os ventos, trazendo um novo ascenso operário.

Referindo-se ao ano de 1921, Lênin o considera como o momento mais crítico da revolução. Apesar de consolidada a vitória militar sobre a contrarrevolução, a situação da economia é caótica, fome, desabastecimento marcam a vida nas cidades. No campo, apesar do apoio majoritário a luta contra o exército branco, houve uma profunda ruptura da aliança com os camponeses devido a necessidade de abastecer o exército e as cidades. Além do que a miséria no campo crescia.

No front internacional, a já mencionada derrota da revolução na Alemanha.

O reflexo deste quadro interno no partido foi o aumento da temperatura interna do debate e crise, o fracionamento no interior do partido, subproduto das dificuldades da situação, incidia sobre ela, na medida em que o partido majoritário poderia não apresentar uma saída razoável para as massas, fruto de sua própria divisão interna.

A conjuntura exigia da classe operária, dos camponeses e do partido, forças incomensuravelmente superiores as de outubro. O Congresso chama o partido à ordem, Lênin defende categoricamente o recuo, assim como o tinha defendido em 1918, antes que todas as forças fossem exauridas pela guerra civil.

²⁵ Citado em O Partido Bolchevique, de Pierre Broué.

Uma nova retirada, este é o conteúdo das resoluções do X Congresso, a forma em que esta retirada se expressa será tanto nas alterações no regime do partido como a NEP.

“O recuo é uma coisa difícil, sobretudo para revolucionários que estão acostumados a avançar (...) Para nós estava claro que, precisamente porque estávamos avançando com tanto êxito e obtendo tantos triunfos extraordinários ao longo de tantos anos (e tudo isso em país incrivelmente arruinado, e carente das premissas materiais!) para consolidar este avanço, já que havíamos conquistado tanto, era completamente indispensável retroceder. Não podíamos manter todas as posições que havíamos tomado de assalto; mas por outro lado, somente e graças ao fato de que o mencionado assalto foi impulsionado pelo entusiasmo dos operários e camponeses foi possível nos apoderarmos de algo tão imenso. Somente por isso temos tanto terreno e que foi possível retroceder tanto, e ainda agora podemos recuar muito sem perder o que é em absoluto o fundamental e principal.

O recuo em geral foi feito com bastante ordem, ainda que algumas vozes de pânico, entre as quais se encontrava a da “oposição operária” (e nisso consistiu seu enorme dano!), produziu entre nós defecções parciais e infrações da disciplina e da ordem da retirada. O pior da retirada é o pânico. (...)

(...) quando se avança ainda que a disciplina não seja firme, todos avançam com ímpeto e se lançam adiante pelo seu próprio impulso. Ao contrário, no recuo a disciplina deve ser mais consciente e é cem vezes mais necessária, porque quando um exército retrocede não vê com clareza aonde deve parar, vê somente o retrocesso, e em certas ocasiões bastam várias vozes de pânico para que todos se coloquem em polvorosa.”²⁶

Esta era a tática que Lênin definia para seguir avançando nos objetivos estratégicos fundamentais, manter o Estado operário em meio a mais gritante situação interna, recompor a aliança com os camponeses e desenvolver a III Internacional. Por isso a essência das medidas tomadas neste congresso é definida pelo elo condutor que nos explica Lênin, como fazer recuar preservando as posições fundamentais? Até onde recuar, e isto exigia do partido clareza e disciplina, mas o partido estava fracionado.

O congresso vota a proibição das frações e tendências, uma medida considerada provisória e claramente parte da necessidade de organizar o recuo como observa Lênin.

A NEP

Quando iniciamos os relatos dos bolcheviques no poder, nos utilizamos da síntese feita por Carr, onde afirma que a estratégia de Lênin para a transição estava baseada em dois eixos: a revolução europeia e a aliança com os camponeses. A traição da socialdemocracia termina a onda revolucionária aberta em 1914, em 1923 a Alemanha estará colocada novamente a possibilidade da tomada do poder, que foi desperdiçada.

A aliança forjada com os camponeses a partir do decreto de nacionalização das terras sofre uma profunda ruptura com a guerra civil e o comunismo de guerra. Apesar do amplo apoio que as massas camponesas depositaram ao regime dos soviets contra o exército branco que significava a volta dos antigos senhores. Mas a requisição forçada da produção agrícola e a fome que se espalha no campo, criam uma nova situação nas relações com o campo que poderia significar um isolamento ainda maior do regime.

Neste quadro exige uma nova política, o conteúdo fundamental da NEP é exposto por Lênin no 10º congresso:

*“Nos países de capitalismo desenvolvido há uma classe de trabalhadores assalariados agrícolas que se formou no curso de algumas décadas... Onde esta classe está suficientemente desenvolvida, a transição do capitalismo para o socialismo é possível. Nós temos enfatizado – numa série de escritos, em todos os nossos discursos, em toda a nossa imprensa – o fato de que na Rússia a situação não é esta – que na Rússia temos uma minoria de trabalhadores na indústria e uma enorme maioria de pequenos donos de terras. Em tal país, a revolução social pode conseguir seu sucesso final apenas sob duas condições: primeiro, com a condição de um apoio oportuno por uma revolução social em um ou vários países avançados... A outra condição é um acordo entre... o proletariado que mantém o poder estatal e a maioria da população camponesa... **Apenas um acordo com os camponeses pode salvar a revolução socialista na Rússia até começar a revolução em outros países.**”²⁷*

Nisto residia a essência da NEP, muitos autores somente tomam nota das medidas de restabelecimento do mercado e de acumulação capitalista via comércio, mas esta era somente a forma econômica do restabelecimento da aliança política que deveria ser alicerçada em bases materiais concretas.

²⁶ Lênin, **XI Congresso...** Obras Completas, Tomo 45 pág. 95.

²⁷ Lênin, Obras Completas, Tomo 44.

No quarto congresso da Internacional Comunista, Lênin explica em profundidade os objetivos centrais da NEP, no seu informe *Cinco anos da Revolução Russa e as perspectivas da revolução mundial* e seu estabelecimento no tempo. Recordando as definições fundamentais do CC de abril de 1918 que tinha como centro diminuir a velocidade e se concentrar na organização da produção e da administração estatal, deu conta de que as medidas de expropriação foram em verdade defensivas.

Explica as partes constituintes da economia soviética as quais tinha delineado em seu informe de 1918:

"1) A forma patriarcal da agricultura, ou seja, a mais primitiva;

2) A pequena produção mercantil (nela se inclui a maioria dos camponeses que vendem cereais);

3) O capitalismo privado;

4) O capitalismo de Estado e

5) O socialismo

*(...) Em seguida me perguntei: qual o elemento predominante? É claro que em um ambiente pequeno burguês, predomina o elemento pequeno burguês"*²⁸

A partir desta caracterização das partes fundamentais que comporiam a economia, e de qual o elemento que predomina, a pequena burguesia rural, a política do Estado operário deveria responder a esta questão central:

(...) em 1921 depois de ter superado a etapa mais importante da guerra civil e de ter superado de forma vitoriosa, nos enfrentamos com um grau de crise política interna – eu suponho que a maior – da Rússia Soviética. Esta crise interna colocou a nu o descontentamento não somente de uma parte considerável dos camponeses, mas também dos operários. Foi a primeira vez, e confio que será a última na história da Rússia Soviética, que as grandes massas de camponeses estavam contra nós (...)

A causa [disso] consistia em que havíamos avançado demais em nossa ofensiva econômica e não havíamos assegurado uma base suficiente, as massas sentiam o que não havíamos ainda formulado conscientemente (...): que a passagem direta a formas puramente socialistas era superior as forças que tínhamos e que se não estávamos em condições de recuarmos para tarefas mais fáceis a bancarrota nos ameaçaria."²⁹

Segundo Lênin, este avanço profundo obrigado pelas circunstâncias dava uma margem para o recuo e o restabelecimento da aliança com os camponeses. Mais uma vez a estratégia seguia tomando como referência a dialética entre o nacional e o internacional e como a revolução buscava formas de sobrevivência a partir de que o principal o poder político esta em mãos do proletariado.

A NEP substitui as requisições da produção dos camponeses por um imposto em espécie, desta forma o centro da política econômica da NEP foi permitir que a imensa massa de camponeses que constituía o grosso da economia russa pudesse vender livremente seus produtos no mercado. O resultado imediato foi restabelecer o abastecimento das grandes cidades. A liberdade de comércio, reativa o mercado, traz de volta o uso da moeda nas transações comerciais, que tinha sido praticamente abolida no período do comunismo de guerra; ao mesmo tempo em que tolera o empreendimento privado em pequenas e médias indústrias, sob controle estatal, e permite o investimento estrangeiro.

Em fim, é uma tentativa de superar o caos econômico por que passa a Rússia, pondo fim ao comunismo de guerra, ou seja, a política da "fortaleza sitiada", por meio da concessão e de uma liberalização do mercado.

A NEP começa a dar frutos positivos. A agricultura se desenvolve. Embora a maioria dos camponeses viva precariamente, os kulaks acumulam excedentes. Em 1922 a colheita de trigo se recupera e atinge $\frac{3}{4}$ da produção de antes da 1ª Guerra Mundial. Há melhora no abastecimento de alimentos das cidades e elas voltam a crescer. A indústria também se desenvolve: de 1921 para 1922, cresceu 46%, embora ainda significasse apenas $\frac{1}{4}$ do nível de antes da 1ª Guerra. Mas o fundamental, é que se restabelece a confiança dos camponeses no regime, a agitação política no campo cessa em um país de maioria camponesa, esta conquista não era um acontecimento menor.

²⁸ Lênin, Obras Completas, Tomo 45, página 296.

²⁹ Lênin, Informe ao IV Congresso da Internacional Comunista, novembro de 1922. Obras Completas Tomo 45, pág. 299.

Mas tanto no informe para a Internacional como na maioria dos seus escritos desde 1922, quando a saúde assim o permitia, Lênin estabelecia que a NEP estava vinculada a uma estratégia, diminuir o aparato do Estado que era ineficiente, mal organizado e:

“(...) salvar a indústria pesada, sem restabelecê-la, não poderemos construir nenhuma indústria, e sem esta pereceremos totalmente como país independente. Isto já sabemos com sobras.

A salvação de Rússia não está somente em uma boa colheita no campo – isto não basta –; tampouco está somente no bom estado da indústria leve que abastece os camponeses com bens de consumo – isto tampouco basta –; necessitamos, além disso, uma indústria pesada. (...)

*A indústria pesada necessita de subsídio do Estado. Se não os encontramos pereceremos como Estado civilizado, sem dizer que pereceríamos também como Estado Socialista. (...)”*³⁰

Todas estas definições estratégicas sintetizadas por Lênin neste período e comum ao partido e aos soviets tinham um significado especial, na medida em que a política do partido a partir de 1923 caminhará em um sentido oposto.

Em 1922 tanto no informe a Internacional e até seu último texto, **Poucos, mas bons**, um verdadeiro título anti-burocrático, Lênin tratou o tema da administração do Estado, tinha com centro a diminuição e eficiência do aparato, abordou o tema no plenário do Soviete, demonstrando como apesar de todos os cortes e votações para que se diminua o aparato este continuava crescer. Abordou os problemas culturais que impediam que os operários tomassem em suas mãos as tarefas da administração com eficiência, e fez votar que uma das tarefas fundamentais dos comunistas, senão a fundamental era o estudo cotidiano de todos os temas concernentes as suas tarefas, elegia como palavra de ordem: medir sete vezes antes de cortar.³¹

Refeita a aliança com os camponeses, se cumpria, portanto um dos elementos fundamentais da estratégia observados por Carr, mas o segundo eixo a revolução internacional, não se fazia presente. E mesmo a aliança com os camponeses a partir de 1923 começa a sofrer um abalo.

Desta forma em seu último trabalho, Lênin seguia os eixos centrais do discurso feito na Internacional, a luta contra o crescimento do aparato estatal, e as “deformações burocráticas” do partido. Propunha não somente a diminuição do aparato estatal:

“(...) mediante um regime estrito de economias no Estado, conseguir que toda a poupança, por insignificante que seja, se ponha ao serviço do desenvolvimento de nossa grande indústria mecanizada, da eletrificação, da extração hidráulica etc.”

Insiste:

“É assim que vinculo em meu pensamento o plano geral de nosso trabalho, de nossa política e de nossa tática e de nossa estratégia, com as tarefas da Inspeção Operária e Camponesa (IOC) reorganizada (...)

(...)Somente depurando ao máximo nossa administração, reduzindo ao máximo todo o que não seja absolutamente indispensável nela, com toda segurança nos manteremos. E, além disso, estaremos em condições de nos mantermos em um nível que se eleva continuamente e avançar sem interrupção no sentido da grande indústria mecanizada, e não ao nível de um país de pequenos camponeses (...).”

A morte de Lênin

Uma grave doença tinha atingido Lênin seriamente. Do final de 1921 ao início de 1924, ele permaneceu semiparalisado. Via-se frequentemente incapaz de falar. Era vítima de vômitos incessantes e terríveis dores de cabeça. De maio de 1922 a março de 1923, Lênin sofre 3 infartos. É vítima de um atentado, em que é baleado, em 26 de maio de 1922. A bala se aloja no pescoço, muito próxima da coluna vertebral. É obrigado a se afastar completamente de suas tarefas por cerca de meio ano.

Sua militância, desde o final de 1922 até os primeiros meses de 1923, é marcada pela ruptura política com Stálin e pelo início de uma luta contra a burocracia que este chefia. Lênin denuncia uma tendência de natureza pequeno-burguesa que diz ser inevitável num país como a Rússia a redução dos membros dos soviets a parlamentares, ou seja, burocratas, retirando-lhes o poder de decidir sobre o que

³⁰ Lênin, Informe ao IV Congresso da Internacional Comunista, novembro de 1922. Obras Completas Tomo 45.

³¹ Poucos, mas bons, Obras Completas Tomo 45, página 405. Sobre o aparelho de Estado, 1922, Discurso na IV seção do CEC.

mais importa. Lênin conclui o seguinte: “*Temos que combater essa tendência fazendo com que todos os membros dos soviets participem da direção dos assuntos.*”

Lênin, já muito abalado em sua saúde, denuncia o método burocrático e violento com que o Stálin reprimiu um caso de indisciplina partidária na República da Geórgia: a maioria dos bolcheviques georgianos se opunha à instituição de um governo único no território do antigo Império Russo em substituição aos governos das federações independentes. Chega a pedir a saída de Stálin da Secretaria Geral publicamente num artigo no *Pravda* em 6 de fevereiro de 1923. Temos que acabar “*com a burocracia não só nas instituições soviéticas senão também nas do Partido*”, afirma Lênin.

Lênin propõe a Trotsky uma aliança com o fim de retirar Stálin do Secretariado e pede que ele denuncie o burocratismo e violência com que Stálin interveio na Geórgia no 12º Congresso.

Esse será último combate de Lênin. Permanecerá inconcluso, pois ele falece em 21 de janeiro de 1924, logo depois do 4º infarto.

7. **A luta contra a burocracia**

A república soviética permanecia isolada, já vimos até onde Lênin propôs recuar para manter o Estado operário. Mas ao propor medidas de recuo a direção do partido deixava claro para as massas o caráter e o sentido deste recuo, ou mais precisamente até onde ele ia, e a manutenção da estratégia. No entanto a direção do partido a partir de 1923 converte a necessidade em virtude.

Já no fim de 1922, Bukharin propõe o fim do monopólio do comércio exterior em uma carta ao birô político, para Lênin com esta política:

*“De fato, Bukharin assume a defesa do especulador, do pequeno burguês e da cúpula do camponês contra o proletariado industrial que não está absolutamente em condições de construir sua indústria, de fazer da Rússia um país industrial se não for protegido, mas de nenhuma maneira com uma política aduaneira, e sim exclusivamente através do monopólio do comércio exterior.”*³²

Stálin e a maioria do Birô estavam a favor da proposição de Bukharin. Lênin encarrega a Trotsky a defesa de suas posições, que considera o tema como um problema de princípio. A direção quer postergar o debate e a resolução do tema, Lênin se coloca veemente contra até que a direção recua com Stálin à cabeça e aceita as proposições de Lênin.

Este episódio diz muito sobre o período aberto em 1923, a claudicação, na verdade acordo da direção para acabar com o monopólio, expressava uma capitulação frente as novas forças sociais que se colocavam em marcha na Rússia, que se refletia na composição social do partido.

O controle dos dirigentes pela base, que já vinha sendo substituído pelo funcionamento burocrático, desaparece sem deixar vestígio. Conforme Pierre Broué, no livro citado, os congressos e as conferências cedem as suas prerrogativas para os comitês; os comitês, por sua vez, transferem as suas competências para as birôs; e estes entregam os seus direitos para os seus secretários. Os secretários, contrariando as decisões congressuais, nomeiam pessoalmente os dirigentes partidários, e não prestam contas à base, mas apenas ao aparato do Partido e ao Secretariado. Broué diz: “Gera-se uma autêntica hierarquia de secretários autônoma, caracterizada por um acentuado espírito corporativo.” Esses secretários tornam-se responsáveis pelas nomeações dos chefes do Partido, dos soviets, do Exército, das fábricas, das cooperativas, dos sindicatos etc. Entre os secretários, forma-se “uma pirâmide dos secretários” em que os de cima mandam e os de baixo executam sem questionar a ordem. Segundo Broué, “*Em 1922, quase todos os postos decisivos já estão ocupados por uma camada (os apparatchiki). À cabeça estão Mólotov, Solz e Stálin.*” Em 4 de abril de 1922, Stálin chega à Secretaria Geral do Partido e se inicia o reino dos burocratas.

Neste quadro o debate vai perdendo cada vez o caráter de disputa de ideias no interior do partido, o novo corpo de dirigentes não vão agir mais de acordo com a estratégia fundamental que norteou a revolução e sim de acordo com os interesses materiais desta nova camada e das pressões sociais das classes e setores de classes alheios a classe operária.

Como a estratégia da revolução mundial foi posta de lado, a tática vai em zig-zag, da capitulação aos camponeses ricos e manutenção da NEP como estratégia até a coletivização forçada, os vai e vens da nova

³² Lênin, *Sobre o Monopólio do Comércio Exterior*, Obras Completas Tomo 45, página 353.

camada dirigente tem um fio condutor e este não é mais a a revolução mundial e a destruição do capitalismo, senão a sua autopreservação.

A crise da NEP

O crescimento econômico produzido pela adoção da nova economia política, entretanto, não foi harmonioso. O preço dos produtos industriais aumentou sem parar, afastando-se dos preços agrícolas. O crescimento econômico na indústria, segundo a conveniência da iniciativa privada, reanimada pela Nova Economia Política, concentrou-se em poucas empresas, mantendo um imenso contingente operário desempregado.

O XII Congresso do partido devia abordar todos os temas relativos a política, duas alas se apresentaram no topo da direção, de um lado Trotsky, encarregado do informe sobre a política econômica, cria uma imagem que ficou famosa: “crise das tesouras”, onde previa o aumento dos preços industriais com relação aos preços agrícolas.

A distância das duas lâminas da tesoura era a expressão do aumento da produtividade no setor agrícola, enquanto a indústria de base, a chamada indústria pesada seguia com sua produção em níveis inferiores a 1914.

Diferente do setor encabeçado por Preobrajensky, que propunha uma virada brusca, a posição de Trotsky era manter a NEP e construir a planificação a partir dos setores estratégicos, ou seja, dos setores responsáveis pela produção de bens de capital, estes deveriam receber um forte subsídio do Estado.

A maioria do birô político por este período não estava disposta a nenhuma mudança, pesava a ausência de Lênin, era o primeiro congresso em que este estava ausente. Trotsky tampouco levou a polêmica até o final, o resultado do congresso é uma solução de compromisso, um compasso de espera.

Mas as previsões de Trotsky vieram bem mais cedo do que se esperava. No final de 1922 o desequilíbrio da formação econômica produzirá outra crise, típica do modo de produção capitalista. A queda nos preços dos produtos agrícolas leva aos camponeses a reter a produção e comercializar somente uma parte da colheita. Os preços industriais disparam, rebaixando os salários dos operários, começa uma onda de greves.

O comitê Central cria um “comitê das tesouras” encarregado de propor soluções à crise. Na verdade a solução não toca nos problemas estruturais em curso, mas apazigua, como uma boa solução burocrática, a crise entre os setores em pugna: realiza uma reforma monetária que baixa a inflação, aumenta os salários urbanos e compra o excedente da produção agrícola garantindo aos camponeses ricos a manutenção de sua renda.

Este fato esvazia o discurso da oposição à política econômica e mantém a essência da política aplicada.

A oposição de esquerda e a derrota da revolução alemã

Mas a temperatura política aumenta. Em outubro de 1923 Trotsky apresenta um documento ao Comitê Central, que o porá à cabeça da corrente de oposição à burocratização do Partido e à política econômica adotada por ela, que beneficiava os camponeses ricos e os novos homens de negócio, os *nepmen*, renascidos com a NEP.

O documento que lançou a Oposição de Esquerda chamou-se “Plataforma dos 46”. Dirigentes importantes, como Rádek e Preobrazhenski, estavam entre esses 46. A “Plataforma dos 46” foi seguida de outros artigos de Trotsky, publicados no ***Pravda*** em dezembro do mesmo ano. Depois, em janeiro de 1924, esses artigos foram publicados separadamente na forma de panfleto, sob o título “**O Novo Curso**”. Afirma que não há um ambiente democrático no Partido. Textualmente expõe o seguinte:

“a burocracia do aparato do Partido se desenvolveu em proporções inauditas [quer dizer, nunca antes ouvidas] mercê da utilização do método de seleção levado a cabo pelo Secretariado. Criou uma ampla camada de militantes que se introduziu no aparato governamental do partido, renunciando por completo às suas próprias opiniões, dentro da organização ou, pelo menos, à sua manifestação pública, como se a hierarquia burocrática fosse o ente encarregado de produzir a opinião do partido e suas decisões”.

Isso gerou um autoritarismo que era, segundo as palavras de Trotsky: “10 vezes superior ao dos piores momentos da Guerra Civil”. Trotsky exige que o Partido regularize a situação e ameaça a recorrer ao conjunto do Partido caso o Comitê Central se recusasse a fazê-lo. Diz que o Partido deve procurar se apoiar

em agrupamento estável a fim de dirigir o Estado. Mas que num Partido com 500.000 membros seria impossível evitar as diferenças.

Sobre o assunto, Pierre Broué, na sua obra, escreveu que as diferenças sempre se fizeram presentes no Partido e que a sua superação e a manutenção da unidade partidária se deveram principalmente à política correta que nasceu da discussão. Lembremo-nos que Lênin muitas vezes tolerou as tendências e as frações, quando não as impulsionou diretamente. Ele também acreditava que se o próprio curso dos acontecimentos ainda por virem confirmasse a política adotada, as diferenças seriam superadas. A proibição das frações, adotada no 10º Congresso, no entendimento de Trotsky, somente poderia ter um “caráter auxiliar” no âmbito da verdadeira democracia.

A Oposição de 1923 seguia a luta contra a política econômica da maioria. Há no País uma camada de novos comerciantes (os *nepmen*), que praticamente monopolizava a comercialização de diversos produtos agrícolas e especulava no mercado, causando o aumento significativo do preço desses produtos.

Propunham que o Estado interviesse mais no âmbito econômico, que elaborasse e aplicasse um plano de desenvolvimento da indústria. Esse plano do estado, no início, deveria privilegiar a indústria pesada e a fabricação de produtos de consumo e máquinas agrícolas para o campo. O financiamento desses investimentos seria custeado por um imposto progressivo sobre as camadas mais ricas da população: os kulaks e os *nepmen*.

Assim, mesmo mantendo os mecanismos de mercado que tinham impulsionado o desenvolvimento da economia, a Oposição almejava que o Estado usasse esses mecanismos de maneira a permitir o que Preobrazhenski chamou de “acumulação socialista primitiva”, ou seja, a fim de aumentar a oferta de emprego para os operários desocupados, reduzir os desequilíbrios entre o campo e a cidade e entre os mais pobres e os mais ricos.

A Oposição de Esquerda não se conformava com a ausência de um plano estatal de desenvolvimento. Pode-se dizer que esse plano, exigido por Trotsky e seus companheiros, foi precursor dos futuros planos quinquenais, que levarão a URSS a conhecer um grande desenvolvimento econômico.

Por outro lado, deve ficar registrado que a Oposição jamais cogitou um ataque fulminante aos camponeses ricos. Ao contrário propunha a manutenção dos mecanismos de mercado por bastante tempo e assegurava que a superação dos desequilíbrios somente ocorreria paulatinamente, segundo os termos do plano governamental.

A discussão entre os que exigiam mais democracia e um plano de desenvolvimento estatal para a Rússia (Trotsky, Rádek, Preobrazhenski e outros) e a troika, como ficou conhecida a aliança entre Stálin, Zinóviev e Kámenev para enfrentar a Oposição, que pedia mais disciplina e submissão, e se vangloriava de defender os camponeses, é duríssima no Comitê Central. Trotsky é acusado de fracionalismo e o seu grupo é acusado de “trotskismo”.

Stálin, Zinóviev e Kámenev se opõem ao plano de industrialização acelerada, sugerido por Trotsky. Além de se oporem ao plano de industrialização, adotarão uma postura de defesa do aparato do Partido contra as acusações de burocratismo.

Mais tarde Bukharin, que era crítico da troika, unir-se-á a Stálin, Zinóviev e Kámenev. Bukharin perseguirá às oposições no interior do Partido e determinará que sejam denunciados todos os que se opuserem à política da maioria.

O Comitê Central apoia a troika majoritariamente.

A posição de Trotsky era claramente majoritária nos organismos partidários do Exército Vermelho. Trotsky também era acompanhado pela quase totalidade da Juventude do Partido. Pierre Broué menciona, no seu livro, que as ideias de Trotsky chegaram a contar com o apoio da maioria do Partido.

Mas Stálin e os aliados tinham no seu arsenal uma arma poderosa e a usaram fartamente: o desmantelamento e a pulverização da Oposição pela via das nomeações, destituições e calúnias. Usando as nomeações, o Secretariado isola Trotsky. A troika demite o responsável pelo Pravda, porque ele mencionou que a calúnia e a acusação infundada eram usadas como método por vários companheiros no debate. Manda os seus mais destacados aliados para embaixadas na China, Alemanha, França, Áustria. O responsável pelo Exército Vermelho, Antonov-Ovseenko, onde a posição de Trotsky é majoritária, é destituído, sob a acusação de haver expedido uma circular sobre a democracia no Partido sem a submeter

previamente ao Comitê Central. Os membros mais importantes do Partido, ligados a Trotsky em Petrogrado e em Moscou, são transferidos para localidades distantes centenas de milhares de quilômetros destes centros sob qualquer desculpa. Os indecisos, sob ameaça real ou tácita do Secretariado, esmorecem e se afastam de Trotsky.

Observe-se que, como as frações estavam formalmente proibidas, o grupo de Trotsky não podia se assumir como tal nem se beneficiar das garantias democráticas previstas para a proteção das frações e tendências partidárias. Isso facilitou a dispersão dos quadros pela burocracia.

Em virtude da fragmentação que o grupo de Trotsky sofreu e pelo desânimo e doença misteriosa que o abateram pessoalmente na reta final dessa batalha, o seu ponto de vista se fez representar muito minoritariamente na Conferência que se realizou em seguida.

Trotsky, nos anos seguintes, restringiu-se a participar das reuniões do Birô Político, que integrava. Em 21 de dezembro, acatando ordem médica, afasta-se de Moscou a fim de recuperar a saúde.

No âmbito mundial, as derrotas do proletariado seguiam-se umas às outras sem parar. Novamente o proletariado alemão desperta uma imensa expectativa na Rússia. A Alemanha, derrotada na 1ª Guerra, por imposição do Tratado de Versalhes, torna-se devedora de uma indenização altíssima em favor da vitoriosa França. Quando, devido a uma forte crise econômica, vê-se obrigada a atrasar uma das prestações da dívida, tem o Vale do Rio Ruhr, centro industrial mais importante, ocupado pelos franceses. A economia alemã se degrada ainda mais. A inflação e o desemprego atingem índices absurdamente elevados. Forma-se um caldo de cultura para a vitória revolucionária e, também, para o crescimento do fascismo.

Recorremos ao seguinte trecho do livro ***História das Internacionais Socialistas***, de Alicia Sagra, que esboça um quadro da situação política da classe operária alemã nesse momento dramático:

“Começaram a aumentar as lutas de rua entre operários comunistas e socialdemocratas contra os bandos nacionalistas e nazistas. As greves eram permanentes, havia manifestações de desempregados a todos o momento e os choques com a polícia se intensificavam. Em junho, julho e agosto foram realizadas greves de massas dos operários da cidade e do campo. Até que finalmente uma greve geral dirigida pelo Partido Comunista Unificado (seção da III Internacional) provocou a queda do governo, em 11 de agosto. Formou-se um novo governo encabeçado por Stresseman e o Partido do Povo (ligado aos maiores capitalistas), que incluía o Partido Socialdemocrata. A burguesia voltava a utilizar os dirigentes socialistas quando a situação chegava ao vermelho vivo. Porém as coisas não melhoraram [...] O governo fazia o impossível para abolir a jornada de oito horas e para proibir as manifestações de esquerda. Os principais capitalistas falavam que haveria Guerra Civil em poucas semanas. Os socialdemocratas começaram a perder influência por estarem no governo. Em contrapartida os 300.000 militantes do Partido Comunista Unificado dirigiam greves e mobilizações por todo o país, sua força crescia nos sindicatos e, principalmente, nos comitês de fábrica.

*Desde junho, Trotsky vinha insistindo na Internacional Comunista que se deveria preparar o partido alemão para disputar o poder e se oferecia para viajar pessoalmente para a Alemanha. Zinóviev, como presidente da Internacional não apoiou a posição de Trotsky, e Stálin aconselhou que ‘os alemães se contenham e não ataquem’ porque ‘se o poder na Alemanha, por assim dizer, caísse nas ruas e os comunistas o agarrassem, tal operação terminaria em um fracasso e um colapso’.” [Carta de Stálin a Zinóviev e Bukharin, citada por Carr em **O Intervalo**.]*

Assim, por política de Stálin e da 3ª Internacional, o Partido alemão deu meia volta e se recusou a lutar pelo poder, desperdiçando uma oportunidade histórica. Essa derrota abateu profundamente o ânimo das massas russas.

No início dos anos 1920, ainda foram derrotados os operários búlgaros. Em 1924 fracassou a sublevação da Estônia. A greve geral na Inglaterra foi liquidada. Os comunistas poloneses capitularam indignamente diante do golpe de estado de Pilsudsky.

Depois da derrota das posições de Trotsky, todos os quadros importantes que tinham sustentado as mesmas posições que ele tanto na Rússia como fora dela são atacados, acusados de infâmias de todo tipo, desmoralizados e afastados dos seus partidos.

A troika, de Stálin, Zinóviev e Kámenev, e Bukharin publicam uma série de artigos na imprensa contra Trotsky e opoem-se ao que chamam de “trotskismo”. Agridem, no final de 1924, a Teoria da Revolução Permanente. O Comitê Central decide alimentar essa campanha contra Trotsky em 17 de janeiro de 1925 e o ataca nos materiais partidários. Trotsky é afastado do Comissariado do Povo para a Guerra. Nessa época Zinóviev e Kámenev tentam expulsar Trotsky do Partido e, por pouco, não conseguem.

Embora situação econômica tivesse melhorado bastante desde a implantação da NEP, em 1925 a agricultura continuava muito atrasada. A indústria pesada era completamente ausente na Rússia.

Os kulaks enriqueceram ainda mais. Mesmo representando apenas 3 ou 4% dos camponeses, acumulavam 50% das terras e 60% das máquinas. Em 1925 há uma grave crise de desabastecimento de produtos agrícolas. O governo vê-se obrigado a suspender a exportação de cereais e a importação de máquinas e matérias primas para a indústria. Assim o kulak contribui para retardar ainda mais o crescimento da indústria e subordiná-la aos seus interesses.

Preobrazhenski, em meio a essa nova crise no abastecimento, escreve uma série de artigos sobre economia e política, retomando muitos dos pontos de vista que tinha expressado quando integrou a Oposição de Esquerda, que podem ser resumidos nas seguintes linhas: A Rússia realizou a revolução, mas, devido a permanecer isolada, continuava sendo um País economicamente atrasado. Por isso, não pode se beneficiar das vantagens do socialismo, como também não pode se aproveitar das do capitalismo. O kulak vende os seus grãos a preços internacionais, vincula-se por todo o tipo de contrato aos capitalistas estrangeiros e impede de se reúnam recursos para investir na indústria nacional. Preobrazhenski conclui que se deve evitar a aliança do kulak com os capitalistas internacionais porque ela é muito perigosa para o Estado operário.

Preobrazhenski afirma que no período de transição vivido pela Rússia agem forças objetivas. A 1ª força é a necessidade do monopólio socialista para enfrentar os monopólios capitalistas. Isso implicaria o controle estatal da indústria e do comércio exterior e a criação de uma base tecnológica, indispensável para o desenvolvimento industrial como um todo. Somente quando o Estado controlasse as grandes empresas, como o objetivo de impor uma política de preços favorável à industrialização, poderia desenvolver a indústria.

Assim, se o Estado pagasse ao camponês menor valor do que tem o produto dele, poderia dispor de recursos para a industrialização acelerada da Rússia, conforme um plano de governo, começando pela indústria pesada.

Acrescenta que essa centralização da economia nas mãos do Estado poderia gerar a formação de um enorme “aparato monopolista”, composto por técnicos e políticos, que se alimentaria das tendências burocráticas, que, por sua vez, freariam o desenvolvimento econômico. Contra isso, o Partido teria de desenvolver uma ação política junto ao operariado com a finalidade de construir uma verdadeira democracia operária, que dotasse a classe de instrumentos de defesa contra o Estado.

Bukharin responde ferozmente à formulação de Preobrazhenski. Afirma que ela significa explorar o camponês e ameaça a aliança dos operários com os camponeses. Afirma que essa centralização estatal apenas levaria à criação, a partir da classe operária, de uma nova classe exploradora.

Bukharin defende que o socialismo, sobre uma base tecnológica atrasada, deve avançar a passos pequenos, mínimos, arrastando o camponês.

A oposição unificada e a derrota de revolução chinesa

A troika já tinha se dividido quando Stálin, ao contrário de Zinóviev e Kámenev, se opôs e impediu a expulsão de Trotsky do Partido. Em outubro de 1925, depois de Zinóviev ter se manifestado contrariamente à posição de Bukharin na questão camponesa, o Comitê Central recusa a proposta de discutir o assunto, rompendo uma antiga tradição bolchevique de facilitar o debate.

Acontece o 14º Congresso do Partido. Nele aumenta o questionamento a Stálin. Zinóviev classifica como muito perigosa a aliança entre o kulak, a burguesia que nasceu da NEP e a burocracia que se apoderava do Partido e do Estado. Reconhece que, ao lado de Stálin, destituiu e enviou para o exterior muitos dirigentes eleitos que tinham se aproximado das posições de Trotsky. Confessa que o Birô Político realizou diversas reuniões, das quais Trotsky, mesmo tendo sido reeleito para o organismo, não foi informado. Que nessas reuniões o grupo de Stálin, Zinóviev e Kámenev, agindo como fração secreta, definia políticas e exercia uma disciplina a ser seguida nas reuniões dos organismos regulares do Partido, o que constituía caso de expulsão dos mesmos.

Outros delegados dizem que os militantes que se oporiam à política da direção se calam nas reuniões por medo de ser enviados para localidades distantes ou expulsos do Partido. Essas ameaças, transferências e expulsões, diz Krupskaya, impedem a militância de falar e agir sinceramente.

Stálin é criticado por resolver administrativamente as questões e concentrar em suas mãos o controle do Partido. Bukharin, por esses dias, permanecia ao lado de Stálin.

Stálin atribui as críticas que recebe à ameaça do mundo capitalista contra a Rússia.

Zinóviev e todos os principais quadros de Petrogrado, então denominada Leningrado, são destituídos da direção do Partido, acusados de fraudar as atas da eleição dos delegados ao Congresso.

A anterior Oposição, animada pelas propostas de Trotsky, Rádek e Preobrazhenski, e a atual inspirada nas críticas de Zinóviev a Stálin, apoiavam-se em plataformas muito parecidas: denunciavam a aliança do kulak com os ricos nascidos da NEP e com a burocracia, que degenerava o Partido sob a direção de Stálin e sua camarilha.

Kámenev também se une ao grupo de opositores. Ele e Zinóviev concluem que Trotsky e 1ª Oposição - de 1923 - estavam certos. Zinóviev e Kámenev admitem que a criação do termo "trotskismo" serviu apenas para afastar Trotsky do poder. Os 3 fazem um acordo político em torno das teses de Trotsky.

Somam-se a Trotsky, Zinóviev e Kámenev, Preobrazhenski, Krupskaya, Ioffe, Serebriakov, Krestinski e muitos outros dirigentes bolcheviques históricos entre 1926 e 1927. Denominam-se "Oposição de Esquerda" ou "Oposição Unida". São muito mais fortes que a 1ª Oposição e reúnem quadros muito mais capazes que a camarilha burocrática de Stálin. Parece certo que retomarão o controle do Partido e o reconduzirão em outro rumo.

A Oposição Unida de 1926-1927 (preferimos esse nome para a diferenciar da Oposição de 1923) é a legítima herdeira do bolchevismo e da Revolução de Outubro. Porém escreve Broué:

"Os chamados à energia revolucionária, à responsabilidade, à entrega e à luta pela verdade deixam indiferentes toda uma série de homens cansados e pouco escrupulosos que aspiram a alcançar segurança e um certo bem-estar. Ninguém quer ouvir falar da revolução permanente, se isso significa revolução contínua e ininterrupta, pois a guerra e a revolução deixaram lembranças de uma infinidade de sofrimentos atrozes, de dezenas de milhares de mortos, esgotamento, fome e desolação."

A mínima melhoria na condição de vida e o acesso à menor satisfação material, impossíveis há tanto tempo, que foram gerados nos últimos anos pela NEP, parecem embriagar muitos. O "Socialismo Num Só País", teoria formulada por Stálin em setembro de 1924, ao contrário da "Revolução Permanente" de Trotsky, se bem seja menos brilhante, está mais ao gosto de uma camada imensa de quadros partidários acomodados.

Os opositores de esquerda advertem que o caminho proposto pela burocracia e a sua aliança com os kulaks e os "nepistas" somente devolverão a Rússia ao capitalismo. Na época, a Oposição tinha convicção de que o risco de retorno ao capitalismo era imediato.

Opinavam que havia um abismo entre o Partido e as massas e outro entre a burocracia dirigente e os militantes. Essa situação aumentava ainda mais o risco de retorno ao capitalismo e destruição do regime soviético.

O programa da Oposição Unida de 1926-1927 parte das considerações econômicas e políticas de Preobrazhenski, acima apresentadas, acerca do programa de industrialização estatal, modernização da base tecnológica do País e contenção das distorções trazidas pela NEP, mediante uma prolongada e sistemática política operária, que atraia o apoio do pequeno e médio camponês.

O programa culmina com a defesa dos interesses dos trabalhadores soviéticos, na melhoria das suas condições de vida e no aumento significativo da participação dos trabalhadores nas decisões econômicas.

A Oposição Unida de 1926-1927 sustenta também o seguinte: *"contra o desemprego e contra qualquer redução salarial proporcional, por uma melhora imediata nas condições de gerenciamento dos operários, contra a má utilização burocrática da campanha de racionalização, pelo verdadeiro controle operário de salários e normas, pela independência efetiva dos sindicatos e da liderança de fábrica, e pelo direito de greve."*³³

A Oposição atua unida inicialmente. Entretanto o aparato partidário exerce uma pressão incrível sobre ela. Cerca-a e oprime. Durante os anos de 1926 e 1927 a Oposição resiste. A burocracia acusa os seus integrantes de atuarem fracionalmente. Expulsa grande parte dos seus dirigentes. Esse cerco acaba aguçando as diferenças internas da Oposição. Ela perde a sua força inicial. Primeiro, afastam-se da Oposição Unida os militantes que já não acreditam que o Partido possa se recuperar. Os que permanecem,

³³ Mandel, Trotsky como Alternativa. Xamã.

por sua vez, dividem-se entre os que renunciam à luta e sujeitam-se à burocracia e os que seguem lutando pela plataforma da Oposição. A final desses 2 anos a Oposição explode.

A derrota da Oposição coincidiu e foi muito influenciada por outro revés histórico do proletariado. Se a Oposição de 1923 foi atingida pela derrota da Revolução Alemã, agora o golpe veio do Oriente, da China, e se consumou no massacre de Cantão, havido em dezembro de 1927, quando foram assassinados cerca de 6.000 comunistas. Valemo-nos aqui, novamente, da obra de Alicia Sagra, História das Internacionais Socialistas.

A China vivia uma Revolução nacional (contra a sua ocupação por potências imperialistas, como a Inglaterra, o Japão e os Estados Unidos da América), e socialista - pela melhoria das condições de vida e pela terra - há alguns anos. Chiang Kai Shek era o principal dirigente de um partido burguês nacionalista, chamado Koumintang (Partido Nacional do Povo), que enfrentava, inclusive militarmente, as tropas estrangeiras de ocupação. Poder-se-ia admitir que o Partido Comunista Chinês fizesse frente única com o Koumintang contra os imperialistas. Entretanto a 3ª Internacional foi muito mais longe e determinou a sujeição política e mesmo o ingresso dos comunistas no Koumintang. A 3ª Internacional alimentava desmedida esperança no papel de Chiang Kai Shek, chegando a reconhecê-lo como seu membro honorário. Recomendava aos comunistas que detivessem o ascenso operário e camponês nos marcos dos acordos com o Koumintang.

Todavia Chiang traiu a confiança dos comunistas. Em janeiro de 1927 já atacava abertamente as organizações sindicais e dos camponeses durante o seu avanço militar, apoiado pelo Partido Comunista. Em 15 de julho de 1927 os comunistas foram expulsos do Koumintang.

Diante da postura do Koumintang, a Internacional deu um giro de 180 °. Passou a dizer que a guerra conduzida por Chiang Kai Shek deixara de ser revolucionária, tornando-se contrarrevolucionária, e manda que os comunistas chineses atuem de forma independente e preparem levantes. O PC Chinês realiza uma série de ações ultra-esquerdistas. Em março de 1927 organiza uma manifestação pacífica com cerca de 100.000 trabalhadores contra o anterior ataque do Koumintang às suas sedes e o seu jornal. A manifestação é dissolvida pelas metralhadoras de Shek. As ordens delirantes de Stálin são obedecidas e o PC Chinês dirige uma insurreição em Cantão em dezembro de 1927. O Koumintang respondeu com sua conhecida fúria e tirou a vida de cerca 6.000 bravos combatentes revolucionários.

A derrota brutal da Revolução Chinesa, somada ao desânimo crescente que trouxe às massas russas, selou a sorte da Oposição. Esse golpe duríssimo sofrido pela classe operária mundial foi utilizado habilmente pela burocracia para apertar ainda mais o garrote que bem manejava contra a Oposição e contra a Revolução Russa.

Na Rússia, a base do Partido é completamente diferente daquela que derrubou o Czar e Kerensky, como já foi dito. Metade dos militantes é analfabeta e não compreende as citações de Marx e Engels usadas no debate. Conforme escreve Alicia na obra citada, o Partido russo passou de 472.000 membros e candidatos a membros no início de 1924 para 1.078.000 em 1926. Esses novos militantes foram educados contra o “trotskismo” e “dispostos a votar como o aparato ordenasse.”

O kulak seguia concentrando renda e propriedades rurais.

A indústria russa chega em 1926 ao nível de produção de antes da 1ª Guerra.

A 3ª Internacional, rompendo com as políticas dos 4 primeiros congressos, abandona completamente a perspectiva da revolução mundial. A política do socialismo num só país exige não apenas esse abandono, como também uma política sistemática de evitar que a revolução estoure noutro país.

A Oposição Unida é empurrada para a uma atuação clandestina no Partido. Esforça-se para fugir das garras da polícia política – a GPU -, sucessora da Cheka.

Em janeiro de 1927 o Partido faz um censo e constata que há uma proporção de 30% de operários, 10% de camponeses, 8% de militares e 38,5% de funcionários. No ano seguinte, descobre-se que, na verdade, cerca de ¼ daqueles ditos operários são funcionários do Estado. Há uma imensa migração da classe operária para o aparato do Estado.

Stálin, depois de derrotar a Oposição Unida, resolve enfrentar a ala de direita do Partido, que refletia os interesses do kulak e dos *nepmen*. O objetivo indisfarçável é concentrar ainda mais poder em sua pessoa. A burocracia decide romper com o kulak e atacá-lo furiosamente. O governo adota medidas

extremas: expropriação dos estoques, empréstimos forçados, congelamento de preços, vigilância do preço do pão e proibição de sua comercialização direta na aldeia.

Por que Stálin atacou o kulak? Assim explica Trotsky essa aparente mudança de rumo na política da burocracia em sua obra Stálin:

“O crescimento das relações burguesas ameaçava não somente a base social da propriedade, mas também o fundamento social da burocracia; talvez tivesse desejado rechaçar a perspectiva socialista de desenvolvimento em favor da pequena-burguesia, mas em nenhum caso estava disposta a renunciar aos seus próprios direitos e privilégios em benefício desta mesma pequena burguesia. Tal foi a contradição que produziu o conflito extremamente violento que estralou entre a burocracia e os kulaks.”

A guinada de Stálin contra o kulak produz uma ruptura com os seus antigos aliados: Bukharin, Rikov e Tomsky. Eles se autocriticam e se acerbam de Trotsky. Esses dirigentes, agora rompidos com Stálin, perdem os seus postos como de costume.

Essa seria a última polêmica no interior no Partido que viria à luz. Doravante os congressos não serão mais do que órgãos sem vida destinados a referendar atas anteriormente acertadas pelas camarilhas burocráticas que substituirão as frações e tendências de antes. No Comitê Central, os diferentes setores da burocracia se acertam ou se aniquilam entre 4 paredes sem que a base partidária saiba o que houve ou por quê.

A vitória da contrarrevolução burocrática

A proibição das frações, adotada pelo Partido, por proposta de Lênin em 1921, em caráter excepcional, diante das extremadas dificuldades enfrentadas pelo Estado operário naquele período, converte-se numa regra sagrada e imutável do 15º Congresso em diante. A burocracia, a partir deste momento, apresenta o monolitismo partidário como se fosse a essência do bolchevismo desde os tempos de Lênin: mentira deslavada.

A contar de 1930, Stálin dominará completa e solitariamente o Partido. Tomsky foi o último velho bolchevique a ser afastado do Birô Político do Partido. Restaram Stálin e outros homens já formados no espírito burocrático. O Secretário-Geral domina completamente o Partido e não há qualquer possibilidade de o Comitê Central contrariá-lo nem na menor medida.

Stálin foi um dirigente sem grande brilho nem grande ideia. Porém era trabalhador, muito organizado, tenaz e sabia como utilizar o esforço alheio. Stálin tinha um talento especial para permanecer na sombra, pacientemente aguardando o melhor momento para puxar o tapete e derrubar os líderes que se faziam visíveis aos olhos de todos. Então, da escuridão ele surgia.

Após as medidas tomadas por Stálin, os kulaks semearam menos grãos. O preço do trigo subiu 20% em 1928. O kulak continuava controlando a agricultura.

O governo, diante do boicote do plantio, do aumento de preços e da fome que chega às cidades, em virtude da catastrófica situação da agricultura, vê-se obrigado a coletivizar a terra. No segundo semestre de 1929, os kulaks têm os seus bens expropriados. Eles e suas famílias são proibidos de integrar as cooperativas. Pelo menos 10.000.000 de pessoas, classificadas como kulaks e contrarrevolucionárias, são afastadas de suas casas pela força. As residências, o gado, as aves são coletivizados. Os camponeses ricos se revoltam e, quando podem, queimam as suas propriedades, matam os animais. Imediatamente são agrupadas pela GPU e enviadas para a Sibéria, onde serão submetidos a trabalhos forçados. A violência empregada nessa expropriação conhece bem poucos paralelos na história da humanidade.

A produção agrícola despenca de 1930 para 1931. A fome assola o campo russo. Não há levantamentos estatísticos, mas o próprio Stálin admitirá, mais tarde, que entre 1.000.000 e vários milhões de seres humanos morrem de fome. Aplica-se a pena de morte para os ladrões de cereais. Volta o racionamento de alimentos às cidades.

Em plena crise mundial, em 1929, a Rússia aplica uma política de industrialização acelerada. Era preciso produzir tratores, máquinas, aço e combustível maciçamente para criar uma indústria, mas também para reanimar a agricultura, mergulhada no caos.

A industrialização do País devia ter ocorrido antes e preparado as condições para a coletivização da terra. Porém esses 2 processos econômicos vieram juntos no tempo. Do modo improvisado e brutal como os burocratas coletivizaram a terra, eles acabaram inibindo fortemente o crescimento econômico. O efeito

foi um aumento da inflação, que produziu uma perda de cerca de 40% no poder de compra dos salários no início dos anos 1930.

Em 1931 começa a haver uma maior diferenciação salarial. Cerca de 75% do operariado é pago por empreitada. Há ainda um sistema de premiações pela produção. Nesses idos cerca de 20% dos assalariados embolsa 40,3% da massa salarial. Os especialistas mais privilegiados chegam a receber entre 80 e 100 vezes mais que os operários. O valor dos salários em 1932 corresponde à metade do que tinha sido em 1928. É exigida uma disciplina opressiva dos operários. A menor falta é punida com o maior rigor. Em 1932 é adotada a carta de trabalho, onde todas as faltas do operário são anotadas. A apresentação desse documento é obrigatória na contratação do trabalhador. O controle é feito pela direção das empresas. A mera ausência ao trabalho por 1 único dia pode se punida com a demissão. Em agosto de 1932 é editado um decreto que pune com a pena de morte aquele que furtasse a propriedade estatal. As condições de trabalho são péssimas. Foi essa desumana exploração dos operários, exercida pela burocracia, associada à ausência do lucro capitalista privado, à economia planificada e ao controle estatal do comércio exterior, assegurados pelo caráter operário do Estado, que embasou o grande desenvolvimento econômico russo nesse período: em 1930 a produção russa alcançava a economia alemã.

A GPU cresce imensamente em virtude do elevado número de agentes necessário na repressão dos kulaks. Essa polícia secreta é controlada pelo Secretário-Geral do Partido, Stálin, é claro. A polícia cerca toda a sociedade. A GPU converte-se em órgão policial de aniquilação de qualquer oposição ao governo.

A necessidade do Estado de reunir recursos para desenvolver a indústria, a indústria pesada sobretudo, é um disfarce excelente para a burocracia tomar dos camponeses e dos operários os recursos que sustentarão os privilégios materiais de que passa a gozar.

Em 1936 o Partido conta com 97% dos administradores de fábricas, 40% dos engenheiros-chefes. Trotsky avalia que 5.000.000 de pessoas, incluídos os familiares, sem nada produzir, ordenam, administram, dirigem e distribuem recompensas para os altos funcionários do Estado. Seriam mais 2.000.000 de burocratas nos sindicatos e no Partido. Outros 5.000.000 ou 6.000.000 se somariam à aristocracia operária que divide com os demais os privilégios.

A burocracia segue perseguindo ferozmente os seus adversários. São expulsos do Partido Zinóviev e Kámenev no início dos anos 1930.

Segue-se na União Soviética uma campanha ainda mais intensa de difamação e expulsão de qualquer militante que tivesse oposto a menor resistência à política da direção do Partido. São jogados uns contra os outros e ameaçados de morte os militantes, caso não se denunciem reciprocamente. Toda a militância se vê aterrorizada.

Não se conhecem os números verdadeiros, mas estudiosos desse período da história russa indicam que teriam sido detidas mais de 7.000.000 de pessoas e que entre 7.000.000 e 12.000.000 teriam sido condenadas a trabalhos forçados.

O Partido está já completamente desfigurado e nele não resta o menor traço da organização de Lênin. Em mais de 90% dos cargos mais importantes do Estado e do Partido encontram-se quadros que ingressaram na organização depois da morte de Lênin. A geração revolucionária fora exterminada.

8. Síntese e polêmicas

A primeira questão que se coloca nestes 100 anos da Revolução Russa, que devemos discutir é : foi possível exercer uma democracia sem parlamento? É possível que as fábricas produzam sem patrão? É possível que a administração do Estado fosse realizada por anônimos operários e operárias, que até então foram educados a obedecer?

Outubro demonstrou que é possível e necessário e a 100 anos desta revolução ela permanece mais atual do que nunca. Para nós, moderno é acabar com o capital.

A segunda questão: foram os erros dos bolcheviques os responsáveis pela burocratização? Lênin inúmeras vezes começou seus informes demonstrando a quantidade de erros e equívocos cometidos, mas antes de mais nada buscava compreender a natureza social dos próprios erros:

“Não há dúvidas que cometemos e cometeremos muitíssimas burrices. Ninguém pode julgá-las melhor nem vê-las melhor do que eu. Mas porque cometemos tantas burrices? A razão é simples: Primeiro porque somos um país

*atrasado; segundo, porque a instrução em nosso país é mínima; terceiro, porque não recebemos nenhuma ajuda de fora, nem um dos países civilizados nos ajuda. Pelo contrário (...) E quarto, por culpa de nossa administração pública (...)*³⁴

Alguns dos que renegam o legado da revolução de outubro atribuem aos erros dos bolcheviques o desvio da revolução. Por exemplo, o Secretariado Unificado, toma as medidas do X Congresso do PCR, concernente a proibição das frações utilizada posteriormente por Stálin como um profundo erro, outros tomam o programa da Oposição Operária como a política correta e alguns as vacilações iniciais de Trotsky, que não utilizou o testamento de Lênin no XII Congresso.

Não se trata aqui de afirmar que os bolcheviques eram infalíveis, mas a crítica superficial acaba por creditar uma importância decisiva aos possíveis erros de percurso, como se estes tivessem um papel decisivo no sentido de questionar a estratégia da revolução e leva-la à degeneração.

Assim das críticas superficiais passam a questionar a essência e a estratégia: a luta pelo poder, a concepção de partido e de internacional.

Nesta forma de encarar o problema é inevitável concluir que o stalinismo foi uma consequência do leninismo.

O marxismo sempre vai procurar explicar a natureza dos fenômenos políticos em suas causas sociais. Este é o método com o qual Lênin, na citação acima explica a natureza dos erros cometidos pelos bolcheviques partia de uma causa social profunda, o atraso econômico e cultural da sociedade.

Este fator amarrava o destino da revolução a uma estratégia, o desenvolvimento da revolução mundial. Não havia neste terreno meio termo, ou se impor a revolução ou o atraso econômico e o esgotamento das massas que desenvolveram ao longo de anos avanços colossais, acabaria por derrotar a revolução.

Por isso, todos os recuos e avanços propostos por Lênin, não estavam desvinculados da estratégia última da expansão da revolução.

Neste sentido, os erros de percurso, sem entrar aqui em quais foram e o mérito de cada um, foram cometidos por uma direção que tinha um caráter de classe determinado e agiam de acordo com uma estratégia determinada.

O bolchevismo tinha assim uma estratégia, a luta pela destruição do capitalismo, que somente poderia ser construída a escala internacional. O Estado resultado da revolução de outubro em que pese sua transcendência histórica era tão somente a expressão concreta de uma realidade concreta, como atesta Trotsky:

“O bolchevismo é somente uma tendência política, estreitamente fundida com a classe operária, mas não é idêntica a ela. E na União Soviética, além da classe operária, existem cem milhões de camponeses, várias nacionalidades e uma herança de opressão, miséria e ignorância. O Estado construído pelos bolcheviques reflete não somente o pensamento e vontade do bolchevismo, mas também o nível cultural do país, a composição social da população, a pressão de um passado bárbaro e um imperialismo mundial não menos bárbaro. Apresentar o processo de degeneração do Estado Soviético como a evolução de um bolchevismo puro, é ignorar a realidade social em nome de somente um de seus elementos, isolado mediante um ato de lógica pura.”

Assim, o Estado operário estava preso das condições sociais, ao mesmo tempo em que impulsionava a solução internacional de seu atraso, era também preso por esta contradição.

Assim o stalinismo foi a vitória das relações sociais atrasadas no plano interno que foi impulsionada pelo atraso da revolução mundial. Foi a expressão no campo político da vitória da contrarrevolução.

O homem constrói a sua própria história, nos explica Marx, mas não a constrói ao seu bel prazer, ainda que a construção da direção revolucionária é a condição fundamental para a destruição do capitalismo, esta opera em condições históricas determinadas:

“Seja como for, o bolchevismo jamais se identificou com a Revolução de Outubro, nem com o Estado surgido desta. O bolchevismo sempre se considerou um fator da história, o fato ‘consciente’ importante mas de nenhuma maneira o decisivo. Jamais caímos no pecado do subjetivismo histórico. Para nós, o fator decisivo – sobre a base das forças produtivas existentes – era a luta de classes, não a escala nacional, mas a escala internacional.”

³⁴ Lênin, Obras Completas Tomo 45, pág. 307.

Por isso que todas as análises superficiais sobre a vitória da burocracia deixam de considerar um elemento fundamental, que o stalinismo foi a expressão superestrutural da vitória da contrarrevolução internacional no interior da jovem república dos soviets.

E tampouco como nos explica Trotsky esta foi uma vitória pacífica:

“Em essência, o que dizem estes cavaleiros é: o partido que não contém em si mesmo a garantia contra sua própria degeneração é mal. Com este critério, o bolchevismo está condenado, pois não tem talismãs. Mas o critério é errôneo. O pensamento científico exige uma análise concreta: como e por que se degenerou o partido? Depois da purga, a linha que demarca o stalinismo e o bolchevismo não é uma linha sangrenta, mas toda uma torrente de sangue. A aniquilação de toda a velha geração bolchevique, de um setor importante da geração intermediária, a que participou da guerra civil, e do setor da juventude que assumiu seriamente as tradições bolcheviques, demonstra que entre o bolchevismo e o Stalinismo existe uma incompatibilidade que não somente é política, mas também física.”

A vitória da burocracia e sua reacionária teoria do *socialismo em um só país* criou a ilusão de que seria possível a convivência do Estado operário com o imperialismo por um tempo indefinido, sem que a burocracia atacasse as bases sociais da revolução.

As circunstâncias históricas depois da derrota do Nazismo chegou mesmo a confundir os revolucionários agrupados na IV Internacional sobre a natureza de classe da burocracia e que a longo prazo ela seria incompatível com a existência da propriedade nacionalizada.

Sobre a restauração do capitalismo e como a burocracia leva adiante esta empresa, não é o objeto deste texto, recomendamos o trabalho de Martin Hernandez sobre o tema³⁵, aqui o fundamental é ver como encarava este tema a máxima direção do partido antes da vitória da contrarrevolução, pois na medida em que são estratégias diametralmente opostas, nos dá a dimensão da ruptura, vejamos o que nos diz Lênin sobre o tema em 1919:

“Não vivemos apenas em um Estado, mas em um sistema de Estados, e a existência da República Soviética lado a lado com os Estados imperialistas por um período extenso é inconcebível. No fim, um ou outro irá vencer.”

O prognóstico de Lênin é feito sobre a base da existência de uma direção revolucionária a frente do Estado, que ainda assim uma convivência por muito tempo do Estado operário revolucionário com imperialismo seria **impossível**.

Por isso o centro de nossa militância na construção da internacional é a principal conclusão da revolução de outubro.

O desenvolvimento da luta de classes internacional ditou os ritmos e os rumos de um fenômeno inédito na história a burocracia que se apodera do primeiro Estado operário e a política de coexistência pacífica desta burocracia com o imperialismo não fez reverter a previsão feita por Lênin.

Mas diante de tudo isso, o resgate da revolução de outubro para as novas gerações de revolucionários se converte hoje, depois da explosão da burocracia stalinista em uma tarefa fundamental.

Para encerrar este trabalho queremos dar a importância do resgate e do estudo da revolução de outubro o significado que o próprio Lênin atribuiu a esta obra gigantesca da classe operária.

“Quando começamos naquela época nossa revolução internacional, fizemos isto não com a convicção que poderíamos antecipar seu desenvolvimento, mas porque toda uma série de circunstância nos obrigou a iniciar esta revolução. Nossa ideia era: ou a revolução internacional virá em nossa ajuda, e neste caso nossas vitórias estão totalmente asseguradas, ou então faremos nossa modesta tarefa revolucionária na consciência de que, em caso de derrota, não obstante, servimos à causa da revolução, e nosso experimento irá ajudar outras revoluções. Estava claro para nós que sem o apoio da revolução internacional uma vitória do levante proletário seria impossível. Mesmo antes da revolução, assim como depois dela, nossa ideia era: imediatamente, ou de qualquer modo muito rapidamente, uma revolução irá começar em outros países, nos países capitalisticamente mais desenvolvidos – ou no caso contrário, teremos que perecer. Apesar desta consciência, fizemos tudo para preservar o sistema soviético em todas as circunstâncias e a qualquer custo, já que sabíamos que estávamos trabalhando não apenas para nós mesmos, mas para a revolução internacional.”

³⁵ O livro sobre as causas fundamentais da restauração do capitalismo na ex-URSS de Martin Hernandez, *O veredito da História*, editora Sundermann.

Bibliografia

- Broué. P., O Partido Bolchevique, , Editora Sundermann, São Paulo, Brasil;
- Trotsky. L., A História da Revolução Russa, , Editora Paz e Terra, 1978, Rio de Janeiro, Brasil;
- Trotsky. L., Mi Vida, , Editora Pluma Ltda., 1979, Bogotá, Colômbia;
- Trotsky, L., A Revolução Traída – O Que é e para onde Vai a URSS, Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005, São Paulo, Brasil;
- Reed. J., Dez Dias Que Abalaram O Mundo, (Volume 1 da Coleção Bases, 14ª edição da Editora Global, 1978, São Paulo, Brasil)
- Lênin. V.I., Obras Escolhidas em Três Volumes. Editora Alfa-omega Ltda, 1980, São Paulo, Brasil;
- Kollontái. A., Oposição Operária 1920 - 1921, Global Editora e Distribuidora Ltda., 1980, São Paulo, Brasil;
- Sagra. A., História das Internacionais Socialistas, Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005, São Paulo, Brasil;
- Mandel, E., Trotsky Como Alternativa, Xamã Editora, 1ª edição, 1995, São Paulo, Brasil.
- Carr. E. H., História da Rússia Soviética, , Ed. Alianza, Madrid
- Bandeira, M., Lênin Vida e Obra, Moniz, Paz e Terra 1978.
- Lênin, Obras Completas, Progresso Editorial, 1985.
- Hernandez, Martin, O veredito da Historia, Sundermann 2008.